HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOM. DECIMO QUINTO.

F. N. Pinhr.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO XV.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1800.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO LIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da vida, e acções de Dom Sebastiaõ o Desejado, XVI. Rei de Portugal.

Era vulg. 1557

COM vozes bem expressivas de Manoel de Faria e Sousa, extrahidas da Europa Portugueza, fechei eu o ultimo periodo do Tomo precedente. Agora dou principio a este com palavras assaz lastimosas do mesmo Author, tiradas do Epitome das nossas Historias; e para haver de entrar na

Era vulg. narraçaõ da vida e da morte de Dom Sebastiaõ, unico do nome, e XVI. Rei de Portugal, que nós chamamos o *Desejado*, digo com elle a respeito deste Monarca infeliz: Que chorou o Povo Lusitano para o ter, e que chorou porque o teve. Era Portugal chegado á Época triste, mas vulgar nos acontecimentos mundanos, de se seguirem ás grandes prosperidades iguaes, ou maiores infortunios, assim como se alternaõ as bonanças e as tempestades, as serenidades e as tormentas. Esta he a ordem admiravel da Providencia, que tudo governa, ou do Author Supremo dessa Providencia, que cumprida até á decima-sexta geraçaõ dos Reis de Portugal a promessa que no Campo de Ourique fizera ao Tronco Augusto dos mesmos Soberanos, o Grande D. Affonso Henriques: se até agora dispôz e quiz, que Portugal gozasse o complemento das glorias, que podia dar o Mundo; agora para que a prosperidade o naõ perdesse, permittio que o golpe da desgraça o provasse; que hum re-

pel-

pellaõ da calamidade o combatesse. Era vulg.

Se parecia que bastavaõ para dar alta jerarquia á dor e lastima dos Portuguezes as mortes immaturas de tantos Principes, que podemos dîzer passavaõ do ventre para o tumulo; como ellas naõ enchêraõ as medidas do Decreto previsto, a mesma Providencia ordenou, que no dia 20 de Janeiro de 1554 do Principe D. Joaõ, nono filho delRei D. Joaõ III. e de sua mulher a Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V. nascesse o Desejado Rei Dom Sebastiaõ: Rei por ella previsto, e decretado para author das infelicidades de Portugal, por força de sugestões humanas o instrumento da sua ruina, causa do seu cativeiro, origem da effusaõ do seu sangue, e tudo isto naõ obstante, sempre objecto da sua saudade. Naõ ha duvida, que muitos dos nossos Escritores menos tocados della se empenháraõ, huns em roubar ao Rei D. Sebastiaõ a honra, outros fóra de tempo em lhe tirar a vida.

Era vulg:

Eu, que em outra parte já tive a honra de lha escrever apressado, disse entaõ, que ponderando altamente a idéa generosa, com que elle emprendeo na conquista de Africa o dominio do Mundo, naõ lhe negaria a gloria de sacrificar pela Fé a vida, nem o privaria da vida, que lhe deo a Fé. Agora dispindo-me destes trajos da puerilidade, que vestia nos annos verdes, farei por compôr a minha narraçaõ com ornatos de homem, continuando a dizer nella, que ElRei D. Sebastiaõ tinha tres annos de idade, quando morreo seu Avô, e que ficou encarregado á Tutoria de sua Avó a Rainha D. Catharina, que com prudencia admiravel governou o Reino até o anno de 1562, no qual as máquinas dos intrigantes a constrangêraõ a cedella na pessoa do Cardeal Infante D. Henrique, entaõ o primeiro faccionario dos interessados mais das proprias conveniencias, que das vantagens do Estado. Conheceo ElRei o fundo dos talentos da sua Augusta Esposa, e por isso lhe encarregou hu-

ma

ma commissaõ taõ importante: conhecêraõ-o os Portuguezes, e por esta causa os homens da mesma Naçaõ, que antes naõ quizeraõ soffrer que os governasse a Rainha D. Leonor por ser estranha, annos depois se lhes fez intoleravel, que a Rainha D. Catharina, tambem estrangeira, deixasse de os governar.

Era vulg.

Quando eu chego a este lugar, aonde segundo a ordem da minha composiçaõ havia dar noticia da Princeza com quem casou ElRei D. Sebastiaõ, e dos filhos que teve: considerando-o unico Principe no estado do celibato até á idade de 24 annos, perdido nos campos de Africa, profugo, vago, errante pelo Mundo, morto sabe Deos como e aonde; sem filhos, nem mulher; a herança de tantos seculos passada, transferida a alheios, a estranhos: aqui me lembra a dôr, a afflicçaõ, a lastima dos Portuguezes daquelles tempos calamitosos; e para suspender por hum pouco as memorias tristes com as lembranças da Familia Real na decima-sexta geraçaõ

ate-

Era vulg. atenuada: conforme a minha mesma ordem, eu vou a dilatar a vista pelo Estado Ecclesiastico, e pelos Officiaes da Casa, que serviraõ ao malogrado Rei na sua vida breve.

Em quanto ao Estado Ecclesiastico na nossa Igreja Lusitana no transcurso dos 21 annos, que corrêraõ até á perda de D. Sebastiaõ: elle se illustrava com a Purpura do Cardeal Infante D. Henrique. Era Capellaõ Mór D. Antonio da Silva, que teve por successores a D. Jeronymo da Silva, e a D. Fernando de Vasconcellos, Arcebispo de Lisboa. Prior do Crato o Senhor D. Antonio, e depois delle, da sua derrota, e ausencia do Reino o Cardeal Alberto, Archiduque de Austria, já nomeado pelo Rei de Castella. Prior Mór de Guimarães, D. Fulgencio de Bragança, filho de D. Jayme, IV. Duque deste titulo. Commissario primeiro da Bulla da Cruzada D. Affonso de Castello-Branco, Bispo de Coimbra, depois Viso-Rei de Portugal. Em quanto aos Bispados; de Lisboa era Arcebispo o Cardeal

Infante. De Leiria primeiro Bispo Fr. Braz de Barros, eleito em 1545, ao qual succedeo no anno da morte delRei D. Joaõ III. Fr. Gaspar do Casal, Eremita de Santo Agostinho, naõ acceitando D. Sancho de Noronha, que antes fôra nomeado. De Lamego D. Antonio Telles de Menezes, a quem succedeo Martim Affonso de Mello dos de Serpa. Do Funchal D. Fr. Jorge de Lemos da Ordem de S. Domingos, e Esmoler Mór, que teve por successor neste emprego, e no Bispado a D. Fr. Fernando de Tavora da mesma Ordem dos Pregadores. De Angra Fr. Jorge de Santiago da dita Ordem, ao qual succedêraõ na vida delRei D. Manoel de Almada, Governador da Relaçaõ do Porto, e Capellaõ Mór da Rainha D. Catharina, D. Nuno Alvares Pereira, D. Gaspar de Faria, e D. Pedro de Castilho, que foi Bispo de Leiria, Inquisidor Geral, do Conselho de Estado, Esmoler Mór, e duas vezes Viso-Rei de Portugal.

Em vulg.

Da Guarda era Bispo D. Joaõ de

Por-

Era vulg. Portugal, filho do Primeiro Conde do Vimioso. De Portalegre D. Juliaõ de Alva, primeiro Bispo em 1550, que teve por successor a D. Antonio de Noronha da Casa de Villa-Real. De Braga era Arcebispo Primaz o V. Fr. Bartholomeo dos Martyres, Dominico. Do Porto D. Ayres da Silva, Reitór da Universidade, a quem succedeo D. Simaõ Pereira de Sá, Bispo de Lamego. De Coimbra D. Manoel de Menezes, tambem Reitor da Universidade, que teve por successor a D. Fr. Gaspar do Casal. De Viseo D. Gonçalo Pinheiro, seu successor D. Jorge de Ataide, que foi Capellaõ Mór de Filipe II. De Miranda primeiro Bispo em 1545 D. Toribio Lopes, a quem succedeo D. Rodrigo de Carvalho, Fundador do Collegio de S. Pedro na Universidade de Coimbra.

Em Evora foraõ Arcebispos D. Joaõ de Mello, Presidente do Desembargo do Paço, o Infante Cardeal, e D. Theotonio de Bragança, filho do Duque D. Jayme. De Faro o memoravel

vel D. Jeronymo Osorio, que fez a mudança da Sé da Cidade de Sylves, Prelado bem conhecido pela sua erudição, e pureza da lingua Latina. De Elvas primeiro Bispo D. Antonio Mendes de Carvalho em 1571. De Goa D. Henrique de Tavora da Ordem de S. Domingos, que foi o terceiro Arcebispo successor de D. Fr. Jorge Themudo, e de D. Gaspar de Leaõ. De Cochim D. Fr. Matheos de Medina, que succedeo aos ditos D. Fr. Henrique de Tavora, e D. Fr. Jorge Themudo. De Malaca, erecto Bispado por Paulo IV. neste mesmo anno de 1557, foi primeiro Bispo D. Fr. Jorge de Santa Luzia, Dominico. De Macao, criado em 1577, primeiro Bispo D. Fr. Leonardo de Sá da Ordem de Christo. Da China tambem primeiro Bispo em 1567, D. Belchior Carneiro, Jesuita. Patriarca da Ethiopia D. Joaõ Nunes Barreto tambem Jesuita, que teve por successor a D. Francisco de Sousa da mesma Sociedade. Da Bahia D. Pedro Leitaõ, ao qual succedêraõ D. Fr. Antonio Barreiros da Or-

Err. vulg.

Era vulg. Ordem de Aviz, e D.Constantino Barradas. De CaboVerde D. Bartholomeo Leitaõ, Collegial de S.Paulo em Coimbra. De S. Thomé D. Fr. Bernardo da Cruz, a quem succedeo D. Fr. Gaspar Caõ.

Pelo que respeita aos Officios da Casa Real em tempo delRei D. Sebastiaõ, Condestavel era o Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, e depois delle foi D.Theodos o I.ie V. Duque de Bragança. Mordomo Mór D. Alvaro da Silva, Conde de Portalegre, ao qual succedeo o Conde D.Joaõ da Silva. Estribeiro Mór D. Francisco da Gama, II. Conde da Vidigueira, que teve por successores a D. Christovaõ de Tavora, e a D. Francisco de Portugal. Védor da Casa D. Filippe de Sousa. Camareiro Mór D. Constantino de Bragança, depois delle D. Francisco de Portugal, Luiz da Silva, Febos Moniz, Christovaõ de Tavora, Manoel de Sampayo, Martim Affonso de Miranda, Diogo de Miranda, Henrique Henriques de Miranda, e D. Francisco de Sá, Conde

de

de Matosinhos. Guarda Mór D. Diogo da Silveira, II. Conde da Sortelha, que teve por successores a Diogo de Miranda, a Martim Affonso de Miranda, e a Gregorio de Faria. Mestre Sala Filippe de Aguilar. Reposteiro Mór Bernardim de Tavora, seus successores Francisco de Tavora, e Alvaro Pires de Tavora. Porteiro Mór Joaõ de Mello, e depois Christovaõ de Mello. Trinchante D. Jeronymo Lobo.

Esa vulg.

Capitaõ da Guarda foi criado por ElRei D. Sebastiaõ, e o primeiro nomeado D. Francisco de Sá, Conde de Matosinhos. Escrivaõ da Puridade Martim Gonçalves da Camara. Copeiro Mór Ruy Gomes da Cunha, que teve por successores a André Gonçalves Ribafria, a D. Joaõ de Sousa, e a Sancho de Tovar. Aposentador Mór Lourenço de Sousa da Silva, e depois Manoel de Sousa da Silva. Provedor das Obras do Paço Joaõ Carvalho. Caçador Mór D. Pedro de Menezes, que teve por successores a Antonio Gonçalves da Camara, e a Pedro Gonçal-

ves

Era vulg.

ves da Camara. Armeiro Mór D. Alvaro da Costa, a quem succedeo D. Duarte da Costa, Governador do Brasil, e D. Francisco da Costa, Embaixador em Marrocos. Almotacé Mór Balthasar de Faria, que teve por successores a Nicoláo de Faria, e a Fernaõ de Castello-Branco. Alferes Mór D. Luiz de Menezes. Almirante D. Antonio de Azevedo. Fronteiro Mór D. Antonio de Castro, IV. Conde de Monsanto. Marechal D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva. Meirinho Mór D. Duarte de Castello-Branco. Capitaõ da Guarda D. Pedro da Cunha. Capitaõ Mór dos Ginetes Fernaõ Martins Mascarenhas. Adail Mór Lopo Peyxoto. Chanceller Mór Gaspar Carvalho, que teve por successores a D. Simaõ da Cunha, e a Simaõ Gonçalves Preto. Secretario de Estado Pedro de Alcova Carneiro, Conde das Idanhas, que servio aos Reis D. Manoel, D. Joaõ III., e D. Sebastiaõ.

Os Bispos que deixo nomeados, os Fidalgos que acabo de referir, huns e outros todo o tempo da vi-

da

da do ultimo dos ditos Reis illustrá- Era vulg.
raõ *os* Estados Ecclesiastico e Civil, *hum* edificante, o outro luminoso. Todo o Reino conservava ainda o explendor da grandeza; no corpo Militar ainda havia muitas creaturas da disciplina dos antigos Heroes, que fizeraõ tremer as Regiões da Africa, e da Asia; ainda brilhavaõ no Paço, scintillavaõ ainda pelas cazas dos particulares as luzes do ouro, das perolas, dos diamantes do Oriente; ainda se conservava a reputaçaõ das armas, do valor, da intrepidez Lusitanas, e o Rei menino parecia a verdadeira imagem, que era dos seus Maiores para merecer as allianças bem conformes *ás que* elles contrahiraõ com os mais altos *Diademas*. Ora nós vamos a vêr do principio da educaçaõ delRei até á sua perda em Africa, como no Reino, ainda que tudo corria para a declinaçaõ, elle conservava a grandeza, o credito, as conquistas; mas que com aquella perda elle tudo perde.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Primeiras acções da Rainha Regente na menoridade delRei D. Sebastiaõ.

1558 A tenra idade de tres annos, em que ficou ElRei por morte de seu Avô, como ella ainda era incompetente para receber a instrucçaõ necessaria, e correspondente ao alto caracter da Pessoa: a Rainha Regente applicou as luzes da sua illuminaçaõ, os esforços da sua dexteridade aos negocios do Estado, sendo primeiros os da India, para onde mandou com o titulo de Viso-Rei a D. Constantino de Bragança na fórma que eu acabei de dizer no Tomo antecedente. Continuando com o seu governo em quanto os negocios no continente do Reino naõ chamaõ as nossas attenções, nós fazemos memoria de que tanto na ida, como na volta da sua jornada, elle achou o mar bonança, os ventos galernos, e a Náo que o conduzio, fez depois déz viagens

gens á India sem mudança de fortuna. Era vulg.

Depois da sua chegada a Goa a primeira acçaõ do Viso-Rei foi despachar para o Governo de Cananor a D. Pays de Noronha, que viera do Reino provido nelle. A pouca attençaõ com que este Chefe se conduzio a respeito da pessoa do Rei, renovou em Cananor o odio concebido aos Portuguezes no tempo do Governador Martim *Affonso* de Sousa. Perturbou-se a paz, alterou-se o commercio: movimentos que obrigáraõ o Viso-Rei a mandar correr aquelles mares por cinco navios que commandava Ruy de Mello, e depois reforçallos com outros nove ás ordens de Luiz de Mello da *Silva*; mas entaõ lhe estranháraõ criticos delicados, que estando elle prestes a embarcar-se na grande Armada preparada por Francisco Barreto, que intentára fazer-se Senhor de Damaõ; o Viso-Rei preferisse a sua conquista ao soccorro, que devia levar em pessoa a Cananor. Os Mouros já naõ commettiaõ os insultos só

no

Era vulg. 1558

no mar; mas vieraõ atacar as obras exteriores da Fortaleza, donde os fez retirar cortados Luiz de Mello da Silva, que por esta occasiaõ pedio ao Viso-Rei novos soccorros.

Elle nem faltou em os mandar, nem suspendeo sobre Damaõ as negociações a que tinha dado principio. Como ellas se facilitavaõ pela divisaõ dos espiritos no Reino de Cambaya, originada da menoridade do seu Rei: espiritos no caracter taõ differentes, como eraõ os dos Rumes, Mouros, Persas, Fartaques, Resbutos, Mogores, e Abexins, que formavaõ o maior partido; da sua discordia se quiz aproveitar Francisco Barreto para metter Damaõ no numero das nossas conquistas; e da mesma com igual designio se servio agora D. Constantino que o conseguio. D. Diogo de Noronha que havia tratado na primeira occasiaõ este negocio, instruio nelle ao Viso-Rei, que com o seu parecer novamente o mandou tratar com o Ithimicaõ, e mais pessoas do partido dominante em Cambaya. Os Ministros

Era vulg.

tros encarregados da commissaõ negociáraõ com tanta dexteridade, que os da Regencia do Rei cedêraõ ao Estado o dominio de Damaõ com todos os seus termos, e jurisdicções. Entendeo-se no principio que bastaria Antonio Moniz Barreto para tomar posse, guarnecer, e sustentar as terras cedidas com a gente que estava em Baçaim, ficando o Viso-Rei desembaraçado para a guerra de Cananor; mas os acontecimentos mostráraõ o contrario.

Antonio Moniz bem informado, de que o Abexim Bofatá, que governava Damaõ com grande numero de gente da sua naçaõ estava determinado a impedir a entrega, a defender a Praça até á ultima extremidade: elle avisou ao Viso-Rei, como para desalojar de Damaõ a Bofatá era necessario todo o poder da India. Esta representaçaõ decidio a jornada de Damaõ na respeitavel armada, que estava em Goa de verga d'alto; ordenando D. Constantino antes della a expediçaõ das náos do Reino, em que

Era vulg. havia embarcar o Governador Francisco Barreto. E porque nesta figura estavaõ as cousas da India na entrada do anno de 1559, eu sou obrigado a suspender a narraçaõ dellas para dar huma volta ao Reino, aonde me chama o principio de movimentos delicados, que nelle entráraõ a agitar-se.

1559 Nos primeiros dias do referido anno entrava ElRei no sexto da sua idade, já habil para receber os primeiros elementos da instrucçaõ, e se cuidou em lhe nomear hum Mestre. O Cardeal Infante estava preoccupado pelos Jesuitas: a Rainha D. Catharina illuminada sem paixões, queria a Fr. Luiz de Granada, Dominico, ou a Fr. Luiz de Montoya, Agostiniano: o sempre grande D. Aleixo de Menezes, para desviar a Congregaçaõ, donde temia que sahisse o Mestre, animosamente combateo tudo o que tinha nome de Regular. A Oraçaõ que elle entaõ recitou he huma peça digna da immortalidade. Mas sendo a sua convicçaõ sem resistencia, o negocio naõ só esteve muitos dias indeciso;

mas

mas para o fim a que huma eloquencia taõ nervosa, taõ clara, taõ insinuante, repetida em tom quasi profetico, se encaminhava, ella de nada valeo. O Infante Cardeal rodeado de hum partido, que se naõ contrastava, para illudir o voto de D. Aleixo, para forçar a Rainha a ceder, armou a bateria pelo seu Confessor o P. Miguel de Torres, pela Camareira Mór D. Joanna de Sá, e ficou senhor do campo. D. Aleixo, que era Secular, ficou Ayo: o Padre Luiz Gonçalves da Camara, que lhe levava a vantagem de Religioso, foi nomeado Mestre.

Era vulg.

O partido desde agora dominante com o Cardeal na sua testa, menos sensivel á opposiçaõ de D. Aleixo de Menezes, escandalisado da repugnancia da Rainha, temerario nas idéas de vingança contra taõ alta Princeza: elle começou a tratar as máquinas a que nós pouco depois veremos os effeitos: huns effeitos fataes, que de taõ longe foraõ traçando ao Principe infeliz a sua ultima ruina; que já de-

Era vulg. sente formáraõ do Neto para a Avó hum rancor capaz de romper os vinculos da natureza; elles huns effeitos, que violáraõ os Direitos mais sagrados, sem attençaõ ao decóro de huma Magestade, que no seu nascimento se coroava com os Diademas sublimes de todas as Monarquias da Europa. Em quanto pois as causas agentes produzem estes effeitos, nós vamos á India acompanhar ao Viso-Rei na empreza de Damaõ.

Espirava o anno de 1558, quando D. Constantino de Bragança, tendo mandado para Baçaim ao novo Governador D. Pedro de Almeida para ter promptos os navios das praças do norte, que se haviaõ incorporar na armada, recolhido já a Goa o seu predecessor Antonio Moniz Barreto: o Viso-Rei se fez á véla na respeitavel armada de cem náos, em que além do grande numero de Nobreza, de muita gente do mar, e de serviço, de tropas Canarins, e Malabares, embarcáraõ mais de tres mil Portuguezes. Os Abexins que guarne-

ciaõ

ciaõ *Damaõ* debaixo das ordens de Era vulg.
tres nacionaes seus, que eraõ de Bo-
fatá, Cide Rana, e Carnebel, naõ se
poupáraõ a trabalho para reduzir a
Praça a estado de fazer huma defen-
sa longa e vigorosa, quando soube-
raõ que o Viso-Rei da India marcha-
va a atacalla em pessoa. Appareceo
sobre a costa da ameaçada Damaõ a
formidavel frota, que só vista mu-
dou nella em terror a que antes era
coragem. Assentou-se que as náos naõ
entrassem no rio; que as tropas da
investida desembarcassem na praia,
e por terra marchassem á Cidade; que
o Viso-Rei vendo nos seus muros ar-
vorado o estandarte dos vencedores,
entaõ com toda a armada entrasse pe-
la barra.

Dois mil homens destinados para
o avance puzéraõ pé em terra formados em cinco corpos. O primeiro
era mandado por D. Diogo de Noro-
nha, Chefe da acçaõ: os outros qua-
tro por Antonio Moniz Barreto, por
Martim Affonso de Miranda, por
Pantaleaõ de Sá, e por Pedro Bar-
re-

Era vulg. reto Rolim. Era a manhã do dia dois de Fevereiro, em que a Igreja celebra a festa da Purificaçaõ da Senhora, quando estes corpos, a maior parte formados de Fidalgos aventureiros, chegáraõ sem resistencia ás portas de Damaõ. Elles as acháraõ abertas, a Cidade desamparada, a gente e fazendas tudo em salvo da outra banda do rio: porque a vista apparatosa da armada, tantos galeões soberbos, que pareciaõ montanhas sobre o mar, de tal sorte aterrou os espiritos, que o primeiro valor passou a ser pusillanimidade. D. Manoel Rolim que marchava no esquadraõ de Pedro Barreto, foi o primeiro que entrou para arvorar em hum baluarte a bandeira que levava. A este signal convencionado o Viso-Rei commetteo a entrada da barra ao estrondo de salvas de artilharia, ao som dos vivas e instrumentos militares.

Em attençaõ ao Viso-Rei, D. Diogo de Noronha que seguia a D. Manoel Rolim, naõ quiz entrar na praça; e fóra dos muros fez arvorar o seu

seu estandarte. Correo para assistir ao desembarque do Chefe Supremo que vinha vistosamente armado, se representando o cargo na pessoa, descobrindo melhor na magestade da pessoa, que era nella diminuto o cargo. D. Diogo com semblante retratado pelas alegres côres do dia, lhe disse: Vinde Senhor, que bastou a vossa sombra para vencer os inimigos: eu sou o descontente, quando considero que conquistarmos Damaõ nos custou taõ pouco: muito barata foi huma victoria taõ bella: Vós desarmai-vos, desafrontai-vos, para que nas armas fique guardada a coragem de Conquistador, e em Damaõ entre plausivel a Pessoa nas representações de triunfante; Cesar invicto, a quem o triunfo se deve, por ser o author da conquista.

Era vulg.

O Viso-Rei dando a D. Diogo os braços, rompeo a marcha para a Cidade precedido de Fr. Belchior de Lisboa, Custodio dos Franciscanos, que na sua vanguarda levava arvorado o Santo Transumpto do Crucifica-

Era vulg. cado. O Viso-Rei ao entrar da porta lhe deo as graças com ambos os joelhos em terra, mais por hum impulso ardente da piedade propria, que para mostrar huma imitaçaõ de seu pai o Duque de Bragança D. Jayme, quando fez acçaõ semelhante na entrada de Azamor, que acabava de render. Sem demora, para todos darem cultos a Deos, mandou benzer huma das Mesquitas, que fez chamar da Senhora da Purificaçaõ em memoria do dia; por gratidaõ ao beneficio da victoria sem sangue. Depois se cuidou na segurança da praça, e se publicáraõ bandos para os moradores se recolherem a ella, aonde encontráriaõ á sombra das nossas armas a sua residencia mais feliz. Elles o queriaõ fazer; mas Bofatá postado da outra banda de Coulecca, e em Parnel com tropas numerosas; e hum grosso esquadraõ de cavallaria, naõ só lho embaraçava; mas eraõ continuos os seus insultos sobre a Cidade.

Para os rebater determinava o Viso-Rei mandar vir de Baçaim a D. Pedro

dro de Almeida com a cavallaria dos seus contornos : ordem que Antonio Moniz Barreto fez suspender, pedindo ao Viso-Rei lhe désse 500 homens; que elle marchava já a afugentar semelhantes atrevidos das visinhanças de Damaõ. Elle marcha huma noite com este corpo, e quando quiz amanhecer, já á face com os inimigos; elle se vê na frente de 120 homens; todos os mais pela escuridade da noite perdidos, e desgarrados nos caminhos. Temeroso o bravo Chefe, de que crescendo o dia, que o descobrisse aos inimigos, a sua pouca gente seria huma victima do furor dos barbaros: com a sua costumada intrepidez anima a gente, e lhe diz » Senhores, antes que os contrarios nos vejaõ, segui-me, vamos a elles; obra o valor em poucos braços o que haviaõ fazer muitos. He incrivel o ardor deste combate. Forçados os entrincheiramentos, horrendo entre as sombras o ruido das trombetas, os gritos de guerra, os golpes estrondosos, as mortes repetidas, os ais dos ago-

Era vulg.

Era vulg. agonizantes: tudo representa aos inimigos, que o poder do Viso-Rei he sobre elles; que a sua salvaçaõ está na fugida.

O temor panico os faz abandonar as trincheiras, aonde Antonio Moniz se fortifica a toda a pressa; manda assestar a artilheria ganhada para a parte por onde podiaõ voltar os barbaros recobrados, e já a este tempo se lhe incorporava a sua gente perdida. Os Abexins refugiados em huma montanha, mostrando-lhes a luz do dia o punhado de homens, de que fugíraõ, elles apressados e intrepidos se botaõ aos Portuguezes; mas a primeira descarga da sua artilharia lhes mostra o principio da derrota. Antonio Moniz os carrega com a coragem de huma gente já rica de despojos, agora sequiosa de sangue; degolla-lhes mais 500, e obriga as reliquias destroçadas a embrenhar-se no fundo dos desertos. Carregados dos preciosos despojos da bem fornecida Damaõ, entre os quaes se acháraõ 37 peças de artilharia, os Portuguezes sem algum

mor-

to, e com poucos feridos se recolhêraõ a esta Praça para receberem nas congratulações do Viso-Rei o premio mais estimavel da victoria. Ecc. vulg.

Considerou este a importancia da conservaçaõ das Aldêas de Damaõ, que se suppunha arriscada pela visinhança de Surrate, e a necessidade de fortificar melhor a nova conquista. Para a execuçaõ desta segunda parte da sua idéa, mandou elle metter mãos á obra, para que concorreo gente innumeravel do paiz, e com os materiaes, que entaõ se pudéraõ haver, em pouco tempo Damaõ foi vista rodeada de muros novos. Para a sustentaçaõ das Aldêas, que duvidavaõ acceitar Portuguezes temerosos das invasões dos visinhos, e se aforáraõ a Abexins Christãos com promessa de terem as suas gentes sempre armadas; chegáraõ a bom tempo com a cavallaria de Baçaim os dois irmãos D. Pedro e D. Luiz de Almeida. Na jornada destes Fidalgos da sua Praça para a de Damaõ succedeo hum caso com mais cores de milagre, que de acci-

Era vulg. accidente. Na sua frente hum Religioso Franciscano levava arvorada a Imagem de hum Santo Crucifixo, que ao passar hum rio, sem toque de maõ humana, se despregou da Cruz, e cahio no mesmo rio. O Religioso para socegar o movimento piedoso, e terno dos Portuguezes, como se o espirito rompesse em hum dos afflatos profeticos inspirado, com semblante alegre lhes disse: Confortai-vos, Senhores, que hoje ficaõ santificadas as aguas deste novo Jordaõ, para nellas serem baptizadas as gentilidades dos seus contornos. Como o Padre disse aconteceo com effeito, naõ passando muito tempo, que nelles se naõ contassem além de trinta mil Christãos regenerados nellas.

Para mais segurança assim de Damaõ, como das suas Aldêas, se fazia necessario o dominio da Villa, e Fortaleza de Balsar, seis legoas distante daquella praça, e que se suppunha bem guarnecida de Abexins. D. Constantino encarregou a sua conquista aos dois irmãos D. Pedro, e D. Luiz de

Al-

Almeida com a gente, que trouxeraõ de Baçaim. Naõ tiveraõ soffrimento os Portuguezes para ficarem ociosos na praça: mais de 500 voluntarios seguíraõ os passos da cavallaria, e D. Constantino teve de mover todo o campo para lhes cobrir a marcha. Bastou o estrondo della para os inimigos abandonarem o campo, a Villa, a Fortaleza, onde o Viso-Rei deixou por Comandante a Alvaro Gonçalves Pinto com 120 homens de presidio, e voltou para Damaõ com a gloria dos grandes Capitães, que venciaõ mais com o nome, que com as armas.

Fra. vulg.

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos successos da India no anno de 1559.

O Viso-Rei D. Constantino avançando o merecimento á medida da gloria, que lhe crescia, restituido a Damaõ da empreza de Balsar, ao mesmo tempo acudio a dois objectos di-

Era vulg. dignos das suas attenções. Porque corria a voz, de que os Turcos armavaõ galés no Estreito, immediatamente destacou da armada dois galeões, e dezoito navios commandados por D. Alvaro da Silveira, com ordem de lhe ir dar fogo no porto em que estivessem. Porque Damaõ, nova conquista, e as suas terras, acquisições novas, tudo interessante ao Estado, naõ só se deviaõ conservar com segurança, mas com reputaçaõ: elle nomeou para Governador da Praça a D. Diogo de Noronha: deixou-lhe 1200 homens de guarniçaõ, em que entravaõ muitos Fidalgos voluntarios: para guardas do campo comprou todos os cavallos, que D. Pedro de Almeida trouxera de Baçaim: tudo o mais proveo com grandeza, como quem olhava Damaõ o primeiro, e immortal obelysco, que elle levantava na India para a perpetuidade da sua memoria; e deixadas as ordens necessarias se fez na volta de Goa, já adquirida a primeira gloria.

Quando esta Cidade o recebia entre

tre applausos, D. Constantino se assusta com o temor, de que as numerosas Christandades de toda a costa de Negapataõ até á Cidade de S. Thomé, e os muitos Templos, que por ella havia feito edificar o zelo incançavel dos Padres Franciscanos, tudo fosse huma victima do furor, da cobiça, da barbaridade do Principe Rama Rayo, ardente na observancia do rito Gentilico, como o informou Pedro de Ataide o Inferno acabado de chegar a Goa daquella costa. Este Fidalgo lhe fez saber, que hum Portuguez malvado, em qualidade illustre, na libertinagem infame, residente em S. Thomé, fosse por promover a causa dos Bramanes abatidos, fosse movido por hum espirito de vingança diabolico, fosse por impulso da sua mesma malevolencia: este monstro escreveo a Rama Rayo, Rei de Bisnagá, viesse com o seu exercito sobre S. Thomé, que só nesta Cidade lhe assegurava despojos do valor de dois milhões: que sabida pelos moradores a marcha do Principe convidado,

Era vulg.

Era vulg. do, elle se lhes offerecêra com a pouca gente que trazia de Malaca para os defender até dar a vida: que elles naõ quizeraõ estar pela proposta, antes determinavaõ mandar-se offerecer ao Rei; e que elle vendo-os invariaveis na resoluçaõ, viera logo a Goa para lhe dar parte do perigo a que tantos Christãos ficavaõ expostos.

Naõ foraõ necessarias forças humanas para o amparo dos innocentes, para o castigo do culpado. Hum toque da maõ Suprema fez de cera o coraçaõ do barbaro para favorecer os primeiros, converteo-lho em bronze para a vingança do segundo. No caminho recebe o Rei com agrado aos Emissarios dos mercadores. Elle chega aos campos da Cidade: ordena-lhes venhaõ todos á sua presença do primeiro até ao ultimo, com hum estado dos seus bens sem reserva. Elles obedecem todos, e em tudo. O Rei pasma da simplicidade da gente: vê no cabedal a imagem da pobreza, e na figura do impio, que o enganára, nota o retrato infame da maldade. El-

le

le o manda lançar aos elefantes, que em hum instante o devoraõ: ordena aos moradores se recolhaõ pacificos, e elle com a gloria, que naõ costumaõ dar os triunfos mundanos, se recolheo vencedor de si mesmo ao seu Reino. Este he hum dos casos, em que quiz mostrar a Providencia; naõ só que todas as cousas concorrem para o bem daquelles, que amaõ a Deos; mas que o seu poder escolhe a debilidade do mundo para confundir a sua fortaleza: que pelo contrario naõ succede assim ao impio, que de huma para outra passagem já se lhe naõ acha o seu lugar, porque elle he como o pó, que o vento leva da face da terra.

Era vulg.

A guerra de Cananor em que nós deixámos occupado a Luiz de Mello da Silva, se ella até agora naõ parecia guerra, mais que na rotura do commercio de ambas as partes, daqui em diante entráraõ a ser vivas as hostilidades, que eu já refiro. Aquelle alentado Fidalgo, que com frequencia cruzava os mares, chegando

Era vulg. a Mangalor, cidade amiga, soube que nella estava hum navio pertencente aos Mouros de Cananor, e ordenou aos Capitães Antonio Tavares e Gonçalo Sanches o fossem tirar do porto, e lho trouxessem. Oppuzeraõ-se a este intento os de Mangalor, que sem demora foraõ castigados por Luiz de Mello naõ menos que com a pilhagem, e incendio geral da cidade. Este golpe imprimio dôr indissimulavel nos Mouros de Calecut, que havida permissaõ do Çamorim, fizeraõ sahir ao mar com doze navios ao Turco Odo para se unir a seis de Cananor, e despicarem sobre Luiz de Mello a injuria recebida. Só a frota de Calecut reduzida a sete navios sustentou o combate, em que os Portuguezes tomáraõ todos; passáraõ as tripulações á espada; o bravo Odo morreo afogado; a esquadra de Cananor pôz-se em cobro: mas os vencedores tiveraõ muitos feridos, e trinta mortos, em que entráraõ D. Joaõ de Lima, e hum irmaõ de D. Braz de Almeida. Quando os Mouros do Malabar se con-

conjuravaõ contra os Portuguezes escandalizados desta victoria, Luiz de Mello sem licença, e por motivos que nós ignoramos, appareceo em Goa. O Viso-Rei tendo por huma falta abandonar elle o seu posto, o mandou prender em Pangim, e naõ consentio que a armada entrasse no porto. Era vulg.

Taõ sensivel se fez aos Fidalgos esta demonstraçaõ usada com outro cheio de merecimentos, que apertando a necessidade de ser Cananor soccorrido, rogando D. Constantino a muitos para acceitarem o governo da armada, todos se excusáraõ, e a huma voz diziaõ, que elles naõ aggravavaõ a injuria feita a Luiz de Mello. D. Constantino, que quando a prudencia o requeria, para ceder naõ duvidava esquecer-se que era Principe; querendo reparar o seu excesso foi em pessoa a Pangim; satisfez a Luiz de Mello; soltou-o, e com palavras de honra lhe ordenou voltasse para Cananor na frota reforçada com mais 500 homens. Mudou-se em gratidaõ o aggravo de Luiz de Mello, que promet-

Era vulg. teo servir de modo, como se entaõ o principiasse a fazer. Na sua chegada á fortaleza achou elle mettido em afflicçaõ ao Governador D. Payo de Noronha pelas noticias que pouco depois lhe fizeraõ certas as suas espias, de que Ade Rajáo tendo ajustado huma liga com todos os Reis do Malabar, e com todos os Mouros que viviaõ nelle, determinava marchar com hum corpo de cem mil homens dos colligados para de hum repellaõ arrancarem na nossa fortaleza pelos fundamentos o escandalo de toda a Costa.

Naõ tardou em apparecer com o romper do dia em torno da fortaleza esta chusma de homens, que devia marchar á surdina, e que Diogo de Couto teve tempo de contar bem pelo miudo. Fossem elles cem, ou menos de cem mil, o certo he que apinhoados, e sem ordem, conduzidos mais da audacia, que do valor, elles arremettêraõ á fortaleza em roda para a levarem de hum golpe de maõ. Doze horas successivas, sem perder tiro, estiveraõ os Portuguezes a fazer fo-

fogo sobre hum montaõ de furiosos, que buscavaõ a vingança, naõ faziaõ a guerra. Dizem que delles ficáraõ quinze mil mortos no campo, dos Portuguezes vinte e cinco. Tambem se affirma que quando D. Payo de Noronha, Luiz de Mello, e D. Antonio de Vilhena Manoel no maior ardor do combate animavaõ as tropas, entráraõ pelo meio dellas os Padres Franciscanos com hum Crucifixo arvorado, clamando que hum dos seus Religiosos víra no zimborio da Igreja ao Espirito Santo na figura de Pomba rodeada de luzes: que como elles tinhaõ a Deos comsigo, defendessem intrepidos a causa de Deos. Entre outros soldados que neste dia se assignaláraõ, nos representaõ o desembaraço de Francisco Riscardo em lançar sobre os inimigos inundações de fogo de arremeço, semelhante a Jupiter Tonante entre trovões e raios fulminando aos Encelados atrevidos.

Era vulg.

Por estes tempos o Imperio de Ethiopia atacado pelos Turcos, e outras Nações visinhas soffria o mal de mui-

Era vulg. muitas guerras, que impediaõ ao Bispo, que nós deixámos marchando de Arquico para a Corte, a execuçaõ dos desejos de tratar com o Imperador sobre os pontos da sua Legacia. Elle o conseguio este anno com taõ poucas vantagens, que nada pôde lograr da contumacia do Imperador. Elle quizera voltar-se para a India, e instruir ao Patriarca na verdade das informaçóes que se haviaõ dado ao Governador Francisco Barreto, e quanto elle obrára prudente em naõ executar as ordens delRei, respectivas á sua passagem á Ethiopia. Mas instado pelos muitos Portuguezes estabelecidos no Imperio, e por outros Christãos do paiz, que lhe propuzeraõ o seu desamparo, a falta da doutrina nutriçaõ do espirito, o perigo de poderem apostatar; elle preferio o exercicio da caridade a todos os outros respeitos. No discurso deste anno teve elle varias conferencias com o Imperador, e sendo as resultas sempre as mesmas, o Bispo animoso fulminou huma Excommunhaõ sobre os Christãos, especialmen-

mente Portuguezes, que o servissem e o tratassem: idéa arrojada, que podia ter consequencias; mas ellas paráraõ, em que o Imperador a branduras e a durezas naõ se abalasse.

Era vulg.

D. Alvaro da Silveira que navegava de Damaõ, donde o despedio o Viso-Rei, para ir ao Estreito, e no porto de Moca dar fogo a quatro galés Turcas, que estavaõ ás ordens de Cafar: achando-as prevenidas, naõ podendo investillas senaõ de proa, nem manobrar nos canaes apertados, teve de abandonar a empreza para cruzar na boca do Estreito. O Turco Solimaõ que naõ se esquecia da perda das outras galés, que os Portuguezes ganháraõ a Alechelubi, e de que foraõ destroçar o resto em Surrate; para despicar esta affronta aceitou agora a offerta de hum bravo Official, que lhe prometteo fazello senhor da Ilha de Baharem, visinha de Ormuz, para lhe ficarem seguras as entradas, e sahidas das suas galés no Estreito. O Graõ Senhor o mandou logo marchar para Baçorá, onde se lhe aprompitáraõ

duas

Era vulg. duas galés, e setenta embarcações ligeiras com 1200 Turcos de desembarque, que se postáraõ sobre a fortaleza de Baharem. Era o seu Governador Rax Morado, genro de Rax Nordin, Ministro do Rei de Ormuz, que logo avisou ao sogro e ao Governador D. Antaõ de Noronha da chegada dos Turcos em seu prejuizo.

Este Chefe de Ormuz querendo honrar no uso das armas a D. Joaõ de Noronha, filho de hum seu irmaõ Ecclesiastico, lhe encarregou o commandamento de dez navios carregados de munições, e viveres para a praça: deo-lhe ordem que atacasse as embarcações dos Turcos, as queimasse, ou elle morresse na empreza, lembrado de ser filho de hum clerigo, que se entaõ naõ ganhasse honra, nunca a teria, sendo-lhe melhor naõ viver. O moço ainda que alentado, por seguir o conselho dos seus Capitães, que lhe propuzeraõ dilações, quando os navios Turcos fugindo buscavaõ o porto, naõ só malogrou acçaõ taõ bella, mas veio aos ter-

termos de se perder. Pouco depois chegou D. Alvaro da Silveira com a sua armada, que facilmente tomou as galés dos inimigos, degollou todos os Turcos, que achou a bordo, e formando-se em linha deo de si á fortaleza huma agradavel vista. Os Turcos que faziaõ o sitio, na consideraçaõ dos navios tomados, dos soccorros impedidos, já se reputavaõ escravos.

Era vulg.

Consultáraõ prudentes D. Alvaro, e o Rax Morado, que o melhor meio para assim lhes succeder, era bloquear os Turcos, embaraçar-lhes a entrada dos viveres, e obrigallos a render por fome. Os soldados da India tinhaõ muito de ardentes, pouco de subordinados para se sujeitarem ao methodo desta guerra flegmatica contra sua vontade. Sediciosos, rebeldes, e armados, huma, e muitas vezes pedem a D. Alvaro os leve aos inimigos, que querem ter a gloria de vencer com o ferro, naõ á fome; que se elle he hum fraco, e Morado outro, que fiquem ambos em porto se-

gu-

Era vulg.

guro, que elles vaõ buscar o dos perigos para mostrarem que saõ valentes. Instancias, rogos, ameaças dos Chefes nada basta para applacar o tumulto; mas a desobediencia dos valentes depressa foi castigada. D. Alvaro os levou á batalha, em que o seu valor obrou acções dignas da immortalidade, façanhas incriveis, intrepidezas sobre todo o encarecimento, até que aberto em feridas cahio morto. Sem tanta honra, ainda que obrando assombros de coragem, acabáraõ com elle setenta dos revoltosos, em que entráraõ alguns vinte Fidalgos da primeira Nobreza de Portugal: cativos ficáraõ trinta.

Pedro Peyxoto que succedeo a D. Alvaro no emprego, naõ perdeo o acordo com esta desgraça, ainda que para a vingar quiz esquecer a observancia da boa fé Portugueza. Depois de fazer recolher na fortaleza a D. Joaõ de Noronha com a gente que trouxera de Ormuz; de postar novamente a armada em fórma, que apertasse mais o bloqueio; de avisar

do

do successo a D. Antaõ de Noronha, Governador de Ormuz, para tomar medidas correspondentes ao aperto do tempo; elle entra a negociar com os Turcos hum Tratado, em que lhes promettia transportallos a Catifa, resoluto porém a fazellos em postas depois de embarcados. Entre tanto chegavaõ os avisos a Ormuz, onde D. Antaõ de Noronha naõ perdeo tempo em dispôr o Rax Nordim para tomar a soldo tres mil Persas, elle preparar a armada com 400 Portuguezes, e partirem ambos a buscar na destruiçaõ dos Turcos a vingança da reputaçaõ, e do sangue. O terror que elles concebêraõ á vista da frota devia accelerar a resoluçaõ, ou de nova batalha, ou de outro ajuste mais vantajoso, e mais fiel, que o de Pedro Peyxoto.

Era vulg.

Huma, e outra cousa impedíraõ já interesses privados, já a perfidia de alguns dos nossos auxiliares. Morreo o Baxá Commandante dos Turcos das feridas que recebêra na batalha de D. Alvaro. Succedeo-lhe outro mais valente, que sabia resistir á fome, que ti-

Era vulg. tinha industria para fazer, que do nosso campo lhe levassem mantimentos; que animado com a esperança dos soccorros de Baçorá, que lhe promettia Mamede Bec, Baxá de Catifa, determinou soffrer o bloqueio, sustentar o campo, expôr-se a todo o perigo para sahir do lance com honra. Deste modo de se conduzir o novo Baxá, nascêraõ idéas novas para D. Antaõ renovar as negociações, que trouxeraõ o Mamede Bec a Baharem. D. Antaõ que lhe conhecia a perfidia, teve industria para o fazer assassinar. Esta morte exasperou os Turcos, que rompêraõ as medidas lançadas para a concordia. Em fim, depois da perda do tempo huma epidemia acabou a guerra. Nella morrêraõ mil Turcos: os nossos sentíraõ calamidades, que sendo reciprocas, reduzíraõ os dois partidos a huma capitulaçaõ com as condições seguintes: Que os Turcos entregassem as armas, os cavallos, os cativos, e pagassem de contado doze mil cruzados para os gastos da armada: que os Portuguezes lhes dariaõ

riaõ embarcações para passarem á outra banda, e postos na terra firme de Catifa, continuariaõ a jornada para Baçorá sem gloria, nem interesses. Era vulg.

CAPITULO IV.

Continuaçaõ dos negocios da India no dito anno de 1559.

As agradaveis noticias, que se recebêraõ este anno em Portugal dos admiraveis progressos da Religiaõ Catholica em muitas partes da Asia, tocáraõ com tanta sensibilidade os espiritos piedosos da Rainha Regente, e do Cardeal Infante, que para promoverem os seus avances determináraõ estabelecer novos Bispados, demarcando os termos das suas jurisdicções. Para isso, em nome do Rei D. Sebastiaõ, impetráraõ do Papa Paulo IV. erigisse em Arcebispado a Igreja Episcopal de Santa Catharina de Goa, até entaõ suffraganea do Funchal: que criasse Bispados as Igrejas de Santa Cruz de Cochim, e de Nos-

Era vulg. Nossa Senhora da Assumpçaõ de Malaca, ambas annexas ao Arcebispado de Goa. Concedida a graça, de que foi Juiz executor o Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Menezes, elle fez a demarcaçaõ dos limites de cada huma das ditas Igrejas, a saber: para o Arcebispado de Goa tudo o que corre do Cabo de Boa-Esperança até Ormuz, de Ormuz a Cananor, com todas as Ilhas suas adjacentes: para o Bispado de Cochim o que vai de Cananor até Bengala e Pegu, entrando toda a costa da Pescaria, Negapataõ, e S. Thomé, a Ilha de Ceilaõ, e outras muitas: para o de Malaca se marcou a vasta extensaõ que vai de Pegu á China, o grande Archipelago, aonde saõ innumeraveis as Ilhas; em que já havia hum numero monstruoso de Christãos, que crescendo com o tempo, foi causa de se criarem depois Bispados na China, e no Japaõ.

Para as novas Igrejas foraõ logo eleitos Arcebispo de Goa D. Gaspar de Leaõ, que era Conego em Evora; Bispo de Cochim D. Fr. Jorge Themu-

mu-

mudo, Dominico; Bispo de Malaca D. Fr. Jorge de Santa Luzia, tambem Dominico. Nas seis náos, que neste anno sahíraõ do Reino para a India ás ordens de Pedro Vaz de Siqueira embarcáraõ os dois Bispos, ficando o Arcebispo para a monçaõ do seguinte. Nós temos visto o que pertence á criaçaõ do Patriarca da Ethiopia, e parte dos successos do Bispo D. André de Oviedo no mesmo Imperio: narraçaõ, que eu já devo concluir para me excusar ao fastio da repetiçaõ. Era o Bispo Oviedo hum homem cheio daquelle espirito, que forma Apostolos, como nós temos observado em muitas das suas acções, e o fez evidente nas ultimas do seu ministerio.

Era vulg.

He verdade, que este Prelado por zelo alterou as maximas da Religiaõ Santa, que quer entrar com doçura nos corações por meio da insinuaçaõ, da persuasaõ, especialmente nos paizes infestados do erro, onde a doutrina, e naõ o homem he quem move os homens. Já dissemos, que pelo contrario se portára o Bispo Oviedo com

o

Era vulg. o Imperador da Ethiopia, que com vivacidade excommungou, com intrepidez declarou scismatico, com audacia quiz apartar os hómens da sua communicaçaõ. Pouca impressaõ podia fazer em hum Principe herege demonstrações semelhantes. Elle as soffreo politico pela necessidade, que tinha dos Portuguezes no serviço da guerra. Ainda estes se dividíraõ em bandos, huns pelo Bispo, outros pelo Imperador, a quem communicavaõ quanto se passava. A morte de Claudio no ardor da guerra azedou mais os negocios espirituaes por ser nos humores indigesto o seu successor Adamas Seghed, inimigo capital da nossa Fé.

Com este novo Dominante se fez mais austéra a condiçaõ do Bispo, especialmente na teima de naõ lhe querer entregar dois Religiosos Abexins, que attrahidos das doutrinas Evangelicas, buscáraõ o seu amparo. Na propria presença do Imperador foi sobre este ponto a resistencia do Bispo muito mais dura. Vendo elle que o Principe passava das ameaças ás execuções,

co-

Era vulg.

como hum dos Pentathlos da Lei da Graça, com os joelhos em terra descobrio a garganta para receber o golpe. O Imperador á vista da acçaõ no meio da colera, lhe diz: Ide-vos, que naõ quero dar-vos a gloria, de que morrais martyr ás minhas mãos. Depois destes successos laborou sem freio a perseguiçaõ. Christãos naturaes, e estrangeiros padecêraõ muito. O desgosto destas calamidades privou da vida presente ao Patriarca sem sair de Goa. Nós quizeramos tirar da Ethiopia aos nossos Missionarios, ali inuteis; mas naõ o podémos conseguir. Alguns rendêraõ as vidas em obsequio da Fé. Os mais com o seu Bispo acabáraõ rodeados de miserias feitos huns espectaculos ao Mundo, aos Anjos, aos Homens.

O zelo ardente do Viso-Rei D. Constantino pelos interesses da Religiaõ, quiz remediar na India estas desordens da Ethiopia. Elle observou, que até ao seu tempo os Gentios convertidos viviaõ pobres, abatidos, ainda entre os Portuguezes sem estimaçaõ:

Era vulg.

que pelo contrario os Idolatras eraõ os ricos, os recommendaveis, estimados de todos: politica indigna, que aggravava o jugo aos convertidos, como se a sua resoluçaõ de abraçarem o Christianismo de necessidade os houvesse de expôr a huma perseguiçaõ de Portuguezes, e nacionaes. De hum golpe cortou D. Constantino este abuso escandaloso, já admittindo os Gentios convertidos a todas as honras, já franqueando-lhes a entrada do Paço até ás suas antecamaras particulares, quando pelo contrario aos Idolatras fazia fechar todas as portas, de tudo os excluia, e tendo-os na rua, chegava a huma janella para lhes dar audiencia: idéa, que pareceo pelos effeitos inspirada, naõ só para andarem na face das gentes mais luminosos os recem convertidos; mas para se deixarem illuminar innumeraveis do povo infeliz, que vivia de assento nas trévas do Paganismo. Logo veremos outro impulso do zelo de D. Constantino pela Religiaõ na guerra pela Costa de Pescaria.

Ago-

Era vulg.

Agora com a chegada das náos do Reino, vendo elle na India abundancia de homens, a armada numerosa, o erario rico, determinou reforçar a Luiz de Mello da Silva, que andava vencedor no Malabar. Elle lhe enviou dezasete navios com 600 homens, de que eraõ Capitães D. Filippe de Menezes, D. Paulo de Lima Pereira, Gonçalo Pires de Alvelos, e outros, com ordem de fechar os portos de Calecut e Cananor, para que huns aos outros se naõ provessem. Com bello discernimento distribuio o Chefe parte das suas forças pelas embocaduras dos rios que ficáraõ impenetraveis, como se lhes deitára grossas cadeias: elle com o impeto do raio girava toda a Costa abrazando em mar, e terra quanto encontrava na sua frente. Pelo rio Maim, aonde estava Gonçalo Pires de Alvelos, vieraõ correndo sete paraos bem armados para forçarem o passo, e os nossos lhe mettêraõ hum a pique; mas o descuido de hum soldado fez atear o fogo em varias panellas de polvora, que foi causa de voar huma das nos-

Era vulg. sas fustas com quantos tinha a bordo: desgraça que facilitou passarem os paraos sem maior dano.

Com a noticia da infelicidade succedida em Baharem a D. Alvaro da Silveira, e de que nesta guerra se empenhava D. Antaõ de Noronha com todas as forças de Ormúz: o Viso-Rei no mesmo instante fez sair para aquella Ilha a doze navios, em que embarcáraõ muitos Fidalgos parentes e amigos do Silveira, e Noronha, entre elles Vicente Dias de Villa-Lobos, D. Pedro de Castro, Ruy Gonçalves da Camara, Tristaõ de Sousa, e Balthazar da Costa. Estes navios, sem esperarem huns pelos outros, a toda a força de véla foraõ em demanda de Baharem, aonde achároõ a guerra acabada, e a D. Antaõ já recolhido. Vieraõ os Fidalgos a Ormuz congratular-se com elle da victoria, chorarem a perda de D. Alvaro, a falta de tantos homens benemeritos, e sujeitando toda a armada ao commandamento de Balthazar da Costa, voltáraõ em conserva para Goa consternados sem despique.

Pe-

Era vulg.

Pelo mesmo tempo Cide Bofatá, e Cide Rana, sentidos da perda de Damaõ, e desassombrados do poder do Viso-Rei, corriaõ os campos de Balsar com 600 cavallos, e grande copia de infantaria. Com vinte lanças, cem Portuguezes, e 500 homens da terra lhes saiu ao encontro o Governador da fortaleza Alvaro Gonçalves Pinto. No principio da refrega foi sua a vantagem com morte de muitos barbaros; mas atropellado o valor pela multidaõ, Bofatá ganhou huma victoria completa com perda de todos os Portuguezes, do seu Chefe, e de 150 auxiliares. Entendeo o Barbaro, que a fortaleza tinha de ser hum dos despojos do triunfo; mas desenganou-o a coragem de Joaõ Gomes da Silva, que era hum simples soldado da fortuna. Este bravo homem com outros vinte de coraçaõ tamanho como o seu, repellio todos os ataques dos vencedores com valor heroico, até que chegou de Damaõ Tristaõ Vaz da Veiga com dez bateis, que lhe mandava de soccorro D. Diogo de Noronha lasti-

Era vulg. timado da perda de Alvaro Gonçalves.

Aquelle Fidalgo fazendo sobre os Abexins hum fogo vivo, rompendo a sua resistencia, entrou na fortaleza, e no seu coraçaõ deo entrada ao estimavel Joaõ Gomes. Como naõ tornáraõ os inimigos a apparecer, Tristaõ Vaz se recolheo a Damaõ, ficando a fortaleza encarregada a Affonso Dias Pereira. Passados poucos dias os Abexins vieraõ sobre ella, e este Official naõ tendo soffrimento para os esperar dentro dos muros, saiu contra elles a campo, aonde deixou a vida com outro successo em tudo semelhante ao passado. Entráraõ os inimigos na fortaleza de mistura com os que fugiaõ; mas na subida das escadas foi taõ dura a resistencia dos nossos, que elles se contentáraõ com ficar em torno dos muros fazendo hum fogo vago. Naõ tardou em soar o da artilharia dos navios, em que pelo rio acima vinha Luiz Alvares de Tavora soccorrer os leões opprimidos, que achou em figura de leões assanhados

pa-

para devorarem a preza. Com a vista deste Fidalgo fugiraõ os inimigos. Elle derramou huma torrente de honras sobre os poucos homens, imagens dos Heroes, taõ dignos dellas; e segundo as ordens, que levava do Viso-Rei, desamparou a fortaleza, origem de mais ruina, que de interesses.

Era vulg.

Os Abexins naõ quizeraõ servir-se della; arrazáraõ-a, e mudáraõ a figura de guerreiros na de salteadores das terras, e aldêas de Damaõ. Em huma destas invasões, mal succedidos no assalto do forte de S. Gens, foraõ investir a Tarapor, aonde Martim Lopes de Faria com quarenta homens os pôz em vergonhosa retirada; custando-lhe a victoria a vida pelas muitas feridas que recebeo no combate. D. Diogo de Noronha a despicou valeroso; porque seguindo-os com as forças de Damaõ, e alcançando-os junto a Valpim, depois de hum choque sanguinolento os fez em postas, e se recolheo rico de despojos. Custando esta acçaõ aos inimigos, alem da perda de todo o seu arraial, quantidade de mor-

Era vulg. mortos, da nossa parte só houveraõ alguns feridos. D. Diogo deixando as terras bem guarnecidas, e os Abexins taõ cortados, descançou o fim deste anno em Damaõ á sombra do triunfo.

CAPITULO V.

Entraõ os successos do anno de 1560, sendo o primeiro a resoluçaõ que tomou a Rainha de largar a Regencia do Reino.

1560 A Rainha D. Catharina penetrada de amarguras até ao fundo do espirito, vendo a liberdade do Rei seu neto bloqueada pelas maximas do Mestre o Padre Luiz Gonçalves da Camara; a consciencia do Cardeal Infante posta em sitio pelos ataques do seu confessor o Padre Leaõ Henriques; a sua subprendida pelas invectivas do Padre Miguel de Torres, que a confessava; conjurados estes tres Jesuitas a vingarem na sua Augusta pessoa a opposiçaõ, que fizera á eleiçaõ de Mestre da mes-

ma Sociedade para ElRei: ella se quiz descartar dos desgostos com o alivio do pezo de governar, e recolher-se ao Mosteiro da Esperança. Com este designio, e para que o Cardeal Infante fosse o seu substituto, escreveo ella aos Tres Estados do Reino a Carta datada a 24 de Dezembro deste anno, em que lhes expunha os motivos que a obrigavaõ a esta renuncia.

Era vulg.

Naõ logrou ella entaõ os seus intentos por se lhe opporem com instancias vivas, e energicas o Senado da Camara de Lisboa, os Bispos do Porto D. Rodrigo Pinheiro, o de Leiria D. Fr. Gaspar do Casal, e sobre todos o Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeo dos Martyres com o desembaraço do seu espirito Apostolico em huma carta, que ao mesmo tempo descobria o ardor do zelo pela honra de Deos, e o excesso de amor ás vantagens da Patria: carta, que depois se julgou escrita em tom profetico, quando o tempo descobrio verificadas as suas predicções; e carta, que respirava hum ar Apostolico nos amea-

Era vulg.

ameaços, que nella fazia á Rainha, de que se naõ desistisse dos seus intentos, tambem elle largaria a *braga* (era o Arcebispado) que ella o constrangêra a acceitar, sendo hum grilhaõ, de que se desejava vêr livre, para ir passear solto nos corredores do seu Convento de S. Domingos de Bemfica, aonde era Prior quando lhe lançáraõ a braga. A condescendencia porem da Rainha pouco depois foi por ella revogada, servindo o tempo da duraçaõ para o Triumvirato referido injuriar com maiores indecencias o decoro da Magestade, que teve de romper as medidas da tolerancia.

He memoravel este anno pela entrada da Religiaõ Catholica no vasto Imperio do Monomotapa. Esta grande Regiaõ he a Ethiopia inferior, ou Africa Austral, que corre do Equador ao sul até ao Cabo de Boa-Esperança. O mar Oceano a banha pelas partes do Levante, Poente, Meio-Dia, e ao Norte confina com a enorme extensaõ da Africa Septentrional, ou Ethiopia Superior. Chamaõ os Portugue-

guezes áquella Regiaõ Cafraria por estar habitada de Cafres ; nome que vale tanto como homens sem lei. O Imperio como entendêraõ alguns, naõ corre todo ao longo da Costa, antes está mettido pela terra dentro no meio da Cafraria, e sómente vem a sair nesta Costa com huma ponta de terra que dista muito da Corte. Antigamente foi o Monomotapa Rei muito mais poderoso do que agora, pela desmembraçaõ de estados muito consideraveis que se lhe rebelláraõ. Do Reino de Tendanculo corre o Monomotapa até ao Rio de Luabo, e deste até Moçambique por 130 legoas ao longo da Costa.

Era vulg.

Diz Luiz de Moreri que o palacio deste Soberano he soberbo, forrados os tectos de laminas de ouro, as paredes cobertas de excellentes tapeçarias, defendido com torres da mais bella architectura, e outras grandezas todas admiraveis. Nós encontramos muito oppostas a Moreri as informações dos nossos Escritores, especialmente Fr. Joaõ dos Santos na sua Historia da

Ethi-

Era vulg. Ethiopia Oriental. No anno de 1620, quando esteve neste Imperio o Jesuita Julio Cesar, vio que o Palacio do Imperador eraõ nove cercas armadas em páos cobertas de fachina, e telhadas com palha, que andavaõ carretando ao hombro os innumeraveis filhos que elle tinha de mais de mil mulheres. O trono em que recebeo o Padre foi o lumiar da porta, aonde lhe fallou assentado sobre hum degráo, cingido o corpo com hum pano de seda, que era a purpura brilhante da Magestade escura.

Os Portuguezes chamaõ rios de Cuama aos muitos braços em que se dividem o Quilimane, e o Luabo, entre os quaes há tres Ilhas, a saber: a de Chingoma, que tem 30 legoas de comprido, aonde esteve a povoaçaõ de Cuama; Linde, que tem sete legoas, e he adjacente da terra firme de Quilimane; e a terceira muito pequena para a parte de Luabo. Deixadas muitas noticias do Monomotapa, que se pódem vêr em Authores mais vastos, nós diremos, que nestas regiões

saõ

saõ os Portuguezes senhores dos rios Era vulg.
de Sena, povoaçaõ situada no Reino
de Ilhamoy, sessenta legoas apartada
do mar; e de Tete, outras sessenta legoas
desviada de Sena, e do mar 120,
comprehendendo entre estes dois povos
outros menores. Depois naõ esqueceremos
as memoraveis minas do
Monomotapa, que os Portuguezes nunca
viraõ, nem gozáraõ, e talvez pelo
religioso cuidado com que os Cafres
sempre lhes escondêraõ o sitio, temerosos
de que as roubassem.

Quer persuadir a tradiçaõ, que a
50 legoas de Tete está huma alta montanha,
que chamaõ Fura, aonde a
Rainha Sabá fez carregar de ouro, e
prata o grande numero de camelos,
que levou de presente ao Rei Salomaõ.
Dizem que o nome Fura se corrompêra
em Ophir, e que he o mesmo lugar,
aonde aquelle Rei mandava as
suas frotas a conduzir a enorme quantidade
dos referidos metaes, que enriquecêraõ
a Jerusalem e o seu Templo.
Assegura-se que os vestigios de
muitas cercas, que ainda hoje se des-

ço-

Era vulg. cobrem nos contornos do Fura, eraõ os lugares da residencia dos Judeos, Officiaes de Salomaõ: outros querem fossem antigos Palacios, ou Castellos, de que os possuidores das minas se serviaõ para as defenderem das invasões dos estrangeiros. Affirma a mesma tradiçaõ que na superficie desta terra se achavaõ pedaços de ouro do valor de quatro, de quarenta, e de quatrocentos mil cruzados; que até pelos troncos das arvores se descobriaõ veias do mesmo metal, que tambem se deixavaõ vêr nas correntes dos rios. Mas parece que o Sol cançou de criar tanto ouro, que hoje no celebre Monomotapa em muito menos quantidade custa grande trabalho, e intoleravel fadiga.

Em quanto á entrada da Fé Catholica neste Imperio, que he o objecto que eu vou tratar, deve-se saber que no anno passado de 1559 veio a Moçambique hum filho do Rei de Inhambane, e Otongue, que attrahido da belleza dos nossos Ritos abraçou o Christianismo, e mereceo as honras de-

devidas a Sebastiaõ de Sá, Governador da fortaleza, que o enviou a seu pai acompanhado de alguns Portuguezes. Foi este Principe o primeiro Apostolo dos estados de seu pai, ao qual e a seu irmaõ mais velho, reduzio a que seguissem os seus vestigios. Em nome de ambos voltou elle a Moçambique pedir Operarios para a cultura da grande Seara, que esperava vêr fecunda no dilatado campo de Regiões taõ vastas. Naõ havendo entaõ mais Sacerdote, que o Vigario da fortaleza, o seu Governador sem perda de tempo mandou a Goa dar parte a D. Constantino do que se passava, e que acodisse depressa a mandar Ministros habeis, que viessem encher de multiplicados grãos os celleiros da Casa do Senhor.

Era vulg.

Se pela de D. Constantino entrassem todos os thesouros de Çofala, elle naõ os receberia com alvoroço igual ao desta representaçaõ de Sebastiaõ de Sá. No mesmo instante insinua elle ao Padre Antonio de Quadros, Provincial dos Jesuitas, nomeie Missio-

na-

Era vulg. narios para o Monomotapa; e sem esperar que a sórte cáia sobre elle, o illustre P. Gonçalo da Silveira, que acabára o seu Provincialato, se offerece voluntario á Missaõ, para que o impelliaõ os impetos do espirito. Elle marchou acompanhado do Padre André Fernandes, e do Irmaõ André da Costa para o lugar do seu venturoso destino, que era a Corte de Otongue, mettida pelo sertaõ dentro trinta legoas. Em poucos dias foraõ instruidos os Reis, os seus filhos, os Grandes, e outras 500 pessoas, que se laváraõ nas aguas saudaveis do Baptismo. O Rei se fez chamar Constantino em obsequio ao Viso-Rei da India; a Rainha Catharina em attençaõ á de Portugal, e os mais tomáraõ os nomes dos Principes, e primeiras pessoas de Lisboa.

O Padre Gonçalo da Silveira vendo a facilidade da sua conquista espiritual em Otongue, resolveo deixar nella aos seus companheiros, e partir com alguns Portuguezes, entre elles para interprete a hum Antonio Dias; ao

ao Imperio do Monomotapa, e converter o seu Imperador, que lhe teceo barbaro a Aureola gloriosa do martyrio. Em quanto elle fazia esta viagem, os de Otongue tornavaõ como cães ao vomito, saudosos das primeiras liberdades, sensiveis ás deleitaveis privações, que lhes impunha a Lei Santa. Trabalhos immensos soportáraõ os Padres com constancia heroica; mas o Irmaõ Leigo considerando-os infructuosos, voltou para Goa. O Sacerdote foi soffrendo até ás ultimas extremidades; mas naõ morrendo martyr, nem aproveitando as fadigas, carregado de trabalhos, e morto de fome pôde tomar o mesmo caminho, e vir a Goa sendo já Viso-Rei o Conde do Redondo.

Era vulg.

Entre tanto o Padre Gonçalo da Silveira navegava para Quilimane, donde passou a Giloa, Corte de hum Rei: que logo foi baptizado, e deo licença a todos os seus vassallos, que quizessem fazer o mesmo. No resto do caminho até á Corte do Monomotapa, colheo fructos abundantes a palavra de

Era vulg. Deos sahida deste orgaõ do seu Espirito. Nada assombrava os barbaros como o alto desprezo das riquezas, que a profusaõ do Imperador lhe offerecia. Já entrava o anno de 1561 quando o Santo Padre principiou a derramar a torrente da doutrina Apostolica na Corte de Simbaoé. Hum Portuguez chamado Antonio Cayado, que no Imperio fazia o papel de valido do Imperador, o introduzio na boa graça deste Soberano. Succedeo levar elle huma Imagem grande da Senhora de rara gentileza, que sendo vista dos Cafres com assombro, logo deraõ parte ao Imperador, de que o Padre vinha acompanhado da sua esposa, que era huma Europea formosissima. O Imperador lhe ordenou a trouxesse á sua presença para dar aos olhos o agrado de participantes do seu bom gosto. Alvoroçou-se o Padre com esta ordem, como quem já entendia que a Santa Virgem queria ser o instrumento da conversaõ do Principe, e por consequencia do seu povo.

Levou elle á sua presença a Ima-

gem

Era vulg.

gem com a devida decencia, e ao tirar-lhe o véo que a cobria, rompeo o espirito em vozes pela lingua para intimar ao Monarca Idolatra o altissimo Mysterio da Trindade; a encarnaçaõ da segunda Pessoa no seio virginal da Donzella de Nazareth, de que aquelle era huma cópia sem alma: que este Deos encarnado remira o Mundo escravo dos Deminios em pena do peccado do primeiro homem: que elle no fim do tempo havia vir a julgar os vivos e os mortos, para entaõ na vida futura receberem o premio, ou o castigo do bem, ou do mal, que fizessem na presente: que elle enchêra a Lei dos Judeos, unica verdadeira, com a promulgaçaõ da Lei da Graça, que era o complemento das Leis, a qual os Apostolos deste Deos Homem annunciáraõ a todo o Mundo, e era a mesma, que elle lhe vinha prégar no Santo Evangelho, como boa nova, que lhe trazia da sua salvaçaõ eterna. O Imperador atonito do que ouvia, e attrahido da belleza da Imagem, que via, pedio ao

Era vulg. Padre a deixasse ficar no Paço para se honrar com a presença de hum retrato da Mãi do Deos, que se fizera homem.

Assegura-se que a Senhora apparecêra varias vezes ao Imperador em sonhos com as mesmas feições da Imagem mais luminosas, e brilhantes; que lhe fallára em idioma incognito, que elle pedíra ao Padre lhe interpretasse; que este lhe dissera serem aquellas vozes celestes, impossivel entendellas quem naõ estivesse regenerado pelas aguas saudaveis do Baptismo, que elle logo recebeo com o nome de Sebastiaõ, por ser o do Rei de Portugal. O mesmo fez a Imperatriz chamando-se Maria, trezentos Grandes, e toda a Corte se commovia para lhes seguir o exemplo, quando o Inferno se valeo da potencia dos Mouros, que perturbou os seus santos designios. Estes inimigos inexoraveis do Evangelho; na sua testa com hum Cacis Theurgico insigne, taes enredos, máquinas, e quiméras armáraõ, que o persuadíraõ ser aquelle Padre hum espiaõ

piaõ do Viso-Rei da India, que lhe viria conquistar o Imperio, como os Portuguezes tinhaõ feito a muitos na Asia, e na Africa: que elle para isso dispunha os animos com prestigios, e encantações, que estavaõ evidentes nas chamadas ceremonias de ungir os homens com oleo, de lhes metter sal na boca, de lhes tocar os narizes, e orelhas com saliva, de proferir sobre elles palavras: de enfraquecer os brios para os reduzir ao estadó de cobardes, ensinando-os a soffrer injurias para naõ darem uso ás armas, que eraõ a maior honra dos homens.

Era vulg.

Menos sugestões bastavaõ para abalar o Principe pouco firme na Fé. Elle, e a Imperatriz sua mulher resolvêraõ, que o Padre morresse, e esta determinaçaõ que ficou entre elles, o Ceo a revelou logo ao seu Servo para esperar a morte animoso. Na noite em que elle a havia receber, andou com os braços em cruz passeando á porta da sua cabana recitando Psalmos triunfaes, como Epithalamios faustos dos desposorios felizes, que esperava. Tanto

Era vulg. to respeito lhe tinhaõ os barbaros, que estando occultos observando os seus movimentos, naõ se atreviaõ a insultallo. Cançado de esperar os seus algozes, entrou na cabana, e se prostrou em terra diante de hum Santo Christo. Entaõ entrou de tropel a vil canalha, que lançando-lhe hum laço ao pescoço o afogou no dia 15 de Março de 1561. O seu corpo foi lançado no lago, onde nascem os rios Mossenguese, e Motete, que o leváraõ ao lugar, que elle profetizára na vida, quando disse: que os inimigos da Fé o haviaõ afogar em odio della, e que o seu corpo sería lançado aonde nunca mais apparecesse.

Affirma-se que os leões, e os tigres o guardaõ nas brenhas, em que elles o collocáraõ: que jaz assentado, e incorrupto: que os Cafres ouvem as aves fazer-lhe concertos de musica suavissimos, e que naquelle lugar apparecem luzes brilhantes. De trinta e seis annos acabou a carreira Apostolica este Athleta illustre, e o Ceo tomou á sua conta vingar a alegria, que os

Mou-

Mouros mostráraõ na sua morte. Huma inundaçaõ de gafanhotos devastou os campos, que dois annos os fez perecer de fome. Outros dois annos as chuvas contínuas naõ deixáraõ crescer as hervas, acompanhando estas miserias huma peste voraz, que tragou innumeraveis vidas. Entaõ abrio os olhos o barbaro Imperador, que mandou dar a morte a sua mãi por lhe aconselhar a do Servo de Deos, e aos Procuradores dos Mouros, que a sollicitáraõ: castigo vulgar da maldade, que com o sangue dos impios ella mesma salpica os vestibulos santos que profana, ou lava o ultimo acto da Tragedia que representa.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Tocaõ-se os successos do Brasil nos annos de 1558, 1559, e se continua com os do presente de 1560.

Depois de nós havermos referido os successos dos Francezes no Brasil em

Era vulg. em tempo delRei D. Joaõ III., animados pelas industrias de Nicoláo Villagailhon; agora vamos atar o fio dos que se lhes seguíraõ do anno de 1558 até ao fim do de 1560 que tratamos. Os Padres Jesuitas debaixo da obediencia do seu Superior Manoel da Nobrega, já naquella grande Regiaõ de Santa Cruz, chamada Brasil, tinhaõ tomado posse do Imperio das almas, e espalhados pelos seus póvos sollicitavaõ os Indios, para que deixando de viver errantes, como as féras, se congregassem em sociedade para passarem a vida á maneira dos homens. Elles conseguíraõ o seu projecto sobre muitas das Nações Salvagens; mas a dos Temiminoz naõ era taõ bruta, que deixasse de conhecer insaciavel a cobiça de alguns Portuguezes, e que a elles, para naõ serem as victimas da sua voracidade, lhes estava melhor viver no fundo dos bosques entre a ferocidade dos animaes.

Quando morreo ElRei D. Joaõ era segundo Governador do Estado D. Duarte da Costa, que no anno de 1558 te-

teve por successor ao illustre Mem de Sá, Fidalgo de vida proba, igualmente Catholico, sábio, politico, e valeroso. O primeiro artigo do Regimento de que a Rainha o encarregou, continha a conversaõ dos Indios. Depois que serviria tres annos, e que acabados elles continuaria o mais tempo, que fosse conveniente: serviço tal, que a relevancia delle prolongou o tempo a quatorze annos. Como Mem de Sá tinha de combater com o Inferno, para observar as doutrinas santas, vestio as armas, que expugnaõ as incursões diabolicas, cobrio-se com o escudo, que faz sombra á cabeça no dia da guerra, levantou-se hum baluarte de fortaleza na face do inimigo, fez-se hum exemplar do Christianismo naõ vulgarmente imitado nos grandes empregos. O seu primeiro intento foi impedir a antropophogia aos Indios amigos, e evitar-lhes outros damnos consideraveis para os fazer felizes.

Era vulg.

Com as vistas neste fim promulgou Leis severas, em que mandava: que os Indios confederados dali em diante

Era vulg. te não comessem mais carne humana: que não fariaõ guerra sem causa justa, e que para ella consultariaõ o Estado: que formariaõ República, vivendo em sociedade nos póvos, aonde se levantariaõ Igrejas para a celebraçaõ do Culto Divino, a que deviaõ assistir como Catholicos. Todas as forças de Acheronte se movêraõ para transtornar a observancia destas Leis Santas; mas o Governador naõ as moderou; ellas produzíraõ os seus effeitos, e em pouco tempo se víraõ bem povoados os quatro lugares grandes de S. Paulo, Sant-Iago, S. Joaõ, e Espito Santo. Depois ordenou, que os Indios occupados no serviço dos Portuguezes como escravos fossem postos em liberdade: maxima saudavel, com que attrahio innumeraveis. Porque hum poderoso naõ quiz executar a ordem lhe mandou insultar a caza; que destruíra, se elle naõ cedêra: segunda maxima de attracçaõ, que avançou gloriosos os effeitos.

Nas occasiões que lhe deraõ os Indios rebeldes para os atacar com as armas,

mas, sempre Mem de Sá triunfou delles com gloria. Huma tal serie de heroicidades fazia que as gentes o respeitassem como homem superior á humanidade. No anno de 1559 se adiantáraõ os progressos da Religiaõ com a chegada de D. Pedro Leitaõ, segundo Bispo, que desembarcou na Bahia acompanhado de sete Missionarios Jesuitas, e Prelado, que exercitou as funcções do Episcopado com zelo ardente, que sublimou a complacencia do Governador piedoso. He verdade, que daqui em diante continuáraõ com mais vigor a inquietar o nosso socego as insolencias dos Francezes, que colligados com os Indios Tamoyos, infestavaõ a Capitania de S. Vicente, fortificavaõ-se em muitas partes, perturbavaõ o nosso trafego, e o que se fazia mais sensivel eraõ os erros com que os seus Predicantes Calvinistas corrompiaõ as nossas Christandades recem-convertidas. A necessidade de repellir a violencia com a força, obrigou o Estado a pedir á Rainha Regente mandasse promptos, e effectivos soc-

cor-

Era vulg. corros; que ella enviou em huma armada para Mem de Sá expellir aos Francezes do Rio de Janeiro.

Chegou o soccorro neste anno de 1560, e os pareceres dos circunspectos o tiveraõ por pouco valente para ataçar tantos Francezes valerosos, rodeados de Tamoyos infinitos, a cada hora bem providos de França, e que era temeridade ir encontrar huma ruina provavel. Differentes sentimentos faziaõ conceber ao Governador Mem de Sá a sua Christandade, a sua prudencia, o seu valor. Elle se resolve a ir buscar os inimigos com o pequeno apparato de duas náos de guerra, oito navios, e alguns barcos da terra, em que levava huma porçaõ de Indios, e taõ firme na Fé, como na Esperança, navegou para o Rio de Janeiro. Sendo sentido pelos Francezes ao embocar a barra, fóra della levou a noite sobre ferro. Entre tanto o Padre Nobrega passou a S. Vicente, donde lhe mandou hum soccorro de canoas escoltadas por hum bergantim de guerra. Os Francezes abandonando as náos se re-

co-

colhêraõ á Fortaleza Villagailhon, que em sitio por natureza incontrastavel, qualificava de temeraria a resoluçaõ dos Portuguezes, se elles a atacassem. Os nossos que entendêraõ facil a empreza, quando observáraõ o forte de longe, ao vêllo de perto, elles perderiaõ a coragem a naõ serem Portuguezes.

Era vulg.

Voavaõ estes nas azas do seu valor; mas prezas as mãos em arrastar a artilharia, com que dois dias, e duas noites batêraõ em balde os rochedos impenetraveis aos golpes de tantas balas. Aonde ellas naõ podéraõ abrir brecha, a rompêraõ os braços fortes, que arremettendo á fortaleza pelo lado da barra chamado das Palmeiras, elles a rendêraõ com morte de todos os defensores. Daqui passáraõ com o mesmo impulso a atacar o penedo, que servia de armazem da polvora, aonde foi igual o successo, e o estrago. Os Francezes, e Tamoyos, que ficáraõ vivos, se lançáraõ dos muros, huns a salvar-se nas náos, outros a fugir nos bateis, deixando nas nossas mãos a fortaleza, muita artilharia,

mu-

Era vulg. munições, viveres, despojos em abundancia, e huma das victorias mais assinaladas, que se conseguíraõ no Brasil pelo inexpugnavel do sitio. Nós fizemos voar a fortaleza por nos faltarem os meios de a conservar, ainda fraco o poder do Brasil na consideraçaõ, de que nos era mais vantajoso empregallo na India, donde nos vinhaõ as riquezas salpicadas com o sangue das victorias.

Ao mesmo tempo nas Capitanias de Porto Seguro, e dos Ilheos a Naçaõ Aimoré, descendente dos antigos Tapuyas, forte, robusta, de estatura agigantada, entrou a commetter insultos, que desafiavaõ as nossas attenções. Estes Salvagens descendo das montanhas, aonde muitos annos vivêraõ escondidos, vieraõ guiados pelas correntes dos rios a buscar o mar em numero taõ monstruoso, que cobriaõ os campos. Dominados da sua natural ferocidade, elles a mettêraõ em uso nas duas Capitanias dos Ilheos, e Porto Seguro, naõ se vendo nas Aldêas dos nossos Indios, nos bens dos Portu-

tuguezes, e dos Jesuitas, mais que roubos, incendios, pilhagens, em tudo devastaçaõ sem meios para a reparar com algum modo de defensa. Os echos de tantos estragos chegáraõ á Bahia, e elles bastáraõ para despertar a compadecida piedade do Governador Mem de Sá, logo resoluto a ir castigar os atrevimentos dos brutos pela maõ propria. Com a gente que tinha prompta foi desembarcar no porto dos Ilheos, e *sabendo* que os Salvagens se haviaõ embrenhado nos lugares fragosos, que elles mesmos conheciaõ inaccessiveis, a todo o risco se determinou atacallos.

Com huma marcha em que se atropelláraõ difficuldades só venciveis á constancia Portugueza, Mem de Sá chegou ao sitio, aonde os Barbaros se faziaõ fortes. Elle os investe, os corta, com poucos homens vence hum mundo de gente; dá fogo ás suas brenhas; ardem bosques, que occupaõ legoas de terra, e converte a noite em dia, desnecessario o Sol longo tempo para illuminar as montanhas. Elle se

re-

Era vulg.

retira triunfante, quando na praia encontra hum montaõ de monstros, que o esperava rugindo como féras em vozes taõ descompassadas, que pareciaõ abalar os Ceos, e fazer tremer a terra. Mem de Sá animando a coragem, embosca ametade da gente: ordena, que a outra ametade marche com passo accelerado como quem foge, para que os Salvagens a sigaõ, e mettidos entre dois fogos, sejaõ atacados com vantagem por vanguarda, e retaguarda.

Da sórte que elle discorre, assim succede. Encarniçados os Bárbaros em perseguir os que se retiraõ, sahem os da emboscada, e os investem pelas espaldas. Elles voltaõ caras á defensa: fazem o mesmo os imaginados fugitivos; carregaõ sobre elles, que atacados entre os dois corpos, naõ podendo ainda tomar terreno para a retirada, vaõ deixando as cabeças nos lugares, aonde punhaõ os pés. Naõ tendo mais refugio que o do mar, elles se lançáraõ ás ondas, que tragáraõ innumeraveis. O resto com os peitos

em

em terra pedio misericordia, que lhe foi concedida debaixo da condiçaõ de viver em Aldêas sujeitos ás mesmas Leis, que Mem de Sá promulgára, e que observavaõ os Indios domesticos. Elle se recolhe á Bahia satisfeito, de que victoria taõ completa firmava a paz, augmentava o numero, e grandeza dos povos, avançava os progressos, e multiplicaçaõ das Christandades.

Era vulg.

Para concluirmos neste lugar com o que pertence ao Brasil até o anno de 1562, no transcurso deste tempo infestavaõ os Tamoyos a Capitania de S. Vicente, aonde algumas das nossas Indias com gentileza rara sacrificavaõ as vidas para conservarem a pureza incontaminada: milagre da Graça obrado por instrumentos, que mal acabavaõ de depôr a barbaridade. Se a fome de carne humana obrigava os Tamoyos a romper em excessos, o mesmo appetite brutal trouxe do Sertaõ aos Tupis, que em grande numero invadiraõ a nossa Villa de Piratininga, quando ella se naõ podia defender. Su-

Era vulg. prio a Fé a falta das forças, e animados os poucos homens pelo memoravel Indio Martim Affonso, que antes se chamou Tebyreçá, espirito façanhoso, e intrepido: elles determináraõ arrostar a chusma dos Tupis, e recambiar as suas mulheres, que vinhaõ armadas de muitas caldeiras para cozerem a carne dos nossos, que já imaginavaõ vencidos. Mas se a Fé forte he capaz de mudar os montes, a de poucos Indios foi taõ viva, que bastou para dissipar como ao pó na face do vento o turbilhaõ formidavel de muitos mil monstros, ou féras devorantes.

Seguio-se a esta victoria a morte por huma parte sensivel, por outra edificante do alentado Indio Martim Affonso. Se a sua enfermidade entristeceo, a sua morte penetrou os espiritos pela falta de hum homem de tanto valor: o modo della os encheo de inveja santa, de santa emulaçaõ, espirando como Apostolo o que nascêra Barbaro. Mas o socego em que elle deixou o Sertaõ de Piratininga, na

Cos-

Costa maritima os Tamoyos o fizeraõ degenerar em desordem, sempre famintos da branca carne dos Portuguezes. Vasco Fernandes Coutinho quando chegou de Portugal quizera remediar a em que via fluctuar a sua Capitania do Espirito Santo; mas falto de meios, teve de os pedir a Mem de Sá, que naõ duvidou mandar-lhe hum bom soccorro ás ordens de seu filho Fernaõ de Sá. Este Fidalgo, ainda que vencedor no primeiro encontro, atacado depois por huma multidaõ de Salvagens, que só com os gritos impediaõ os officios da alma, coberto de huma nuvem de frechas quiz retirar-se para o mar. Elle o fez com tanta confusaõ, que nas mãos dos Barbaros deixou a vida na flor dos annos; e na praia muitos cadaveres para pasto dos famintos ventres.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO VII.

Escrevem-se os successos da India no anno de 1560.

O Viso-Rei D. Constantino de Bragança sempre applicado a fazer feliz o tempo do seu governo na India; bem informado da obstinaçaõ do Imperador da Ethiopia Ádamas Seghed, ou Sagad, determinou reter o Patriarca, e enviar ao Bispo D. André de Oviedo o Irmaõ Fulgencio Freire com muitas cousas necessarias, especialmente para o Culto Divino. O seu transporte foi encarregado a Christovaõ Pereira Homem, que com tres navios havia navegar ao porto de Arquico, e saber noticias das galés dos Turcos. Para seu mal se encontrou elle com quatro, que mandava o celebre Cafar, quando se fazia na volta da Ilha de Camaraõ, e já perto de Arquico os nossos navios com grande trabalho podéraõ escaparlhe das mãos. Mas quiz a desgraça, de que lhes tornasse a apparecer por

prôa

Era vulg.

prôa a galé de Cafar, de que intentavaõ fugir. Naõ o podendo fazer o navio de Christovaõ Pereira, elle, e quinze camaradas se baldeáraõ na galé para travarem hum choque vistoso contra 150 Turcos espantados da temeridade.

Com valor pasmoso os foraõ os nossos jarretando, e levando a golpes pelo convez, até que atropellados pela multidaõ, e abertos a feridas, os mais foraõ mortos, o navio tomado, e os dois que ao longe foraõ expectadores da tragedia, voltáraõ para Goa, onde o Viso-Rei castigou os Commandantes como merecia a sua fraqueza. O Jesuita Fulgencio, e oito Portuguézes, depois de estarem algum tempo no Cairo foraõ resgatados por via de Italia, e voltáraõ ao Reino. Soube-se esta desgraça na Ethiopia, aonde foi sentida do Bispo, e dos Portuguezes; que com ella aggraváraõ a dôr da sua decadencia no Imperio originada da perseguiçaõ inexoravel do Imperador contra os Christãos. Della se sentíraõ muitos dos Portuguezes, que antes o

ser-

Era vulg. serviaõ, e agora tomáraõ partido contra elle no serviço dos Turcos, que com o seu esforço o vencêraõ: resoluçaõ forte, que fez correr a illustre penna de D. Manoel de Menezes, General da armada, e Chronista Mór, para escrever: que os Portuguezes tambem sabem ser Turcos quando querem, e talvez querendo mais do que he justo.

Neste lugar naõ devemos esquecer a viagem fatal do Governador da India Francisco Barreto para o Reino, em que gastou tres annos sempre engolfado em trabalhos. Depois de perder toda a sua fazenda, de invernar em Moçambique, de sahir, e tornar a arribar ao mesmo porto, de voltar outra vez a Goa; ultimamente neste anno se embarcou na náo S. Giaõ, que o trouxe a salvamento a Lisboa, aonde chegou aos 13 de Junho de 1561. A Corte o recebeo com prazer extremo como a homem resuscitado, que havia trez annos o suppunha morto. Elle apresentou á Rainha a estimavel joia de huma pedra, que hum soldado

achá-

achára na praia de Ceilaõ, na qual a mesma natureza impellida pela potente maõ do seu Author lavrou hum argumento visivel para prova do que na Fé se naõ deixa vêr. Era esta pedra parda na côr, na grandeza como hum ovo, nella figurados de varias côres os sete Ceos, e entre elles collocada por modo admiravel a Imagem da Virgem Santissima com o Menino Jesus nos braços: joia preciosa, que muitos annos se guardou no thesouro das Rainhas de Portugal, e naõ sei se ainda hoje se guarda, ou se passou a enriquecer o das Rainhas de Castella, continuando os mesmos milagres, que fez na India.

Era vulg.

O zelo do Viso-Rei D. Constantino sempre ardente em promover os avances da Religiaõ, elle o fez emprender huma nova guerra a favor dos Christãos da Costa da Pescaria, que eraõ as victimas do furor, da cobiça, e da avareza dos Badágas, povos igualmente ladrões, e ferozes. Fautorisava estes insultos o barbaro Rei de Jafanapataõ, Senhor da Ilha de Manar,

que

Era vulg. que contra os miseraveis opprimidos levava em huma maõ o ferro, em outra o fogo; tenaz em desistir da crueldade, facil em emprendella. Martim Affonso de Sousa fez este Reino tributario de Portugal, quando passou pela Ilha de Ceilaõ, de que elle he membro. O seu Soberano de tudo esquecido, nada mais lhe fazia especie, que applicar á molestia do seu odio banhos do sangue Christaõ, fartar nelle a sua hydropesia com tanta ganancia do Ceo, como lastima da piedade na terra.

Para castigar neste Principe com o mesmo golpe as injurias feitas á Religiaõ, e ao Estado, D. Constantino preparou huma armada de doze galés, dez galeotas, e setenta navios, que entregou ao commandamento dos Fidalgos mais distinctos da India. Na passagem por Cochim tomou a bordo o Bispo D. Jorge Themudo, que o quiz acompanhar nesta empreza, estimada guerra da Religiaõ, e com felicidade surgio a armada no porto de Jafanapataõ. Determinado o desembar-

barque, o Viso-Rei regulou o plano da operaçaõ distribuindo a gente em cinco corpos, que eraõ mandados o da vanguarda por Luiz de Mello da Silva, os mais por D. Antonio de Noronha o Catarraz, por Martim Affonso de Miranda, por Gonçalo Falcaõ, e por Fernaõ de Sousa de Castello-Branco. Nesta ordem se rompeo a marcha enfiada por caminhos estreitos, que iaõ dar á Cidade, donde sahio o Principe *filho* delRei com dois mil homens para a cortar; mas fustigado pelo fogo das galés teve de buscar a segurança no azilo dos bosques.

Era vulg.

Na entrada da Cidade á boca da primeira rua se via hum monte de folhas de palma, em que reparou D. Fernando de Menezes, e advertio a Luiz de Mello, que ellas escondiaõ artilharia. Soou logo a primeira peça sem fazer effeito por estar apontada por elevaçaõ: a segunda matou ao Alferes de Luiz de Mello, e dois soldados. Joaõ Pessoa arvorando a bandeira cahida, e seguido do esquadraõ ganhou a bateria, deixando o passo fran-

Eq. vulg. franco para os outros corpos tomarem as bocas das ruas. O Rei sustentou nellas o combate com vigor já soccorrido pelo Principe seu filho; mas ao declinar o dia perdeo a sua Corte, e se fortificou no Palacio para se defender no seguinte. Entaõ a imagem horrorosa do conflicto lhe deo entendimento na afflicçaõ para nessa mesma noite lhe pôr o fogo, e a si em salvo em huma Cidadella na distancia de quasi duas legoas. Quando rompeo a Aurora, que os Portuguezes esperavaõ para consummar a conquista, viraõ a Cidade despejada, e a mettêraõ a saquè.

Acabada a pilhagem, e informado D. Constantino do lugar para onde El-Rei se retirára, marchou sobre a Cidadella na mesma ordem, com que atacára a Cidade. Sem constancia o Rei para se defender, antes de descobrir a face dos inimigos se foi esconder nas matas. D. Constantino ficou na Cidadella, e mandou nos seus alcances a quatro Capitães, que o encontráraõ já nas terras do Reino de Trinquinimal-

malle buscando às montanhas, aonde o salvou hum elefante costumado a romper as densas espessuras. Do sitio intractavel mandou elle pedir a paz; offerecendo restituir ao Rei de Cota os thesouros de Tribuli Pandar, que na guerra com os Portuguezes foi encontrar no poder deste Tyrano a morte em vez de refugio, e promettendo ceder a Ilha de Manar, submettendo novamente a sua Corôa a ficar tributaria da de Portugal. Elle nos entregou em refens a seu filho o Principe de Jafanapataõ, que foi o garante da paz, e do exacto cumprimento das promessas. Mas quando as cousas se achavaõ neste estado, os Ilheos formáraõ huma conjuraçaõ taõ subita, que antes do mal ser sentido, muitos dos Portuguezes derramados pelos lugares foraõ as victimas della, entrando os Emissarios dos Christãos de S. Thomé destinados para virem morar em Jafanapataõ, o Custodio dos Franciscanos com os seus Religiosos; que morrêraõ constantes pela Fé, e o mesmo succederia ao Bispo de Cochim

Era vulg.

se

Era vulg. se com tempo se naõ recolhesse á armada.

O Viso-Rei esteve nos termos de correr igual perigo no mesmo dia do catastrophe em huma caçada para que o convidáraõ alguns dos conjurados; mas a Providencia guardou a sua preciosa vida. Como se frustrava o principal designio da jornada pela repugnancia, que os Christãos de S. Thomé mostravaõ de vir para Jafanapataõ; D. Constantino cuidou em fazer observar os Artigos do Tratado para se recolher a Cochim, e porque lhe naõ escapasse o seu garante, que era o Principe, o mandou segurar com hum grilhaõ, que perderia o que tinha de affrontoso por ser forrado de veludo. Nesta figura o trouxe para a Ilha cedida de Manar, aonde descobrio sitio vantajoso para a fabrica de huma fortaleza, de que havia encarregar o governo a Manoel Rodrigues Coutinho, que da Costa da Pescaria trouxesse todos os moradores de Punical para os ter a coberto dos insultos, que padeciaõ naquella terra, o que

 foi

foi com effeito executado; ficando os Religiosos Franciscanos, e Jesuitas encarregados da educaçaõ destas Christandades, que transmigravaõ para Manar.

Era vulg.

Entre os despojos tomados em Jafanapataõ devemos fazer memoria do celebre dente do Bogio, que a gentilidade de Ceilaõ dizia ser de hum dos seus Santos, ou Deos memoravel, que elles chamavaõ Budaõ. A infame reliquia do macaco recebia tantos cultos da superstiçaõ espiritualisados pelas fabulas, e patranhas, que della contavaõ, que todo o Gentilismo lhe tributava veneraçoẽs profundas, e a guardavaõ em huma especie de relicario de ouro guarnecido de preciosos rubins e diamantes. Sabendo depois o Rei de Pegu, que este monumento raro da piedade Idolatra estava em poder do Viso-Rei, mandou por huma Embaixada solemne pedillo, e offerecer por elle boa parte dos seus thesouros. Queriaõ os espiritos sem escrupulo, que pelos interesses do Estado nenhum se fizesse de ajustar o cambio. Innumeraveis

Era vulg.

veis se offereciaõ para conductores, que indo pelos portos da Asia dando a beijar o retabolo, seria pequeno o buque das náos para accommodar as offrendas. Pelo contrario D. Constantino de espirito mais delicado, mandando examinar a materia, e conformes as decisões com a sua; em conselho pleno fez reduzir o dente a cinzas, e queimallas em hum brazeiro, mais attento á Religiaõ, que ao interesse.

Antes que elle sahisse de Manar, despedio para Governador das fortalezas de Columbo, e Ceilaõ a Balthazar Guedes de Sousa, que levou as instrucções do que havia obrar D. Jorge de Menezes Baroche, mandado vir á Ilha para com a sua dexteridade dar execuçaõ aos negocios, de que ficava encarregado. Immediatamente partio para Cochim, aonde achou duas das seis náos, em que este anno sahíra do Reino D. Jorge de Sousa, que trazia nellas ás suas ordens aos Capitães Vasco Lourenço de Barbuda, Jorge de Macedo, Lourenço de Carvalho, Ruy de Mello da Camara, e Francisco

Fi-

Figueira de Azevedo. O Principe de Jafanapataõ foi mandado para Goa, e os Principes de Cota, que seu pai retinha do tempo da guerra passada, e agora entregou a D. Constantino, foraõ remettidos ao seu Rei. D. Jorge de Menezes Baroche, que ficou governando as praças de Ceilaõ, avançando as suas proezas, e as que havia obrado o seu predecessor Affonso Pereira de la Cerda em defensa do mesmo Rei de Cota contra o Madune seu irmaõ, conseguio grandes vantagens, que seriaõ completas, se a falta de munições naõ o fizesse suspender os designios: falta, que o transportou a morder colerico na arêa da praia, quando se retirava impossibilitado de consummar a vingança.

Na volta de Ceilaõ para Cochim, D. Constantino teve huma conferencia com o Rei da Pimenta, em que ficou confirmada a paz, que recahio sobre as desordens passadas, de que eu já dei noticia. Ella porem naõ impedio aos Principes do Malabar as inquietações, que fomentavaõ ao Rei de Cochim

Era vulg.

Era vulg. chim protegidos pelo de Calecut. Elles obrigáraõ D. Constantino a mandar soccorro a Joaõ Pereira, Governador de Cranganor, por D. Francisco de Almeida com boas tropas, seguido depois por Luiz de Mello da Silva, que haviaõ restaurar a Ilha de Primbalaõ tomada pelos inimigos. Ambos os partidos se atacáraõ, e Luiz de Mello saiu mal ferido da escaramuça; mas a vantagem foi nossa, ou do Rei de Cochim, que restituímos á posse da sua Ilha.

O Viso-Rei concluidos estes negocios, marchou para Goa, aonde o esperavaõ novos Embaixadores do Rei, que fora de Baçorá, e dos Senhores das Ilhas Gizares, que lhe pediaõ a renovaçaõ dos soccorros para acabarem de derrotar os Turcos, que elles tinhaõ encurralado no recinto da fortaleza. O Viso-Rei depois de ouvir o Conselho, mandou a seu favor huma frota de vinte vélas commandadas por Sebastiaõ de Sá, que havendo acabado o seu Governo de Çofala, navegando para o Reino se perdêra a sua

náo,

Era vulg.

náo, e elle voltou para a India. Ao mesmo tempo despachou para ir acabar o seu governo de Ormuz a D. Joaõ de Ataide, já purificado dos crimes por que Francisco Barreto o privára delle; e a D. Francisco Deça para de novo tomar posse do de Malaca, em que viera provido do Reino nas náos deste anno.

Nada pôde conseguir a armada de Sebastiaõ de Sá, que encontrando a *estaçaõ* avançada, assaltando-o huma tormenta furiosa sobre as Maldivas, os navios desgarrados tiveraõ de se refugiar nos portos das Costas de Cambaya sem esperança de lograr o projecto de Baçorá. He verdade, que ella naõ foi entaõ inutil nestas paragens para acudir aos insultos, que os Abexins faziaõ nas terras de Damaõ, depois que abandonámos a fortaleza de Balsar. Ithimiticaõ teve industrias para se apoderar da pessoa do menino Rei de Cambaya com dôr mortal de Madre Maluco, que era hum dos seus Tutores. Para traçar a sua vingança entendeo ser-lhe necessario fazer-se senhor

Era vulg.

de Surrate, que era de seu cunhado Cedemecaõ, filho de Coge Çofar; mas divertido desta idéa por sua mulher, que era irmã de Cedemecaõ, elle a mãdou para a tomada de Damaõ, aonde aportára Sebastiaõ de Sá com alguns dos seus navios destroçados, outros com a sua capitania a Chaul. D. Diogo de Noronha que governava aquella praça, e pagava bem ás espias, soube as intenções de Maluco, antes que elle as fizesse publicas.

Como o Viso-Rei se achava ainda em Ceilaõ, e D. Diogo sem soccorros receasse o sitio; por meios com honestidade, ou sem ella, determinou suprir com as industrias a falta do poder. Para conseguir o projecto armou a intriga de capacitar a Cedemecaõ: que seu cunhado Madre Maluco, fingindo que marchava sobre Damaõ, vinha com todo o seu poder a usurpar-lhe a Cidade de Surrate: que elle appareceria na frente dos seus muros, e que depois de o tratar com amizade fraudulenta, lhe pediria de emprestimo para atacar a Damaõ o gros-

so

so basilisco, que elle tinha na sua praça, o qual para logo sería assentado contra os muros de Surrate, que lhe queria conquistar com as suas mesmas armas. Este fingimento de D. Diogo de Noronha foi bem fautorisado por Diogo Pereira, e pelo Judeo Coge Abrahem, déstros intrigantes, de que se servio Cedemecaõ para espias das intenções de Madre Maluco, a que logo veremos os effeitos.

CAPITULO VIII.

Continuaõ os successos da India no fim deste anno, e principiaõ os de 1561.

Quasi capacitado Cedemecaõ, naõ só pelo aviso de D. Diogo de Noronha; mas pela destreza dos estratagemas das duas espias simuladas, elle desconfia dos intentos de seu cunhado Maluco, que foi visitar com cautela acabado de chegar ás visinhanças de Surrate. Naõ bastáraõ as excessivas demonstrações de agrado, que

Era vulg. elle lhe mostrou, para Cedemecaõ se naõ confirmar na desconfiança, quando Maluco lhe pedio o basilisco. Elle a tudo condescende com affectaçaõ, e para sair de cuidado o convidou para nessa noite ir cear com elle a Surrate: convite, que naõ recusou o animo sincero do Principe infeliz, entrando na praça acompanhado de cem Officiaes dos mais distinctos do exercito. Todos elles foraõ degollados por 200 assassinos na mesma sala do convite. No outro dia Cedemecaõ com todas as suas gentes, e seguido de Diogo Pereira com muitos Portuguezes, cahio sobre as tropas de Maluco, que tomadas de improviso, sem Chefes, que as conduzissem, o mesmo foi serem assaltadas, que destruidas; Damaõ ficar segura sem susto, os Portuguezes vingados sem sangue.

As vozes desta perfidia soáraõ dissonantes nos ouvidos do moço Chinguiscaõ, filho de Madre Maluco, que herdára unidos o valor deste pai, e a coragem de seu avô Çofar. Elle bramindo pela vingança, reunio as tro-

tropas, e se apresentou sobre Surrate furioso. Cedemecaõ consternado pedio a D. Diogo de Noronha que o soccorresse com as forças de Damaõ. Com déz navios encarregou elle esta commissaõ a Luiz Alvares de Tavora, bem advertido a portar-se de modo, que ambos os pleiteantes entendessem, que ia fazer as vezes de seu parcial, sem o ser de algum. Semelhante ordem foi taõ bem executada, que a guerra acabou naõ mostrando mais consequencias, que nem Cedemecaõ, nem Chinguiscaõ penetrarem nunca a má fé de D. Diogo, mettida em uso pelos interesses do Estado. Pouco tempo gozou este Fidalgo o fruto das suas industrias, morrendo no estado da pobreza originada da liberalidade monstruosa, com que despendeo no serviço do Rei os avultados cabedaes, que adquirio em tantos governos importantes.

Era vulg.

Como os motivos que teve Chinguiscaõ para naõ concluir a vingança da morte do pai sobre seu tio Cedemecaõ foi a necessidade de acudir á in-

Era vulg.

invasaõ, que nas terras dos seus Estados fazia Alucaõ: este desbaratado, a sua Cidade de Veredora restituida; elle torna sobre Surrate com maiores espiritos no mesmo semblante carrancudo. Cedemecaõ, e Diogo da Silva, que succedêra a D. Diogo de Noronha interinamente no governo de Damaõ, deraõ parte ao Viso-Rei do que passava, ambos com o designio de serem soccorridos. Elle resolveo a fazer desta guerra hum empenho do Estado, e encarregalla a D. Antonio de Noronha o Catarraz, que embarcou em catorze navios com muita Nobreza, levando para Governador de Damaõ a Luiz de Mello da Silva, merecedor de todas as honras pelos seus relevantes serviços. Á armada de D. Antonio se incorporou a que Sebastiaõ de Sá levava á expediçaõ de Baçorá, e arribára com o tempo ás Costas de Cambaya como fica dito. Chinguiscaõ estava reforçado com as tropas de dois Principes Mogores, que elles mandavaõ em pessoa, sensiveis aos desejos de virem ás mãos com os Portuguezes.

Já

Já na barra de Surrate se foraõ ajuntar com D. Antonio de Noronha Ruy Gonçalves da Camara, Tristaõ Vaz da Veiga, e outros Fidalgos em vários navios, que engrossáraõ a armada para a mostrarem aos inimigos respeitavel, e guerreira. Como nós entravamos nesta guerra com a promessa de Cedemecaõ nos entregar Surrate, D. Antonio lha lembrou para nos admittir na praça, e elle lhe fez aviso fosse dar fundo defronte dos seus muros. Na navegaçaõ do rio os inimigos fizeraõ fogo sobre os navios matando alguma gente; mas os Portuguezes estimulados saltáraõ em terra, e os investíraõ nas trincheiras com coragem superior ao encarecimento. Os Principes Mogores ficáraõ pasmados do effeito dos nossos golpes, que augmentando o destroço, obrigáraõ á mãi de Chinguiscaõ a mandar-lhe dizer: que se retirasse, e lhe pedia naõ combatesse aquelles monstros desesperados, naõ succedesse deixar nas suas mãos a vida, como a deixou seu avô Coge Çofar.

Era vulg. [

fi-

Era vulg.

Ficáraõ senhores do campo, e dos despojos quatrocentos Portuguezes, que foraõ os instrumentos de victoria taõ decisiva ganhada sobre 20$000 Barbaros. D. Antonio triunfante requereo a Cedemecaõ a entrega de Surrate, como ajustára com o Viso-Rei. Se elle tinha esta tençaõ, soube dissimulalla, ou por se vêr já livre do susto, ou pelo receio, de que as suas tropas já desconfiadas o matassem. Para evitar qualquer damno; Cedemecaõ tomou o expediente de fugir; os soldados de Surrate o de se defender, e para isso puzeraõ na sua testa a Caracem, cunhado de Cedemecaõ, que depois de andar occulto pelos montes, buscou o refugio da Corte de Cambaia, aonde foi bem recebido. Chinguiscaõ, sempre desejoso de vingar o sangue de seu pai, nella mesma o fez degollar por dois amigos de Cedemecaõ, que elle trouxe ao seu partido, e ajustando-se com Caracem o deixou possuir o dominio de Surrate. D. Antonio de Noronha, naõ tendo mais que fazer, se recolheo a Goa; mas encontrou lastima-

mada a severidade de D. Constantino, que ainda mal informado o mandou prender, por deixar passar a occasiaõ, que naõ teria outra, de tomar Surrate.

Era vulg. 1561

Nós somos já entrados no anno de 1561, em que se concluíraõ os successos, que acabo de referir. Aos deste damos principio com a nomeaçaõ, que a Rainha Regente fez da pessoa de D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, para Viso-Rei da India, e successor de D. Constantino. Elle fará a sua viagem em cinco náos com os Capitães Gonçalo Correa, Manoel Jaques, Francisco Figueira, e Pedro Alvares Vogado; mos em quanto navega até Moçambique, e com felicidade a Goa, aonde chegou a sete de Setembro: nós concluiremos o governo de D. Constantino com o elogio das suas altas virtudes, humas infundidas como pela transfusaõ do sangue, outras adquiridas por meio das instrucções domesticas.

D. Constantino filho quarto do Duque de Bragança D. Jayme, e de sua se-

Era vulg. segunda mulher D. Joanna de Mendoça, foi, e veio da India só D. Constantino. Nas nossas idades temos nós visto, que as pessoas destinadas para o governo daquelle Estado, alem da Dignidade de Viso-Reis, os que eraõ Fidalgos razos, iaõ para lá Condes, e os que eraõ Condes iaõ Marquezes; premios com anticipaçaõ, ou elles fossem relativos á qualidade das pessoas, ou aos serviços imaginados, e futuros. D. Constantino filho do Duque de Bragança foi á India Viso-Rei, veio D. Constantino, e achou de menos o seu emprego de Camareiro Mór, que na ida requereo se lhe conservasse, e na vinda requerendo-o naõ lho déraõ. Elle teve de se contentar, e receber por assignalado premio dos seus grandes serviços a Capitanía de Cabo-Verde, que arrendou por seiscentos mil réis; mas na cobrança delles encontrava na mercê tantas durezas, que pedio a ElRei lhe consignasse a mesma quantia na Villa de Estremoz como se lhe concedeo, para que a graça naõ deixasse de ser effectiva.

Era

Era D. Constantino Principe, e Portuguez. Se pelo lado de Principe as attenções lhe eraõ devidas, pelo de Portuguez naõ escapou á mordacidade da emulaçaõ. Chegado o successor, elle foi esperar em Panelim o mez de Janeiro, em que embarcou para o Reino, e fez a viagem com a felicidade da primeira, tranquillo, e socegado o mar, como se este elemento feroz, abatendo a arrogancia estivesse reprehendendo as ondas alterosas, que levantando-as a inveja na India, vieraõ bater em Portugal. Alem de doze mil cruzados empregados em diamantes para pagamento das suas dividas, D. Constantino naõ trouxe para o Reino mais que as amostras de todas as Nações da India, e os Artistas de todos os officios, que nelle poderiaõ ser necessarios. A náo para a viagem elle a mandou fazer á sua custa das quantias dos seus ordenados, que poupava economico, dando-lhe a Invocaçaõ das Chagas, pela grande devoçaõ que tinha ás de Jesu Christo: náo, que naõ fazendo agua derrama-

Era vulg.

da

Era vulg. da no suor dos pobres sem paga, ella foi taõ feliz, que na duraçaõ de vinte e cinco annos levou á India quatro Viso-Reis, passou dezasete vezes o Cabo de Boa-Esperança, e veio acabar cabrea no Téjo.

Na sua mesma conserva navegavaõ cartas para a Corte, que iaõ derramando veneno sobre as mais bellas das suas acções, quando o seu governo foi hum dos melhores, dos mais sábios, dos mais prudentes, que se tinha visto na India. Na testa da calumnia marchava o alto desprezo, que fizera D. Constantino das enormes sommas promettidas pelo resgate do dente do bogio tomado em Jafanapataõ, a tempo que o Estado necessitava dellas, e quando os Gentios para idolatrarem naõ lhes faltavaõ Idolos: desprezo insensato, que deo occasiaõ ao pasquim, que lhe puzeraõ em Goa, representando-o com o Arcebispo assentado junto a huma meza, rodeado de Theologos, no meio delles hum brazeiro ardendo, no seu torno muitos Gentios com as bolsas nas mãos,

e

e esculpida cinco vezes a letra C, que significava no idioma Latino: *Constantinus, Cæli, Cupidine, Cremavit, Crumenas*: Ironia, que vinha a persuadir, como D. Constantino com a alma fixa no Ceo, desprezára os thesouros da terra. Outros deitaõ á boa parte este emblema, de que fazem Authores aos Jesuitas. Como quer que seja, nós diremos com palavras proprias do grande D. Manoel de Menezes: Mas viva D. Constantino, que com esta esclarecida acçaõ eternisou a fama da Christandade Portugueza por todas as Nações do Mundo.

Era vulg.

Sobre todas as virtudes de continencia rara em annos verdes, de moderaçaõ, de liberalidade, de valor, de humildade em nascimento taõ alto, brilhava em D. Constantino o zelo ardentissimo pelo augmento da Fé Catholica. Tanto se escandalisou delle hum prezado de grande Ministro, que lhe disse em Goa demasiado, ou atrevido; Senhor, algum dos seus predecessores esgotou tanto os thesouros da India: quando quizermos carregar

Era vulg. as náos para o Reino nós o faremos de listas de convertidos por ordem ephimerica, que he fazenda bôa para carregaçaõ de Frades; mas naõ para o Viso-Rei da India mandar ao Rei de Portugal. D. Constantino sem alteraçaõ do espirito lhe respondeo: que as drogas de maior estimaçaõ, que elle podia mandar da India aos Reis de Portugal eraõ as suas náos carregadas das noticias, de que cada dia entravaõ no gremio da Igreja milhares de Gentios convertidos. Bem parece que esta principal, e Santa idéa do Viso-Rei foi approvada pelo mesmo Rei D. Sebástiaõ, que quando mandou a primeira vez a D. Luiz de Ataide governar a India, lhe disse: Ide, e governai taõ bem como D. Constantino.

Finalmente, elle chegou a Lisboa, e sem perder tempo a calumnia, o foi denunciar, de que deixava roubada a India; que a sua náo vinha carregada de riquezas. Acreditou-se a impostura; com exacçaõ se registou a náo, e naõ se achando mais que as poucas pedras já referidas, as levâraõ á Casa da India.

dia. Vista a pobreza de hum Governador do Estado, conhecido o testemunho levantado na face do Rei, se lhe mandáraõ entregar as pedras com ordem, de que pagasse os direitos. O Principe magnanimo, se sensivel á injuria, mais tocado da fidelidade, da dilataçaõ, da sua magnanimidade, respondeo: que tornava a mandar as pedras; porque como se lhe mandava pagar direitos de tenuidade semelhante, devia suppôr, que o seu Rei estava em necessidade, e que estimava ter ido á India poupar aquelle pouco cabedal, que trazia para pagar as suas dividas, o que faria por outro modo, querendo naõ se defraudar da complacencia de servir com elle as urgencias da Coroa: Resposta sublime, que desafiou o pejo dos Ministros para lhe mandarem entregar o cabedal. Elle se satisfez com passar o resto da vida em Estremoz na sociedade de sua mulher D. Maria, filha de D. Rodrigo de Mello, Marquez de Ferreira; e porque naõ teve filhos, deixou por herdeiro a seu sobrinho D. Constantino,

Era vulg.

Era vulg. no, filho do mesmo Marquez, e da primeira mulher, que era sua irmã, nem no anno de 1571 quiz acceitar o Viso-Reinado perpetuo da India, que ElRei D. Sebastiaõ lhe offereceo com hum grande Titulo, preferindo o seu descanço a todos os outros interesses.

CAPITULO IX.

Trataõ-se as primeiras acções do Viso-Rei Conde do Redondo até ao fim do anno de 1561.

Estimava a Corte de Lisboa ao Conde do Redondo D. Francisco Coutinho por hum Fidalgo de humor jovial, judicioso nos seus apopthegmas, facil em ditos graciosos, homem de qualidade, e de merecimento, habil na paz, como entaõ mostrava no cargo de Regedor da Casa da Supplicaçaõ, valeroso na guerra, como fez vêr em Africa quando foi Governador de Arzila. Com quatro mezes completos de feliz viagem chegou elle em 15 de Julho a Moçambique, aonde foi bem

bem hospedado por D. Luiza de Vasconcellos, mulher de Pantaleaõ de Sá, que havia ido a Çofala por haver succedido a Sebastiaõ de Sá no seu governo. Chegado a Goa a sete de Setembro, como dissemos, tratou a D. Constantino com as honras devidas ao seu alto nascimento, e encarregado do governo, cuidou logo na expediçaõ das náos do Reino, em que havia embarcar-o seu predecessor, e com elle D. Antonio de Noronha o Catarraz, outro D. Antonio de Noronha, sobrinho do Viso-Rei, e Sebastiaõ de Sá. Ainda ficavaõ na India outros dois Fidalgos do mesmo nome, de que havemos fallar nos seus lugares, e mortos dois irmãos deste appellido, filhos do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, a saber, D. Antonio de Noronha, que morreo governando Malaca, e D. Alvaro de Noronha, que naufragou na Aguada de S. Braz, e se afogou na passagem de hum pequeno rio com lastima dos seus amigos.

Era vulg.

Naõ tardou o Conde em merecer os obsequios das gentes da India,

Era vulg.

quando o viraõ amontoar despachos, e expedir frotas sobre frotas para entreter, e utilisar os homens. Em quanto aos primeiros, elle mandou por Garcia Rodrigues de Tavora, que sahira muito rico do governo de Chaul, render a Luiz de Mello da Silva, que estava no de Damaõ, e diziaõ que o Conde o queria em Goa para o cazar com huma filha: para governar Dio enviou a Martim Affonso de Miranda; porque o Governador Filippe Carneiro queria vir para o Reino participar da fortuna de seu tio Pedro da Alcaçova, Secretario de Estado, e valido da Corte: para Maluco foi Henrique de Sá occupar o lugar, que estava vago por morte de Manoel de Vasconcellos; seguindo-se a estes outros muitos despachos, que deixáraõ as gentes satisfeitas.

Em quanto ás frotas, pelas noticias, que recebeo em Outubro, de que Cafar determinava sahir do Estreito com as suas galés para dar caça aos navios de Ormuz: elle pôz prompta huma esquadra de dois galeões, vin-

vinte e tres galeotas, e fustas, em que embarcárão 650 soldados, e muita Nobreza ás ordens de D. Francisco Mascarenhas, que com elle viera do Reino, e depois foi Conde de Santa Cruz, Capitaõ dos Ginetes, e Viso-Rei da India. Sahio esta esquadra de Goa a 15 de Novembro, e apenas se fez á véla, o Conde despedio outra de oito navios commandados pelo Capitaõ Manoel Travaços, que nas Costas do *Canará* havia assegurar as Cáfilas, que traziaõ mantimentos a Goa. Ultimamente aprestou terceira esquadra composta de tres galeões, e alguns navios, tambem com o destino do Estreito de Meca, de que nomeou Chefe a Jorge de Moura, Collaço do Principe D. Joaõ, em quem logo fallaremos, por nos ser preciso seguirmos a D. Francisco Mascarenhas na sua viagem.

Era vulg.

Atravessou elle o Golfo de Dio, e por ir falto de agua, pôz as prôas na Ilha das Vacas para se prover della. Com a mesma necessidade trazia Çafar este rumo acompanhado de tres

Era vulg.

galés; mas sabendo que a nossa frota estava na Ilha, virou de bordo com tanto desacordo, que huma das galés varou em terra, aonde se fez em peças. Elle com as duas se engolfou tanto, que escapou do cativeiro, ou da morte. D. Francisco seguindo a viagem, chegou a Ormuz, e porque achou promptos os navios, que haviaõ vir para Goa, em navegaçaõ feliz entrou com elles pela sua barra nos primeiros dias de Janeiro do novo anno.

Nelle tem lugar, e nós o damos aqui aos successos da esquadra de Jorge de Moura, que defronte da Cidade de Caxem avistou huma grande náo, que o Achem mandava para Meca com carga do valor de hum milhaõ, e presentes preciosos para o Graõ Turco. Ella montava cincoenta canhões de bronze, que eraõ manobrados por 500 Turcos, Abexins, Fartaques, e outras Nações prezadas de valentes. Os gageiros do galeaõ de Pedro Lopes Rebello, que vinha muito pela retaguarda da frota, foraõ os primeiros,

ros, que a descobríraõ. O Capitaõ fez virar sobre ella; alcançou-a antes de romper o dia, e abordando-a, logo se travou huma horrivel batalha. Quando ao estrondo della acudia o galeaõ de Antonio Cabral, já o de Pedro Lopes ardia em chamas, que communicadas á náo inimiga miseravelmente se abrazáraõ ambas. Antonio Cabral entre os horrores da noite, e do incendio salvou toda a nossa gente no seu bordo. Os Turcos que naõ coubéraõ no batel, todos perecêraõ, huns abrazados, e os que se lançáraõ ao mar espetados nos ferros das nossas lanças.

Era vulg.

A sede insaciavel da cobiça fez, que os Portuguezes entrassem nesta acçaõ com furor taõ desacordado, que malográraõ a posse de huma inestimavel preza, naõ sentindo o fogo senaõ a tempo de lhes ser impossivel apagallo. Jorge de Moura encheo na boca do Estreito até descobrir o monte Felix o tempo do seu Regimento; mas andando sempre nos bordos de terra, naõ pôde alcançar alguma das

mui-

Era vulg. muitas náos, que via velejar ao largo; e sem outras vantagens se recolheo a invernar em Ormuz, para na monção seguinte escoltar os navios da carreira de Goa.

LI-

LIVRO LIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da Embaixada, que ElRei D. Sebastiaõ mandou ao Concilio de Trento, e de como nelle se conduzíraõ os Prelados, e Theologos Portuguezes.

Era vulg. 1562

Nós somos chegados ao ponto de huma Epoca luminosa para a nossa Historia no fausto anno de 1562, se o fim delle pela fatal renuncia, que a Rainha fez da Regencia do Reino, naõ desfigurasse a gentileza dos seus principios, e do seu meio. Aos 18 dias de Janeiro nos encontramos com a abertura para a continuaçaõ do Concilio de Trento, que fora convocado pelo Papa Paulo III. por Bulla passada no

Era vulg. no anno de 1542, e deo principio ás suas Sessões em Dezembro de 1545 para refrear as heresias desbocadas, com que Martim Luthero, Joaõ Calvino, os seus Sectarios, e Discipulos infestavaõ a pureza do Santuario, jarretavaõ a tunica inconsutil, despedaçavaõ a Unidade da Igreja em Alemanha, França, Hollanda, e mais Potencias do Norte; e para reformar os abusos, a relaxaçaõ, os máos costumes dos Catholicos, que com escandalos naõ menos enormes faziaõ chorar os caminhos de Siaõ, espalhavaõ pelas cabeças das ruas as pedras do mesmo Santuario, comiaõ o paõ inteiro sem o partirem aos pequenos, que lho pediaõ.

Foi esta Assemblea a mais Augusta de quantas na Igreja lhe precedêraõ, seja pelo esquadraõ brilhante dos sabios Prelados de todo o Christianismo, que nella se ajuntáraõ, seja pelo exercito incontrastavel de Theologos eminentes, que a illumináraõ, seja pela uniaõ invencivel do zelo nos Principes Catholicos, que a promovêraõ;

ou

Era vulg.

ou seja pela alta importancia das materias, que nella se decidírаõ. Teve duraçaõ longa este Concilio, que varias vezes se interrompeo, especialmente por occasiaõ da morte dos Pontifices Paulo, e Julio Terceiros: mas Pio IV. querendo agora concluillo; mandou pelos Cardeaes Legados fazer a sobredita abertura no Templo de Santa Maria Maior na mesma Cidade de Trento, de que o Concilio tomou o nome de Tridentino. Como todos os Principes Soberanos mandavaõ assistir nelle os seus Embaixadores, e os de Portugal sempre estimáraõ sobre tudo o caracter de Fidelissimos, nas materias da Religiaõ sem cederem vantagens aos mais zelosos do Orbe Catholico: ElRei D. Sebastiaõ para render á Assemblea Veneravel a sua obediencia, lhe enviou por seu Embaixador a Fernaõ Martins Mascarenhas, que a nove de Fevereiro fez em Trento a sua entrada pública com pompa taõ soberba, que indicasse bem a magnificencia da Pessoa, que representava.

Com

Em vulg.

Com prazer summo, com complacencia inexplicavel foi elle recebido pelos Cardeaes Presidentes do Concilio, aos quaes entregou a Carta, e Procuraçaõ do seu Monarca, em que lhe dava os plenos poderes para representar no Veneravel Congresso a sua Augusta Pessoa. O eloquente Doutor da Universidade de Coimbra Belchior Cornejo fez o acto mais solemne com a Oraçaõ Latina cheia de erudiçaõ, e elegancia, que sendo natural no seu Author, ella parecia affectada com extolencia do espirito; toda encaminhada a persuadir aos Padres do Concilio, e mostrar-lhes o fundo dos sentimentos do Rei pio, Catholico, respeitoso, obediente Filho da Igreja. Hum dos Padres em nome de todo o Corpo deo ao Embaixador hum testemunho significante do alvoroço; que lhe causáraõ a Carta delRei, a Recitaçaõ, que acabava de ouvir, como próvas sem contradicçaõ da obediencia do Soberano ao Sacro Concilio. Louvou o zelo dos seus Predecessores pela dilataçaõ da Fé em todo o mundo:

ex-

exaltou as façanhas obradas pela mesma causa na Africa, Asia, e America: sobre o Rei actual, sobre seus Avô, e Bisavô espalhou huma torrente de elogios pela firmeza, que mostrárañ immovel na conservaçañ da pureza dos Dogmas especulativos, e Doutrinas practicas da Igreja nestes tempos calamitosos das vantagens do erro, que tinha abalado tantos Sceptros com raizes fundas.

Na continuaçañ das Sessões do Concilio, quando se tratou a delicada materia da refórma dos Ecclesiasticos; a que se havia dar principio pela dos Prelados; he memoravel a liberdade Apostolica, com que votou o Arcebispo Primaz das Hespanhas D.Fr.Bartholomeo dos Martyres. Unanimemente se decidio, que os Illustrissimos, e Reverendissimos Cardeaes nañ tinhañ que reformar. Contra a voz geral soou forte, com admiraçañ, e edificaçañ de todos, o echo de hum só homem, que foi o Arcebispo, dizendo: os Illustrissimos, e Reverendissimos Cardeaes necessitañ de huma illustrissima,

e

Era vulg.

e reverendissima reformaçaõ. E logo fallando com elles continuou a persuadillos, que elles como fontes, donde os outros Prelados bebiaõ, era indispensavelmente preciso, que corressem mananciaes de aguas puras, saudaveis, e limpas. Séta taõ aguda sahida por huma boca participante da efficacia de outra, que já mostrou nella huma espada afiada por ambos os córtes, tanto emmudeceo a todos, que nada se atrevêraõ a pronunciar.

Faziaõ lados a este Veneravel Prelado, taõ forçosos com o centro, o Bispo de Coimbra D. Fr. Joaõ Soares, e o de Leiria D. Fr. Gaspar do Casal: cordaõ triple de tal sórte indissoluvel, que para se intimar a sua fortaleza, costumava dizer-se no Concilio: Muito em pouco: pouco em muito: muito em muito. A primeira parte do Apopthegma se applicava ao Arcebispo de Braga, que dizia sentenças profundas em poucas palavras: a segunda ao Bispo de Coimbra, que com a sua eloquencia affluente attrahia mais pelos ornatos, que pela essencia: a tercei-

ra

ra ao Bispo de Leiria, que igualmente Era vulg.
com a sublimidade das vozes, e com
a subtileza das idéas arrebatava os es-
piritos. Depois destes illustres Prela-
dos, de que louvores se naõ fizeraõ
dignos os respeitaveis Theologos Dio-
go de Paiva de Andrade na idade de
trinta e tres annos; Fr. Henrique de Ta-
vora, e Fr. Francisco Foreiro?

Diogo de Paiva votou com tanta
profundidade de erudiçaõ sobre hum
Canon do Sacramento do Matrimonio;
com tanta satisfaçaõ dos Legados, que
lhe rogáraõ subisse ao pulpito a repe-
tillo para ser bem ouvido de todos.
Fr. Henrique de Tavora, alem de
Theologo, se fez admirar Orador pe-
la maior parte dos Padres, que assis-
tíraõ á Homilia, que elle recitou na
primeira Dominga de Quaresma. Fr.
Francisco Foreiro depois de se fazer
recommendavel na escolha para a com-
posiçaõ do Catalogo dos Livros pro-
hibidos, e Catecismo, que se impri-
míraõ em Roma, subio á maior esti-
maçaõ pela agudeza dos seus Sermões;
taõ vasto em idéas, taõ profundo
em

Era vulg. em erudiçaõ, taõ sublime na eloquencia, com tanto conhecimento dos idiomas estrangeiros, que em huma occasiaõ estando já no pulpito, mandou perguntar aos Cardeaes assistentes, em que lingua queriaõ que lhes prégasse. Deste modo brilháraõ em todas as idades fóra da Patria Portuguezes, que dentro della em vida escura se escondem, pelas sobras de luzes, faltos de conhecimento: na Patria propria tochas accezas debaixo da medida; nas alheias collocadas no candieiro para illuminarem o Orbe.

Quando assim se deleitava Portugal com o echo das vozes dos seus Patricios, que sahiaõ de Trento, elle se encheo de segundo prazer com a chegada do Ballio Xellei, Prior de Inglaterra, que com o caracter de Embaixador de Filippe II. de Hespanha trazia huma Carta deste Soberano para seu sobrinho o Rei D.Sebastiaõ, em que lhe fazia saber: Que o Imperador de Alemanha acabava de ajustar huma liga com o Sophi da Persia contra o Turco: que nesta liga contra o inimi-

migo commum, naõ só era necessario, que elle fosse parte contratante; mas que visto as suas conquistas da Asia serem confinantes com o Imperio dos Persas, elle devia escrever ao mesmo Sophi para receber benevolo os Officios do Embaixador, que se lhe havia mandar, representando os tres Principes alliados da Europa, o de Alemanha, o de Portugal, o de Castella.

Era vulg.

Negociaçaõ mais lisongeira da nossa Corte naõ se podia entaõ tratar com ella. ElRei, e a Rainha escrevêraõ ao de Castella expondo-lhe a alegre condescendencia com que estavaõ promptos para empenhar todas as forças de Portugal em negocio taõ interessante á Christandade: que ao Viso-Rei da India, e ao Governador de Ormuz se mandavaõ as ordens mais precisas para tratarem com as maiores honras, e promoverem os designios do Embaixador, que se mandava á Persia: que se escrevia ao Sophi, e lhe propunha a vantagem, que resultaria ao seu vasto Imperio, como seria cons-

tan-

Era vulg.

tante a sua conservaçaõ a beneficio da alliança com os tres Monarcas mais poderosos da Europa. O mesmo Baillio Xellei era o Embaixador designado para a Persia, e que levou a Carta del-Rei concebida nos termos seguintes.

ElRei D. Sebastiaõ lembrava ao Sophi a boa amizade, que tinha com elle pelas partes da India, e dezejava conservar, e fazella perpetua em Portugal. Propunha-lhe os effeitos della vantajosos, se benevolo condescendesse com as propostas, que para abater a arrogancia dos Turcos, pelo Baillio Xellei, Prior de Inglaterra, lhe mandavaõ insinuar Elle, e seus Augustos Tios os Muito Altos, e Muito Poderosos Imperador de Alemanha, e Rei de Castella. Instava-o naõ perdesse conjunctura taõ favoravel, como era a que esta alliança lhe offerecia, para avançar sem duvida os confins do Imperio sobre as fronteiras, e interior do dos Turcos, igualmente seus inimigos, que dos Christãos, como se com estes fosse commua a sua causa. Ultimamente lhe pedia,

co-

como hum serviço estimavel, que lhe podia fazer, o bom acolhimento practicado, e a boa fé usada com o Embaixador.

Era vulg.

CAPITULO II.

Trataõ-se os successos da India neste anno de 1562.

O Viso-Rei Conde do Redondo, havendo despedido as differentes esquadras, de que dei noticia no fim do anno passado, para os designios que ficaõ contados: elle agora se occupava em receber, penetrar os intentos, e dar resposta aos Embaixadores do Çamorim, e do Hidalcaõ, que com o pretexto de lhe augurar as boas vindas, tambem sondáraõ o fundo dos seus sentimentos; o primeiro a respeito de paz, ou guerra; o segundo sobre as pretenções nunca esquecidas ás terras firmes de Bardes, e Salcete. Em quanto o Viso-Rei se entretinha com os officios simulados dos Embaixadores, do Reino navegava para a India

Era vulg. huma frota de seis náos com tres mil homens escolhidos, talvez destinada a fazer mais respeitavel a negociaçaõ com o Sophi da Persia, em que acabei de fallar. Ella vinha commandada por D. Jorge Manoel, que trazia ás suas ordens aos Capitáes Fernaõ Martins Freire provido no governo de Çofala, Antonio Mendes de Castro, Fernaõ Coutinho, Luiz Mendes de Vasconcellos, e D. Rodrigo de Castro. Com viagem feliz chegáraõ estas náos a Goa nos primeiros dias de Setembro, tempo o mais opportuno para as idéas, que o Conde entaõ projectava.

Elle se desembaraçou das pretençóes dos Embaixadores, concedendo ao Çamorim a paz com as mesmas clausulas da do tempo do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, e de novo a condiçaõ de mandar cortar os esporóes de todas as suas náos, sem consentir a saída dos piratas dos seus portos á perturbar a navegaçaõ dos Portuguezes. Ao do Hidalcaõ respondeo, que o negocio da entrega de Bardes, e Salce-

te com o fundamento dos Governadores da India terem faltado ás circunstancias estipuladas, era taõ delicado, que elle naõ o podia resolver sem huma determinaçaõ expressa do seu Soberano, a quem o devia propôr. Entretido deste modo o Hidalcaõ, lançados os preliminares para a paz do Çamorim, que as duas partes Contratantes haviaõ assignar em pessoa; o Conde Viso-Rei ficou expedito para observar as tentativas dos Abexins, cada vez mais inquietos pela sua Cidade de Damaõ, que viaõ violentos em poder dos Portuguezes.

Era vulg.

Ainda naõ escarmentados estes homens dos seus destroços; sempre desejosos da vingança, elegêraõ por seu Chefe ao alentado Cide Meriaõ, e com grande estrepito entráraõ pelos arrabaldes da Cidade oitocentos de cavallo, e mil Infantes. Garcia Rodrigues de Tavora seu Governador, incapaz de soffrer a injuria calado, sahio com 500 Infantes, e 180 cavallos a rebater os inimigos, que o esperáraõ formados no vasto campo de Par-

Era vulg. nel. Hum Religioso Dominico, que levava a Imagem do Santo Crucifixo, e sete soldados foraõ os primeiros que ensanguentáraõ a batalha, truncando-lhes as cabeças hum tiro vago, e incerto. Com espantoso horror se travou o conflicto. Elle se redobra furioso, quando os olhos dos Fieis viraõ, que outro golpe cego rompia hum dos braços da Imagem, que arvorára hum soldado. Accesos em ira generosa, em colera pia, os Portuguezes vingaõ a injuria feita ao Fundador do seu Imperio; a victoria se declara. Cide Meriaõ para lhe pôr tropeços, montado em hum soberbo cavallo com a lança enristada, chama pelo seu nome a Garcia Rodrigues de Tavora, que lhe responde, e se põe na sua frente com a mesma figura, prompto, e animoso.

Investem-se os dois Chefes gentis-homens, e á violencia dos golpes se embaraçaõ, e vem ambos a terra. Em igualdade de valor se combatem corpo a corpo espaço largo; mas hum Portuguez, que naõ póde vêr a luta

sem

sem tomar parte nella, atravessou a Meriaõ por huma ilharga, e o despachou da vida: morte que consummou a victoria. A maior parte dos Abexins teve o destino do seu Capitaõ, ficando no campo muitos mortos, muitos prisioneiros, muitos despojos, Damaõ desassombrado, os moradores das nossas Aldêas restituidos a suas casas, os soldados ricos, o famoso Tavora coberto de gloria. Socegáraõ os cuidados do Conde Viso-Rei com a noticia do triunfo, que firmava a praça de Damaõ, se para o Estado de muito interesse, para elle de alta consideraçaõ por ser na India a primogenita das acções do seu grande predecessor D. Constantino.

Era vulg.

Sem demora determinou elle navegar a Tiracolle para assignar o Tratado da paz ajustada com o Çamorim, que sempre inconstante na observancia das precedentes, o Conde dezejava imprimir na sua o caracter de estabilidade. Para isso fez a viagem na armada mais brilhante, ou monstruosa, que víra o Oriente á Naçaõ Portugue-

za,

Era vulg. za, composta de cento e oitenta vélas, com quatro mil homens de desembarque illustres em nascimento, e valor: armada, que nas realidades de pacifica, toda se deixava vêr formidavel. Com apparato soberbo se avistáraõ na terra de Tiracolle o Rei de Calecut entre duas linhas de 40ↀ000 homens, e o Conde Viso-Rei no meio de outras duas de 4ↀ000; a differença nos numeros; mas o menor com vantagem na pompa, e no valor. Ambos firmáraõ as pazes, que foraõ acompanhadas de hum presente magnifico, que o Conde mandou ao Çamorim, já desassombrado do temor de duas salvas de artilharia da armada, que fez tremer Tiracolle. O Viso-Rei se recolheo a Cochim sem obrar mais operações, taõ desgostados os soldados pela falta de contrarios para investir, que furiosos, e loucos se batêraõ entre si com morte de cincoenta. Elles fizeraõ moda do duelo, esquecidos das Leis da Religiaõ, sendo os authores principaes dois Fidalgos taõ distinctos como D. Rodrigo de Castro, e D.

Tel-

Tello de Menezes, que deixáraõ as vidas nas mãos do desatino. Era vulg.

Admiraveis eraõ por este tempo os progressos do Christianismo em todo o Oriente. Henrique de Sá nas Molucas, com tanto de piedade, como de valor, trouxe para o rebanho da Igreja grande numero de ovelhas. O mesmo succedia por outras partes com taõ grande satisfaçaõ da nossa Corte, que ElRei escreveo ao Arcebispo Primaz fautorisasse o ardor dos Missionarios, concedendo-lhes liberdade plena para os Baptismos, que por informações sinistras lhes havia prohibido. Attento ás mesmas vantagens da Fé, que no Japaõ promovia o Rei de Bungo, ainda que infiel, tambem escreveo a este Principe agradecendo-lhe a hospitalidade com os Operarios do Evangelho, dispondo-lhe o animo para receber as suas doutrinas, e para que mais facilmente se lograsse taõ santo intento, ordenou ao Conde Viso-Rei naõ perdoasse a diligencia até metter em obra os ultimos esforços em materia a mais importante.

Es-

Era vulg.

Estas vantagens foraõ contrapezadas pela perseguiçaõ barbara, que o Imperador da Ethiopia Adamas Seghued fazia aos Christãos naturaes, e estrangeiros: perseguiçaõ, que foi vingada pelo Ceo na batalha contra os Turcos, em que elle agora perdeo a vida, quando pela mesma causa, com pouca differença de tempo, sobreveio a morte em Goa ao afflicto Patriarca daquelle Imperio D. Joaõ Nunes Barreto. Este benemerito, e douto Prelado era filho da Illustre Casa dos Barretos, Senhores de Freiriz, e Penaguate, creatura das doutrinas do Padre Pedro Fabro, depois que entrou na Sociedade dos Jesuitas. Em muitas occasiões derrotou com as armas da sua eloquencia os delirios de Mafoma, e os fingimentos do Talmud com gloria da Religiaõ Christã. Em recompensa dos muitos serviços, que fizera em Tetuaõ no espaço de seis annos applicados ao resgate de muitos cativos, e em attençaõ ás suas muitas virtudes, ElRei D. Joaõ III. o elegeo Patriarca de Ethiopia, que accei-

ceitou obrigado pela authoridade do Papa Paulo IV. Era vulg.

Em fim, os negocios da India este anno nós os concluimos dizendo, que o Viso-Rei desgostado em Cochim da repetiçaõ dos desafios, cuidou em recolher-se para Goa. Antes de o fazer deixou expeditas as náos de viagem para o Reino, aonde chegáraõ a salvamento, menos o galeaõ S. Martinho, em que ia o Commandante D. Jorge Manoel, que se perdeo sem saber o como, nem aonde. Deixando a D. Jorge de Castro por Governador de Cochim, o Viso-Rei chegando a Goa despachou a outros Officiaes para differentes governos, e convidou a D. Francisco Deça para o esperar com as forças navaes de Malaca na costa do Achem, que determinava destruir para o livrar de taõ máo visinho; mas se D. Francisco executou a ordem, o Viso-Rei naõ cumprio a palavra.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Escreve-se o sitio, que o Xerife Muley Abdala, Rei de Marrocos, pôz á praça de Mazagaõ.

O memoravel sitio que as forças conjuradas da Mauritana puzeraõ este anno á praça de Mazagaõ, vai agora a ser o assumpto da minha Historia. Sobre o mar Athlantico, na Provincia de Ducala, pouco distante de Marrocos, tres legoas ao poente de Azamor, se levanta esta Villa banhada das aguas daquelle mar. A sua situaçaõ he quadrada, abertos os fundamentos em huma penha, defendida pelos baluartes Santiago, S. Pedro, S. Sebastiaõ, e Espirito Santo, que fazem frente aos quatro pontos Cardinaes do Universo. Na maré chêa quasi que a cingem as aguas, e na baixa mar lhe fica o fosso occupado dellas na altura de vinte e quatro palmos, sem que o possaõ rodear as lanchas por causa do escarceo do mar,

que

Era vulg.

que no lanço do muro bate com grande força. Porem na maré vasia, fechada a comporta, e o fosso cheio, pódem andar por elle bateis com artilharia para defensa das obras exteriores. Da ponta de diamante do baluarte Espirito Santo corre huma couraça de pedra lavrada, que vai entestar no baluarte Santiago: Entre ella, e o muro fica huma cova de 156 palmos de largo, que he a que se enche de agua, aonde entra muita pescaria, de que se aproveitaõ na praça os seus moradores.

Tem os muros 1500 passos de circunferencia, cincoenta palmos de largo, em que entraõ treze da grossura do parapeito. Sobre os baluartes ha cavalleiros da altura de trinta palmos, e em torno da fortificaçaõ sessenta e nove bombardeiros, os mais delles montados de grossa artilharia de bronze, com muitas seteiras atravessadas por todo o parapeito, que por mostrar a experiencia a sua inutilidade á vista do damno, ellas foraõ tapadas para se evitar a perda de muitos homens,

Era vulg. mens, que ao seu amparo se tinhaő por seguros. Alem de outras defensas, ao longo da cava nos baluartes havia em Mazagaő bombardeiros ao lume da agua para serem atacados com fogos flanqueados, ou obliquos os offensores, que quizessem subir ao muro por escadas. Esta era a Villa de Mazagaő, que ha poucos annos vimos com lastima abandonalla aos Mouros, e agora vamos ouvir a gentileza, com que no anno de 1562 a defendêraő os Portuguezes.

Escandalo intoleravel das vantagens conseguidas pelo Xerife Muley Hamete, o que nós já vimos aleivosamente morto ás mãos do Turco Hazem, era o padrasto de Mazagaő taő visinho á sua Corte de Marrocos. Com a mesma viseira baixa lhe punha agora os olhos o seu successor Muley Abdala, que intentou rendella colerico, e poderoso, como se no seu curto recinto naő estivessem Portuguezes capazes de gravar nos Fastos da Eternidade as proezas, que havia tantas idades os dava a conhecer por fla-

flagellos da potencia dos Agarenos. Era vulg.
Elle fez huma recapitulaçaõ das nossas passadas heroicidades, e temeroso de que a brava Naçaõ no centro dos seus Estados fosse cancro, que os roesse, desbaratadas as industrias, as dissimulações, as intrigas, a má fé, e o fanatismo, com que seu pai se fez Senhor absoluto dos Reinos de Féz, de Marrocos, de Tarudante, de Mequinéz, de Sus, de Tremecem, de Tafilete, de Dara, e de Tendola; determinou sacudir de Africa os principios da dominaçaõ Portugueza, até entaõ vacillante, antes que chegasse a ser Imperio com raizes.

Quando o Xerife com fingimentos mal cobertos publicava, que queria castigar os Turcos de Argel, e ia ajuntando hum mundo de homens dos seus vastos Dominios da Barbaria, Numidia, e Libya, sendo os Portuguezes o objecto da sua cólera: Alvaro de Carvalho, Governador de Mazagaõ, se achava em Lisboa, e por elle governava a praça seu irmaõ Ruy de Sousa de Carvalho, que alvoroçado com

Era vulg. com o estrepito da marcha de tantâs tropas, fez soar no Reino o ruido della, dispondo, e animando para a rebater a seiscentos bravos homens, que tinha na praça. Ao primeiro aviso, de que ella era o escudo, que havia de reparar os golpes de tantos braços, a Rainha mandou por todos os Templos derramar preces ao Deos dos Exercitos, como primeiro auxilio opportuno para serem abençoadas pelo Ceo as nossas armas.

Pelo segundo Expresso, que naõ tardou muito tempo, se soube, que o Xerife havia encarregado o sitio de Mazagàõ a seu filho Muley Hamete com o caracter de General em annos verdes, por isso recommendado a seu tio o experimentado Rei de Dara: que já dos muros se via coberto o campo com 37000 cavallos, e tanta Infantaria, que affirmavaõ se naõ podia contar; mas que era opiniaõ constante exceder o numero de 120000 homens: que parecia tremer a terra com esta mole de carne, donde sahiaõ

hiaõ vozes taõ espantosas, ainda que alegres, estrondo taõ formidavel, ainda que concorde, de clarins, e caixas, que horrorisavaõ os ouvidos, fazendo aos valerosos saltar os peitos, aos cobardes sumindo-os: que o trem da artilharia se compunha de 24 canhões muito grossos, que os Mouros entendiaõ bastantes para deitar a terra as guaritas dos baluartes, naõ podendo a praça pela sua situaçaõ, e contextura, ser atacada por todos os lados: que para trabalharem nas obras vinhaõ 18$000 gastadores; gados em tanta cópia, que naõ tinhaõ numero, e que esta Africa recopilada se postára sabre Mazagaõ pelas oito horas da noite do dia 4 de Março.

Era vulg.

Incançavel se mostrou entaõ a Rainha em fazer, que a praça sitiada de todas as partes fosse soccorrida de homens, de munições, de vivres: taõ activa em toda a duraçaõ desta guerra, que acabado o sitio, hum Mouro generoso, alentado, e polido veio a Portugal publicando, que queria vêr a Mulher sabia, intrepida, façanho-

Ere vulg. nhosa, que com a sua dexteridade, promptidaõ, e coragem fizera em cinza, calcára como pó a potencia formidavel dos Mauritanos invenciveis. O Governador Alvaro de Carvalho foi mandado embarcar sem demora com o famoso Engenheiro Isidoro de Almeida, seguido de muita Nobreza, entre a qual se distinguiaõ Gomes Freire de Andrade, D. Pedro de Menezes, Tristaõ Vaz da Veiga, D. Gonçalo de Castello-Branco, Martim Affonso de Sousa, D. Joaõ de Almeida, Diogo Moniz da Silva, D. Antonio Lobo, Pedro, e Gaspar Vaz da Veiga, Diogo de Vasconcellos, Francisco da Silva; o grande Joaõ de Barros, e outros muitos Fidalgos ambiciosos da honra, que havendo representado figuras brilhantes nos theatros da Asia, agora iaõ derramar o ardor, que os abrazava na adusta Africa.

Outros muitos Portuguezes, que se a natureza naõ os ajudou no nascimento, a fortuna na distribuiçaõ dos seus bens lhes foi propicia: elles foraõ,

rão, e mandárão muitos homens pagos á sua custa: próva então bem evidente, de que os vassallos ricos são o thesouro dos Principes; maxima bem verdadeira, que não perde a sua força pela politica corrupta, que a ataca. Até os Officiaes mecanicos enviárão á sua despeza mil homens, como outro testemunho da fé, que os suores humildes os faz derramar generosos sobre as urgencias da Patria. Depois de partidos estes soccorros tão avultados na qualidade, como no numero, ainda não cançado da guerra aquelle famoso Antonio Moniz Barreto, que do governo de D. João de Castro na India atégora nós o temos seguido nas batalhas, nos choques, obrando gentilezas, cobrindo exercitos, em mar, e terra obrando heroicidades: elle se embarca aventureiro para Mazagão, com elle o valeroso Pedro de Goes, o magnanimo Gaspar de Magalhães; pouco depois Vasco da Cunha coberto das cans gloriosas, que lhe crescêrão na India, seu irmão o Maltez Christovão da

Era vulg. Cunha, e outros tantos offerecidos de todas as qualidades, que foi preciso á Rainha ordenar, que sem sua licença ninguem embarcasse, e mandar ás Torres da barra impedissem aos que fossem como fugidos em busca de gloria, que os alentados suppunhaõ em Mazagaõ seu centro.

Antes que lhe chegassem estes soccorros, o Principe arrogante, depois de fazer ostentaçaõ fastosa do seu poder diante dos muros da praça, mandou hum Emissario propôr a Ruy de Sousa de Carvalho: Que nos seios da magnanimidade de seu grande Pai já naõ cabia o soffrimento, com que até entaõ tolerava, que hum punhado de homens acantonados entre quatro paredes estivesse sendo o escandalo da vastidaõ dos seus estados: que para se livrar desta injuria, com aquelle exercito, que era hum pequeno membro do formidavel corpo do seu poder, elle lhe mandára os viesse lançar fóra da cova, aonde se escondiaõ como féras para sahirem confiados ás prezas: que sendo-lhe facil

abys-

abysmallos, queria usar cóm elles da sua natural clemencia, persuadindo-os naõ arriscassem as vidas temerarios, e deixando-os ir em paz para Portugal, sem que na praça ficassem mais despojos, que a artilharia, e os muros: que se abusassem desta benignidade, e confiassem para se defender na jactancia do seu esforço, preparassem as gargantas para os cutelos; porque elle já entrava a cavallo por Mazagaõ para derramar sem misericordia o terror, o fogo, o sangue, o ferro, a colera, a raiva indomaveis no coraçaõ offendido de hum Rei de Marrocos incapaz de soffrer injurias.

Era vulg.

Ruy de Sousa de Carvalho na frente da sua pequena tropa respondeo ao Emissario Cide Gamene: Ide dizer a Muley Hamete, que se esse recado he seu, ou de seu Pai Muley Abdala, que ambos naõ conhecem os Portuguezes; seu Pai por soberbo, elle por menino: que hum, e outro estaõ em tempo de conhecer o seu claro nome á luz das suas façanhas com a ex-

Era vulg. periencia em cabeça propria: que como cada pedra de Mazagaõ, que arrancar ha de ser a troco de muitas mil vidas; que mande vir mais Mouros, bem certo que esses, que lhe põe á vista saõ mui poucos para lhe juncarem os contornos de cadaveres, para lhe povoarem as masmorras de cativos: que lhe naõ dá mais resposta com vozes, com palavras pela impaciencia de já lha dar com a lança, com a espada.

Atonito o Mouro com esta arrogancia generosa, que parecia loucura rematada, elle se recolhe ao seu campo, e diz ao Principe, que os Portuguezes saõ homens, ou a quem se haõ de cortar as cabeças por furiosos, ou trazellos sobre ellas por honrados: que elle segue esta segunda parte na contemplaçaõ das difficuldades para se lograr a primeira. Muley Principe taõ grande, antes queria ser o author da resposta, que o ouvinte. Ella com tudo lhe serve de estimulo mais agudo para vêr se póde imitar obrando, o que Ruy de Sousa acaba de obrar di-

zen-

zendo. Elle se move do lugar de Amogruz, depois de fazer lançar huma trincheira da parte de Azamor distante 1500 passos dos muros da praça, que mandou salvar com a descarga de trinta mil mosquetes. A nossa artilharia lhe respondeo, se com menor estrondo, com maior estrago; turbantes, cimitarras, pernas, braços sem dono, e sem sentido entraõ a saltar no campo como preludio dos futuros destroços.

Fra vulg.

Pela direcçaõ do pratico Zacari vaõ correndo os trabalhos nocturnos até ao baluarte Espirito Santo para se montar a bateria. Ruy de Sousa desterra as sombras da noite com muitos fachos accesos, que descobrem a multidaõ dos Mouros vivos, depressa mudada em multidaõ de mortos, estes que entulhaõ a trincheira, aquelles que precipitados a abandonaõ. Mudado o valor em pejo, já passados dezaseis dias de sitio, os Generaes renovaõ a bateria; mas os Portuguezes sem perderem hum homem, lhe degollaõ quinhentos. A porfia de mui-

tos

Eri vulg. tos conseguio levantar huma trincheira, que cingia a praça de mar a mar, correndo do baluarte Espirito Santo ao de S. Sebastiaõ. Com o designio de tomar lingua o bizarro moço Pedro Lourenço de Mello, primo de Ruy de Sousa, sahio com oito bravos a atacar a guarda, que os Mouros haviaõ postado na trincheira. Elles a investiraõ com tanto ardor, que os barbaros fugindo, e clamando, puzeraõ todo o exercito em armas. Já descobertos taõ poucos homens, correm grossos destacamentos a atacallos. Em continuo volta face, sem deixarem a escaramuça, espetando muitos nas lanças, em marcha compassada, e retirada airosa, elles se recolhem á praça sem perda de algum, todos feridos, todos gloriosos, huns objectos da inveja, ou da admiraçaõ de todos.

No dia 24. de Março, vigesimo do sitio, chegou com os soccorros á praça o seu Governador Alvaro de Carvalho, que foi recebido de Ruy de Sousa com agrados de irmaõ, e res-

respeito de General. Examinando o estado da fortificação, mandou reforçar com entulhos as fraquezas do baluarte Espirito Santo, depois chamado do Rebate, e para honrar os camaradas, que trouxéra para socios dos perigos, os hospedou nos lugares dos maiores, que elles buscavaõ gostosos abandonando a Patria voluntarios. O reparo daquelle baluarte, aonde mandava o Capitaõ Fernaõ de Crasto, *foi* encarregado a D. Diogo Manoel: a primeira estancia ao pé do cavalleiro, donde jogava o grande canhaõ chamado a Aguia, aos dois primos D. Gonçalo, e D. Diogo de Castello-Branco; lugar em que depois obráraõ maravilhas os alentados Affonso de Torres, e Nuno Fernandes de Magalhães: a Vasco Fernandes Homem hum lanço do muro no mesmo baluarte até á guarita da direita: a outra estancia, e lanço do muro á esquerda a Antonio Lobo, que o sustentou em toda a duraçaõ do sitio: a Joaõ Rodrigues de Torres, que levou cem homens á sua custa, outro lanço tambem

Era vulg.

bem

Era vulg. bem á esquerda para o baluarte Santiago.

Joaõ de Teive foi postado pela muralha, que corre alem da porta da Villa, e porque nella se conduzia com valor naõ vulgar, o mandáraõ depois para lugar mais arriscado, qual era o lanço contra o baluarte S. Sebastiaõ: Luiz de Crasto na quarta estancia com os cem homens, que elle pagava, donde fazia nos inimigos dano consideravel: Pedro Paulo com os arcabuzeiros de Tavira no lugar immediato, cobertos com huma trincheira de pipas cheas de terra, que lhes facilitava fazer fogo continuo: Joaõ de Mendoça no baluarte S. Sebastiaõ: Jorge Mendes de Faria deste baluarte ao de Santiago com os sessenta homens, que levára á sua custa: Luiz Caiado no baluarte Santiago, e mais avançado Francisco da Cunha para rondar os muros de noite: Damiaõ Gonçalves no lanço do muro para a parte do mesmo baluarte: Affonso Juzarte do referido baluarte para o do Espirito Santo: Francisco Porto-

tocarreiro, escolhido pelo seu esforço para Capitaõ dos intrepidos Algaravios, em huma estancia separada; e Pedro de Goes destinado para a direcçaõ da famosa peça chamada Salvagem, que era o alvo dos tiros contrarios por causa do grande dano, que nelles fazia. A vigilancia sobre as minas, em que elles podiaõ trabalhar, e o cuidado de as contraminar, tudo tomou á sua conta o celebre Engenheiro Isidoro de Almeida, bem conhecidos os seus talentos nas campanhas de Italia, e Alemanha, com seu companheiro Francisco da Silva.

Em vulg.

Taõ bem repartidos os Officiaes, e soldados, que haviaõ defender o recinto da praça de Mazagaõ, o Governador Alvaro de Carvalho tendo-os presentes lhes fallou neste sentido: Todo o poder de Africa com impulso está encostado ás fracas paredes de Mazagaõ para as deitar a terra. E será bastante para fazer o mesmo aos vossos peitos esse poder monstruoso? Naõ, Senhores, que saõ peitos de Portuguezes. As balas abateráõ paredes

de

Era vulg.

de pedra; mas naõ haõ de penetrar peitos de bronze. Esses homens sem numero saõ os mesmos, que tantas vezes tem cortado o nosso ferro. A nossa fortuna ajuntou tantos, para que destroçados de hum golpe, tenhamos mais descanço com menos inimigos; as suas reliquias infames; nós todos gloriosos. Vamos a peleijar pela Religiaõ: o Ceo nos promette os triunfos. Vós fareis com as mãos, que os ouvidos fiquem desembaraçados para ouvir o pregaõ magnifico da fama, em voz tremula por pasmada, que annunciará pelos ambitos do Universo, como poucos Portuguezes encerrados nas muralhas de Mazagaõ foraõ o escandalo, o terror, a ruina de tantos Reinos formidaveis da Mauritania.

CAPITULO IV.

Continua o sitio de Mazagaõ.

Acabou de fallar o animoso Chefe Alvaro de Carvalho, e nos semblan-

blantes da sua gente lhe pareceo, que estava vendo o ar de intrepidez, que o Espirito Supremo inspira nas almas heroicas, que escolhe para instrumentos dos seus designios adoraveis. Elle se dispõe com esta consideraçaõ a fazer huma defensa taõ façanhosa, que as idades futuras, entre as mais sublimes, a apontem com o dedo. Dura porfiava a guerra, e porque os Mouros naõ paravaõ de nos bater, nós naõ cessavamos de nos reparar. Vieraõ chegando com soccorros os briosos Fidalgos de Tavira, que entaõ os tinha em grande numero, a saber, Francisco da Cunha com seu cunhado Vasqueanes Corte-Real, seu filho Alvaro Barreto, e seu genro Luiz Mendes de Vasconcellos; Lopo de Siqueira, que já tinha em Mazagaõ a seus irmãos Francisco, e Antonio de Siqueira, e outros Fidalgos da Corte, e Provincias. Entre outras viagens de aventureiros, he digna de lembrança a de Manoel Rodrigues, que governava hum pequeno bergantim na Costa do Algarve, em que resol-

Era vulg.

Em vulg. solveo conduzir munições a Mazagaõ. Todas as 80 legoas de travessia do golfo levou elle debaixo das ondas agitadas com a força de huma tempestade horrivel. O perigo, as instancias, as ameaças dos marinheiros, nada foi bastante para o fazerem arribar. No extremo de alijar a carga, elle mandou lançar os mantimentos ao mar sem bulir nas munições, que dizia ser para Mazagaõ a carga mais importante, ainda que elles morressem de fome. No fim de tres dias, perdidos mastros, e vélas, hum destino superior levou a embarcaçaõ á praça. Os que estavaõ nella, vendo chegar o casco aboiado, informados da gentileza de Miguel Rodrigues, tiveraõ o successo por hum presagio feliz da futura victoria.

Já a este tempo se empenhavaõ os inimigos em nos cegar o fosso. Nós levantámos superior no baluarte Espirito Santo huma maquina de madeira terraplanada, donde laborava com effeito admiravel o nosso fogo, que a muitos apanhava descobertos. Servindo-

do-lhes os cadaveres de entulho, conseguio a multidaõ cegar o fosso do baluarte, levantando terra em tal altura, que sem receber offensa, entrou a picar o muro. Ao mesmo tempo naõ cessava o fogo das baterias, que nos causou a perda do estimavel Nuno Pereira, Fidalgo de grande valor; mas nós vingámos com muitas mortes a falta da sua vida: effeitos do fogo da bateria contraposta, e levantada pelo engenhoso Isidoro de Almeida, que fez calar por muitos dias nas dos contrarios os estrondos das bocas de bronze. Igual effeito produzio em hum grosso canhaõ a intrepidez de Gaspar de Magalhães, acabado de chegar á praça, que observando o grande dano, que elle lhe fazia, subio descoberto ao cavalleiro com a sua gente, e hum artilheiro taõ practico, e bem remunerado, que embocando no canhaõ huma bala, o fez em pedaços, e com os seus estilhaços cortou em peças a muitos Mouros.

Era vulg.

Como elles conseguíraõ picar o mu-

Era vulg. muro, intentáraõ abrir huma mina taõ espaçosa, que o seu Principe entrasse por ella a cavallo na praça, como promettêra arrogante. Os nossos Engenheiros a contraminárãõ, e encontrando-se no centro da terra os trabalhadores de ambos os partidos, nas sombras da sua escuridade se atiçou o fogo do odio, que devorou os inimigos como estopa: a sua mesma cova lhes servio de sepulcro, aonde os nossos os cobríraõ de terra com as mesmas ferramentas, que elles lhes deixáraõ. Monta em colera o Principe, naõ menos o Rei de Dara, perde coragem o Director Zacari por verem abortados os designios, especialmente o da mina, em que tinhaõ firmes as esperanças da victoria. Unanimes no parecer, elles determinaõ assaltar a praça com força descoberta para ganhar o valor o que perdia a industria; para atropellar a multidaõ o que naõ cedesse á coragem. Dia fausto nos preparava a jactancia Agarena, quando chegavaõ a Mazagaõ dois mil homens de soccorro mandados pela activida-

de

de viril da Rainha Regente. Fazia luminosa esta gente a quantidade da melhor, mais luzida, e bem disciplinada Nobreza, creada nos perigos da India, despresadora da morte, costumada aos combates, nutrida com a gloria das armas.

A presença de tantos Corifeos façanhosos fazia parecer, que acabava a guerra: a abundancia, que trouxeraõ de viveres, e munições obrigava a naõ se temer o sitio. Mas os corações palpitaõ, os semblantes se vestem das côres dos affectos, quando todos ouvem as vozes fulminantes do Grande Caciz, que exhorta para o assalto o ajuntamento enorme dos Sectarios do Alcoraõ. Entre desejos, e sustos se passou a noite de 23 de Abril, e amanhecendo o seguinte dia, os Portuguezes, tendo invocado a protecçaõ do Grito de guerra de Portugal S. Jorge, apparecêraõ brilhantes, e guerreiros coroando os muros da praça; constante a emulaçaõ gloriosa, que na acçaõ esperada elles haviaõ ser, ou campas com inscripções mudas, que co-

Era vulg. cobrindo os corpos lhes indicassem a immortalidade, ou Obelyscos, que levantados para a duraçaõ do seu credito, marcassem ás idades vindouras por invencivel o seu esforço.

Muley Hamete, e seu tio o Rei de Dara rodeados de 15000 cavallos subíraõ a hum monte para verem a marcha de tantos milhares de homens, que se moviaõ ao assalto, observallo, e despedirem soccorros, aonde a necessidade o requeresse. Soou com hum só estrondo o fogo das baterias, que era o signal para se desenrolarem as bandeiras, e montar o avance. O cavalleiro, e praça do baluarte Espirito Santo, chamado do Rebate, foi o investido por huma multidaõ de homens, por hum diluvio de fogo, por huma inundaçaõ de pedras, por hum chuveiro de armas de arremeço. Poucos theatros de gentilezas ao mesmo tempo elegantes, e horrorosos vio o mundo, que se possa comparar com este curto espaço de terreno na longa duraçaõ de quatro horas. Toda a penna he escaça, balbuciante qualquer elo-

eloquencia para contar neste assalto formidavel o horror do fogo, o estrondo da artilharia, o ruido dos arcabuzes, as muitas feridas, as mortes, o desprezo das vidas, a desesperaçaõ dos Mouros, as heroicidades obradas pelos Portuguezes. Nós vamos a ouvir em resumo a narraçaõ, que requeria huma Historia vasta.

Em grande numero, sem que forças humanas lhes detivessem o primeiro impulso, montáraõ os Mouros o cavalleiro com tal estrepito de vozes, tanta quantidade de balas, taes invenções de fogos, que pegando em algumas bombas, e em huma rodella cheia de alcanzias de polvora, que estavaõ no baluarte, sobre representar logo huma imagem infernal, muitos homens ficáraõ abrazados. Acudíraõ á defensa apinhados sobre o cavalleiro o bravo Ruy de Sousa de Carvalho, Fernaõ de Crasto, Gaspar de Magalhães, Joaõ de Mello do Algarve, Ambrosio de Aguiar, Pedro Lourenço de Mello, Francisco da Cunha, outros Fidalgos, e Cavalleiros

 il-

Era vulg. illustres no sangue, e no valor, que servírão de modo os primeiros, e intrepidos barbaros, que delles não ficou huma testemunha do destroço. Já se revezava novo tropel de Mouros a sustentar o campo do conflicto, quando Ruy de Sousa gritava aos seus camaradas sustentassem em dia tão formoso o baluarte; que amontoassem os triunfos, ou que todos acabem, aonde tambem elle morria: quando pegando o fogo em dois barrís de polvora, levou pelos ares ao famoso Gaspar de Magalhães, que entrado em si do parocismo, e perguntando se estava por ElRei o baluarte; respondendo-lhe Luiz Cayado, que estava, e estaria, elle lhe tornou com sentimentos de Heróe: Pois então morra eu cada vez, que Deos quizer.

Pelos ares levou tambem este incendio, sem perigo, a Affonso de Torres, que estava na estancia de seu irmão Nuno Fernandes de Magalhães: queimou outros muitos homens, que deixou mais estimulados para a vingan-

gança, menos sensiveis á dôr, que á colera. A este espectaculo, mais espantoso pela vista de muitos cadaveres, pela cópia de sangue, que cobria os pés, acudíraõ o impavido Jorge Nunes de Leaõ, que nós temos visto em tantas acções hum dos primeiros Martes da India, e o bizarro moço Martim Vaz de Sousa, descobertos, e desarmados, cada qual com sua alabarda lançando-se sobre os inimigos como dois raios. Advertidos por Gaspar de Magalhães do perigo a que andavaõ expostos, naõ entendêraõ mais vozes, que as da coragem, da intrepidez, da honra. Depois de obrarem façanhas incriveis, de deixarem o seu sangue bem vingado, Martim Vaz cahio morto de huma bala: Jorge Nunes de Leaõ brigando sobre hum feixe de piques verdadeiramente Leaõ, ferido de huma arcabuzada, na cabeça de hum zaguncho, tirado por força do combate para o levarem a morrer a sua casa, já languido, com as forças perdidas, o espirito alentado o fazia dizer forte:

Era vulg.

 Dei-

Era vulg.

Deixai-me, Senhores, naõ me foreeis, que eu quero acabar no serviço do meu Deos, e do meu Rei. Naõ só da gloria temporal; mas da eterna deixou Jorge Nunes claros indicios no mundo, a sua vida, e a sua morte ambas dignas de inveja.

Estando o assalto nesta espantosa figura, Isidoro de Almeida mandou dar fogo á mina, que com grande trabalho mandára fazer debaixo da estrada, por onde os Mouros subiaõ ao cavalleiro. Ella rebentou por muitas partes, e ainda que matou, e levou pelos ares a muitos dos inimigos, o seu medo foi maior, que o estrago. A nossa maior vantagem consistio em ella abater a trincheira, que os cobria, ficando hum muro de homens servindo de alvo aos nossos tiros, que entaõ multiplicados fizeraõ nos barbaros huma carnagem horrenda. A este tempo subio ao mais alto do cavalleiro hum grande Mouro negro, e nû, que tinha por capacete huma horrivel grenha; taõ destro no uso da espingarda, que de tres tiros deitou a terra

ra mortos tres Fidalgos taõ estimaveis, como eraõ Pedro Lourenço de Mello, Jorge de Macedo, e Francisco de Carvalho. O Capitaõ dos Algaravios Francisco Portocarreiro arrancou da nossa vista a este escandalo, fazendo-o em postas. Era vulg.

Naõ saõ explicaveis os assombros de heroismo obrados por D. Diogo Manoel, e por seu cunhado Pedro Vaz da Veiga. Elles rodeados de outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, obravaõ de modo, que a complacencia de os verem fazia esquecer o ardor do fogo, em que se abrazavaõ Lourenço de Sá, Bernardino Ribeiro, Alvaro Dias Rebelo, Simaõ Viegas, Joaõ de Barros, e outros homens, que sendo assumpto verdadeiro da Historia, elles parece que só tem lugar nos fingimentos da fabula. Outras acções dignas da immortalidade no meio de destroços, que nem ao furor já podiaõ ser gratos, obravaõ Lopo de Siqueira, D. Gonçalo de Castello-Branco, os dois irmãos Joaõ Lopes, e Manoel de Mesquita, Joaõ Riscardo,

Vas-

Era vulg. co Fernandes Coutinho, entre os quaes, e outros muitos, vamos distinguir a D. Antonio Lobo, que passando por onde estava o General, e ouvindo da sua boca: Ah, quantos nos faltaõ no cavalleiro, que podiaõ servir para muito: elle se voltou, e respondeo: Se o dizeis por mim, eu naõ farei falta; porque do cavalleiro me vereis baixar, ou morto, ou vencedor. No mesmo passo accelerado D. Antonio monta a fortificaçaõ, e com estimulo generoso cumpre até ao fim a segunda parte da palavra.

A tempo que os Portuguezes no baluarte se faziaõ admirar das Naçóes congregadas para a sua ruina, nas suas estancias esperavaõ intrepidos a mesma invasaõ Vasco Fernandes Homem, e Nuno Fernandes de Magalhães; mas os barbaros temêraõ a viveza do seu fogo, o ardor com que os fulminavaõ as bombas, os dardos, as lanças, que fazia despedir o bravo Fernaõ Vieira com outros imitadores da sua coragem. Sebastiaõ de Brito de Menezes, que guardava a porta do mar, ouvindo

do

Era vulg.

do dizer aos seus soldados, que o cavalleiro estava perdido, os seus defensores todos mortos, correo com o designio de os ir acompanhar na eternidade. Achando falsa a noticia, namorado do espectaculo, que naõ acabava de admirar, como exhalaçaõ rapida montou o espigaõ do parapeito, donde elle, Nuno da Cunha, e Fernaõ Rodrigues fizeraõ chover sobre os inimigos tantos vomitos de fogo, que o horror da mortandade obrigava os vivos a continuar o assalto com obediencia forçada, abatidos os brios, tantos corpos já sem alma, immensos homens sem vida.

Para se distinguir, como sempre, Antonio Moniz Barreto, correndo as estancias, chegou á em que Luiz de Crasto se mostrava hum bello homem. Elle lhe diz com desenfado: Ah, Senhor Luiz de Crasto, que bem se parecem estas hortas com as de Alvalade. O bravo soldado, sem voltar a cara, nem suspender os braços, respondeo prompto: Melhores que as de Alvalade saõ para o tempo estas

hor-

Era vulg.

hortas. Finalmente, á vista da Imagem de hum Santo Crucifixo, que os Padres Franciscanos arvorárao no muro, o valor dos Portuguezes se dobra; elles defendem a sua justiça como causa do Ceo: atropellaõ a canalha vil dos Agarenos, que se conhecem contrarios, naõ em resistir; mas em se deixarem matar. O Adail Francisco de Figueiredo, que do alto do cavalleiro observou os nossos mais quentes no combate, os Mouros frios na resistencia, clamou a altas vozes victoria, victoria.. Como se ellas fossem o raio despedido da nuvem, aterraõ os barbaros, que se põem em vergosa retirada, bem servidos entaõ dos nossos arcabuzes, e artilharia, que os foi passando pelas espaldas, como as lanças lho acabavaõ de fazer pelos peitos.

CA-

CAPITULO V.

Do que succedeo depois do assalto, e como os Mouros repetírão segundo.

Os Portuguezes triunfantes em huma acção, que os fazia assumpto benemerito dos epinicios da fama, antes de mostrarem o prazer de vencedores se applicárão aos officios da piedade. Livres do assalto dos Mouros, que se retiravão confusos, cuidárão na sepultura dos seus mortos, que forão vinte e oito, deixando entre elles saudade immortal Jorge Nunes de Leão, Martim Vaz de Sousa, Pedro Lourenço de Mello, Jorge de Macedo, Francisco de Carvalho, e outros alentados Cavalleiros, que deixárão gravados os seus nomes em laminas incorruptiveis. Seguio-se a cura dos feridos, que passavão de 300, tão bem assistidos das nossas incomparaveis Matronas, que igualárão agora os exercicios da caridade com

as

Era vulg. as acções de coragem viril, que pouco antes acabáraõ de praticar nos muros.

Como os espiritos com as forças lassas inclinavaõ na noite os corpos para o descanço, cessou nella o estrondo dos instrumentos militares, que nas antecedentes respondiaõ aos do campo, agora tambem mudos. Hum soldado sem nome, que havia brigado animoso, com os transportes do triunfo insensivel á fadiga; reparando nesta falta, correo as estancias até á do General, dizendo: Como era possivel que as trompas, e clarins se calassem á imitaçaõ dos dos Mouros, para estes entenderem que os Portuguezes ficáraõ taõ cortados, que só ouviaõ os ais dos feridos, os gemidos dos agonizantes; que se occupavaõ em enterrar mortos, os mais em dormir fatigados, e peior que tudo darem a entender, que temiaõ a guerra? Tanta impressaõ fez esta advertencia nos Chefes, que mandando soar as vozes do jubilo, na circunferencia dos muros se passou a noite em folias. Os

bar-

barbaros occupados em chorar os seus muitos mortos, naõ se deraõ por entendidos, e continuáraõ o silencio. Amanheceo o dia, e foi a primeira acçaõ a de graças, que se deo ao Ceo por victoria taõ sublime, para as tropas mais confortadas tornarem a coroar os muros como quem nelle esperava hum novo assalto.

Era vulg.

Suspendeo-se este receio á vista da diligencia, que os Mouros applicavaõ ao reparo da trincheira arruinada. Entaõ fizemos nós o mesmo ao cavalleiro; e para o defender melhor levantámos hum baluarte de fachina na estancia de Vasco Fernandes Homem, donde o fogo ferisse aos Mouros por hum dos flancos, que lhes ficava descoberto. Mas porque elles picavaõ o muro pela que defendia Nuno Fernandes de Magalhães, quizeraõ alguns, que só consultavaõ o valor, sahir contra tantos barbaros para decidirem com elles a sorte em hum combate no campo. Os prudentes os detiveraõ; mas dos particulares se mostráraõ afoutos com fortuna Gaspar de Medeiros, sol-

da-

Era vulg. dado natural de Mazagaõ ; que sahio, examinou , vio com vagar as obras dos Mouros , de que deo miuda conta ao General Alvaro de Carvalho: o Capitaõ Pedro Paulo , Commandante muito valeroso de huma galé, que no batel, acompanhado de nove homens dos seus humores, emboscado junto ao quartel do Alcaide de Çafim , prendeo hum Mouro de cavallo para o trazer á praça por lingua, como havia promettido.

Por este Mouro , e por huma Carta que hum Elche Castelhano deitou sobre o muro , se soube , que os Mouros determinavaõ dar á praça outro assalto no primeiro dia de Maio. Isidoro de Almeida entrou logo a trabalhar com grande actividade em outra mina , aonde rebentára a primeira ; e preparados os animos com o esforço , e as almas com a expiaçaõ dos crimes, os soldados esperavaõ impacientes o dia destinado para o avance. Hum tiro disparado do canhaõ monstruoso chamado Maymona , que despedio huma bola de pedra com cin-

cinco palmos de circunferencia; que passou de huma a outra parte os treze palmos da grossura do parapeito; que nas suas ruinas enterrou mortos dois soldados, e deixou outros dois agonizantes, foi o signal para a envestida do cavalleiro. Neste dia estava a guarda delle encarregada ao generoso Fidalgo Luiz de Faria, que no assalto passado, e em muitas occasiões de honra havia desempenhado os brios do seu appellido, do sangue herdado do seu progenitor o grande Nuno Gonçalves de Faria.

Era vulg.

Montáraõ os Mouros a brecha com impeto infernal, lançando nella fogo dobrado ao do primeiro assalto, taõ forte, e activo, que a maior parte dos defensores, para fugir ao estrago, se deitou do cavalleiro abaixo com desacordo. Subíraõ porem outros intrepidos, desprezadores da morte, ainda que como tontos, e quasi surdos do estrondo dos gritos, da artilharia, dos arcabuzes, das bombas, das caixas, e trombetas, que tudo representava huma imagem do terror,

da

Era vulg. da deshumanidade, de huma furia brutal. Já igual o combate, entrárao os Mouros a sentir estrago fatal occasionado dos fogos flanqueados; e para mostrar o Ceo, que peleijava a nosso favor, o vento que soprava para a praça, de repente se voltou, e arrojava sobre os barbaros as linguas de fogo, as colunas de fumo, que cegárao huns, suffocárao outros. Os nossos obrando monstruosidades de valor, se pareciao salamandras respirando no meio do incendio, elles nao sahirao illesos da sua voracidade.

Insensiveis sim, mas queimados, nao largavao os postos Sebastiao de Brito, o Adail Francisco de Figueiredo postado na rotura, que fizera a Maimona, o magnanimo Gomes Freire de Andrade, D. Pedro de Menezes, Nuno de Brito, Miguel Pestana, e outros Fidalgos tao uniformes na heroicidade, que neste dia nada tiverao, que invejar-se. Joao de Mello, Fidalgo valeroso do Algarve, sendo levado a huma tenda para se curar, estando encostado lhe cahio sobre

bre os pés huma bala de trabuco, que foi a causa da sua morte, depois de soffrer mudo com paciencia invicta cortar-lhe os dedos a golpes sobre hum morteiro. No maior ardor do combate, e com melhor successo, que a vez passada, mandou Isidoro de Almeida dar fogo á mina. O vesuvio, o remoinho, o turbilhaõ de fogo, de pedras, e de pó, que sahio do centro da terra, abysmou a trincheira, fez voar grande numero de barbaros, engolio outros muitos, e a todo o galope obrigou a fugir a cavallaria, que sustentava o avance, para naõ ser comprehendida na derrota.

Era vulg.

Estava o combate no meio, quando desembarcava na praia com a sua gente o Capitaõ Francisco Henriques, que acabava de chegar com sete navios de soccorro. Elle foi recebido com alvoroço pelo General Alvaro de Carvalho; e incorporado no cavalleiro com seu irmaõ Rui de Sousa, o sustentou brioso até ao fim do assalto, sendo os maiores perigos a honrada hospedagem, que achára em Mazagaõ.

Era vulg.

gaõ. A vinda deste soccorro, que logo foi conhecido dos Mouros pela differença da resistencia; as acções mais que humanas obradas por Luiz de Faria; o abatimento de todas as suas bandeiras arrastadas por terra pela repetiçaõ dos tiros da estancia de Pedro de Goes; a effusaõ horrivel de sangue nos lugares do combate; a figura medonha dos vivos, e mortos, queimados, abrazados, denegridos, rotos em feridas, despedaçados, huns agonisando, outros gemendo, os ais tristes, os clamores espantosos: *tudo* fez nos Mouros impressaõ tanto sem resistencia aos impulsos do medo, que elles foraõ abandonando os postos, os Portuguezes aclamáraõ a victoria.

Depois de cinco horas de porfia, os Mouros deixando juncados os contornos da praça de cadaveres immensos, elles se retiraõ cortados, e a cavallaria em marcha surda volta caras, busca o campo, indicando a figura da retirada a dôr, que a opprime, o luto, que a cobre. Nós tivemos do-

doze mortos, muitos feridos, bastantes queimados, digno preço de tanta gloria; perda, que nos compra eternidades de fama; huma reputaçaõ sem fim, As nossas Matronas se portáraõ heroinas, entre ellas memoravel Paulina Fernandes, que com huma chuça nas mãos, desmentindo a imbecillidade do sexo, se fez lugar no meio da coragem dos intrepidos. Com razaõ ellas, que assim se portáraõ no combate, acabado elle vieraõ ao terreiro da praça mostrar o seu espirito denodado, gentil, e alegre, em danças, cantigas, festas, desafiando os homens para serem seus companheiros no prazer, já que ellas tinhaõ sido taõ boas camaradas no conflicto. O General Alvaro de Carvalho despedio logo para o Reino a levar á Rainha noticia taõ plausivel a Francisco de Moura, que foi nelle recebido com o applauso de instrumento, e de conductor da nova de huma façanha admiravel, que enchia de reputaçaõ immortal as nossas armas.

Era vulg.

Ainda que desconfiados os Mou-

Era vulg. ros do bom successo da empreza, Muley Hamete no dia seguinte os fez trabalhar no reparo da trincheira. Nós lhe correspondemos com igual diligencia no do cavalleiro; Isidoro de Almeida em novas minas, taõ gostosos os soldados, que desejavaõ a guerra, e suspiravaõ pelos assaltos, prodigos do sangue para se caracterisarem Heroes. A este tempo chegou a Mazagaõ como fugido o valeroso Martim Affonso de Miranda, Camareiro Mór do Cardeal Infante, que nós temos visto occupar na India os maiores empregos, empenhado em facções sublimes, agora sem soffrimento, estragada a obediencia, naõ se podendo conter sem vir representar em Africa o papel de aventureiro. O General o recebeo com as honras merecidas de tamanha pessoa, que logo subio ao cavalleiro para carretar sobre os seus hombros valerosos alcofas de fachina. No outro dia chegáraõ conduzidos pelo mesmo ardor D. Pedro de Almeida, moço de 18 annos com muitas forças, D. Diogo de Lima, Ber-

Bernardo de Carvalho, Luiz Alvares Pereira, e com 200 homens o Capitaõ Agostinho Ferraz, que se havia desgarrrado da conserva de Francisco Henriques. Era vulg.

Quando os Portuguezes esperavaõ avances repetidos da multidaõ conjurada, ou a morrer toda sobre Mazagaõ, ou a arrazalla: no dia sete de Maio, em que se contavaõ dois mezes, e tres dias de sitio, elles viraõ arder a grande copia de lenha, que havia no campo, e á sombra das colunas do negro fumo, que levantava o espantoso incendio, ir marchando o exercito em retirada contra Azamor. Os nossos lhe deraõ as despedidas com as apupadas affrontosas de covardes, que infames, e insensiveis deixavaõ em torno de Mazagaõ vinte e cinco mil cadaveres sem vingança, e com a surriada de toda a artilharia, que rompeo pelas costas muitos esquadrões. A gloria de dia taõ fausto, em que vimos fugir, e retirar confuso das fracas paredes de Mazagaõ guarnecidas de peitos fortes a todo o po-

Era vulg. der de Africa, como ella era mundana foi contrapezada com a sensivel morte de Lourenço, de Sá, de Joaõ de Mello do Algarve, antes queimados no assalto, e agora com a do intrepido Cleofaz Gil, que havendo em toda a duraçaõ do sitio obrado proezas dignas de admiraçaõ, sahindo com audacia infeliz a observar a retirada dos inimigos, huma bala perdida lhe truncou a cabeça.

Nunca desconhecida, sempre grata a piedade Portugueza aos beneficios do Ceo, ella dipôz huma solemne Procissaõ em acçaõ de graças, ferindo os ares, naõ só com os louvores de Deos incluidos no Hymno *Te Deum*; mas com os que recapitulou Moysés no seu Cantico admiravel em estylo sublime depois da passagem do Mar Vermelho, que se entendeo o mais proprio do tempo, em que o Povo fiel gloriosamente cantava magnificado ao Senhor pelo haver livrado da furia dos barbaros Agarenos, tirado a salvamento pelo meio das ondas do mar vermelho do seu sangue,

aon-

aonde elle submergio arrogantes o cavallo, e o cavalleiro. Acabada esta funçaõ, o General Alvaro de Carvalho mandou embarcar para Portugal a Joaõ de Mendoça, que como testemunha de grande excepçaõ pela qualidade, e pelas obras, ia encarregado de informar o Governo de todos os successos, taõ felizes, e vantajosos ao Estado. Naõ foi só em Portugal, aonde soáraõ plausiveis as vozes da singular victoria de Mazagaõ. Da boca do Chefe da Igreja em Roma sahíraõ os echos, que chegando aos ouvidos da Assemblea dos Padres congregados em Trento, os transportou de jubilo, naõ cançando de encarecer o valor dos Portuguezes, e os Legados fazendo compôr huma Missa propria com Orações, que gratificassem a Deos pela bençaõ, que lançára sobre as armas Christás contra as impias dos Sectarios de Mafamede.

Era vulg.

Em toda a Europa fez alta impressaõ esta memoravel victoria. Ao General Alvaro de Carvalho foi ordenado encarregasse o governo da praça

Era vulg. a seu irmaõ Ruy de Sousa, e viesse sem demora á Corte ouvir recitar os elogios do seu merecimento em maior theatro. Grandes lhos fizeraõ da Rainha até á ultima pessoa da Corte de Lisboa, que o acclamava credito immortal da Naçaõ Portugueza, flagello da Mauritania, Heroe distincto entre os grandes: premios sublimes; mas em palavras; que a nós naõ nos consta, que elle os recebesse em obras, por naõ degenerar da essencia de Portuguez benemerito. Em fim, o Xerife Muley Abdala ficou taõ corrido do destroço das suas armas tidas por invenciveis, que no resto do seu reinado naõ emprendeo outra acçaõ militar, senaõ no anno de 1572, quando receou que a armada mandada preparar por ElRei D. Sebastiaõ se encaminhava á reconquista de Santa Cruz no Cabo de Gue, ou Aguer. Entaõ com grande numero de gente mandou elle fortificar a montanha eminente á praça, que guarneceo com 400 homens; mas morrendo dois annos depois, lhe succedeo seu filho o mal

afor-

afortunado Muley Hamet, que teve por successor a seu irmaõ Muley Maluco, que depois nos campos de Alcacere descarregou sobre os Portuguezes golpe muito mais pezado, que este que Muley Hamet acaba de levar nos de Mazagaõ.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Dá-se conta dos Officios do Embaixador D. Alvaro de Castro na Corte de Roma, e das disposições da Rainha para renunciar o governo do Reino

Com igual satisfaçaõ das duas Cortes de Roma, e de Lisboa havia acabado o tempo da sua Embaixada Lourenço Pires de Tavora, do qual eu dei já larga noticia, e com a mesma mutua complacencia foi nomeado para lhe succeder D. Alvaro de Castro, que havia tres annos residia com o mesmo caracter na Corte de Paris. Como ElRei por justos motivos naõ se tinha utilisado da graça do subsidio

Era vulg. dio de cincoenta mil cruzados imposto por cinco annos nas rendas Ecclesiasticas; graça, que ainda conseguíra Lourenço Pires de Tavora: em lugar della se mandou pedir agora por D. Alvaro de Castro a concessaõ para ElRei ter o Padroado dos Mosteiros do Reino; outra graça que foi concedida debaixo de algumas condições, entre ellas a de se naõ dar uso á do subsidio Ecclesiastico. Naõ se necessitando tempo para mudarem de figura os negocios das Cortes, naõ obstante esta clausula, a de Lisboa entendeo, que devia renovar as instancias pelo referido subsidio, ou fosse em razaõ das despezas acabadas de fazer na defensa de Mazagaõ, ou pelas que hia a fazer no apresto de huma Armada para vir ao Algarve atacar outra de Turcos, que alem commetter atrevimentos nas suas costas, tinha cativado com a sua galé ao valeroso Capitaõ Pedro Paulo, que no sitio de Mazagaõ tanto se distinguira.

Escreveo ElRei ao Papa propondo

do estes, e outros justos motivos, Era vulg.
que o levavaõ forçado a pedir a renovaçaõ da graça. Tanto elles, como a acceitaçaõ, com que já estava em Roma D. Alvaro de Castro, sem differença da de Lourenço Pires de Tavora, sendo a semelhança das qualidades o attractivo de igual benevolencia; obrigáraõ o Papa a conceder quanto se lhe rogava, confessando as obrigações antigas, de que a Sede Apostolica era devedora aos Reis de Portugal, o seu zelo pela Fé, de que ella tinha as melhores provas; de que todas as partes do mundo eraõ testemunhas. D. Alvaro ouvidos os elogios, e recebida a palavra da concessaõ do subsidio, que foi confirmada no anno seguinte de 1563 por huma Bulla; em nome delRei agradeceo ao Pontifice a graça com termos taõ expressivos, e significantes, que o deixou completamente satisfeito. Mas já chama as nossas attenções a inquietaçaõ do espirito da Raïnha inexoravel aos rogos, que lhe faziaõ para naõ largar a Regencia do Reino até ao tempo del-

Era vulg. delRei cumprir vinte annos, como seu Avô deixára determinado, no que ella resoluta naõ quiz convir.

Inquieto, como digo, o espirito desta Princeza, que com tanta gloria Militar, Politica, e Christã do Estado o regia depois da morte de seu Esposo, sem lhe deixar conhecer a falta, mais que na saudade: ella bloqueada pelas intrigas da Corte já fluctuante; ella combatida de estimulos novos sobre os passados; ella desejosa de se retirar a tempo, que o decóro se naõ sinta; para socegar o interior; para empregar só em Deos os cuidados dos ultimos annos da vida; para ser imitadora generosa de seu irmaõ o Imperador Carlos V. abandonando o visivel, a pompa do seculo, e buscando o amavel socego, ou do Claustro, ou do retiro: ella convoca a Cortes os Tres Estados do Reino para fazer com solemnidade a renuncia da Regencia da Monarquia.

Em huma das salas dos Paços da Ribeira se ajuntou a Assemblea Augusta presentes ElRei D. Sebastiaõ, o In-

Era vulg.

Infante Cardeal D. Henrique, o Senhor D. Duarte, os Duques de Bragança, e Aveiro, os Tres Estados na ordem costumada em acções semelhantes, sendo o dia 13 de Dezembro deste anno de 1562. Tanto que o Congresso illustre, e luminoso se póz em silencio, fizeraõ a abertura delle com duas Recitações eloquentes, que attrahiraõ a attençaõ de todos, ambas dirigidas a ElRei, pelo Estado Ecclesiastico o Doutor Antonio Pinheiro, e pelo Corpo da Nobreza o Doutor Estevaõ Preto, Procurador da Cidade de Lisboa, e Desembargador da Casa da Supplicaçaõ. Acabadas as Orações, os Tres Estados offerecêraõ a ElRei Memorias para o despacho dos seus respectivos requerimentos: por parte do Estado Ecclesiastico os Bispos do Porto, e do Algarve: pela da Nobreza o Conde da Castanheira, D. Diogo de Castro, D. Garcia de Castro, Fernaõ da Silveira, D. Joaõ de Castello-Branco, e D. Joaõ Mascarenhas: pela do Povo Martim Affonso de Sousa, bei-

jan-

Era vulg. jando todos estes Procuradores a maõ a ElRei.

Depois deste acto, Simaõ Guedes, Védor da Rainha Regente, entregou ao Doutor Antonio Pinheiro hum papel, que ella mesma havia firmado no dia oito do precedente mez de Outubro, requerendo o lêsse em voz alta, e intelligivel aos Tres Estados congregados. Continha este papel as causas justas, que com muita violencia haviaõ obrigado á Rainha a acceitar a Regencia, que ElRei seu marido lhe encarregára. Expunha os motivos, porque já a quizera demittir, e o naõ effeituára com segunda violencia, por condescender com os rogos dos Prelados, e dos Povos, fazendo-lhes na condescendencia hum sacrificio duro da vontade. Repetia a altura a que haviaõ chegado os seus trabalhos, que lhe tinhaõ diminuido as forças para soportar o peso do Governo de huma Monarquia taõ vasta, como já havia ponderado ao Cardeal Infante. Fazia memoria dos seus annos avançados, que olhando-os como

os

os ultimos da vida, os queria consagrar só ao serviço de Deos, como unico negocio de toda a creatura racional. Ultimamente, determinada renunciava a Regencia, e reconhecia no Cardeal Infante as virtudes necessarias para fazer feliz a menoridade del-Rei seu neto, a vantagem dos seus Povos, e corrigir com ellas os seus defeitos, que reconhecia inseparaveis da imbecillidade do seu sexo: decretando o termo de dez dias para se fazer pelos Estados a acceitaçaõ da renuncia, e a nomeaçaõ do Regente.

A reputaçaõ, o credito, o respeito, que a Rainha D. Catharina tinha merecido aos Povos pelas suas acções grandes, sublimes, heroicas fizeraõ, que esta proposta fosse ouvida com hum desagrado, e commoçaõ universaes. Bem se conheciaõ as causas occultas, donde ella nascia; todos quereriaõ remedialla; mas ninguem tinha forças para as poder derrotar. Passáraõ os dez dias em rogos, em instancias, em supplicas, para que a Rainha revogasse a resoluçaõ

pri-

Era vulg. primeira. O Cardeal Infante representou bem, que os seus sentimentos eraõ os mesmos dos Tres Estados. A Rainha o ouvio. Ella se firmou na sua determinaçaõ com a constancia de hum Promontorio, menos sensivel a todos os rogos, que á conservaçaõ do Decóro da Magestade, e da Pessoa. Entaõ o Cardeal ponderando os prejuizos, que se seguiriaõ ao Reino se elle naõ tomasse sobre si (antes com apparencia, que realidade) o pezo do Governo, elle acceitou a Regencia até ElRei cumprir a idade de quatorze annos.

No dia 23 de Dezembro, que era o ultimo dos dez decretados pela Rainha, foi lavrado o Instrumento da eleiçaõ, que os Tres Estados faziaõ do Cardeal para Regente. Depois fallou Lourenço Pires de Tavora, e propôz em publico varios regulamentos dignos de observancia, que se fizeraõ attendiveis por serem arbitrios saudaveis dados por hum Fidalgo de grande nome, cheio de probidade, de virtudes, de experiencias, de amor da

Pa-

Patria. Este Fidalgo todo abandonado ao partido do Cardeal nas competencias, que elle tinha com a Rainha, sugeridas pelo Triumvirato, que ninguem podia romper: quando foi estabelecido o Conselho de Estado em que elle fez a primeira figura, entregou por escrito ao mesmo Cardeal outras instrucções particulares naõ menos saudaveis, que as publicas. A Rainha instada para continuar na creaçaõ do Rei seu neto, quiz mostrar nesta parte, que sabia ceder, naõ só quando lhe convinha; mas quando a Soberania, a Magestade, o Decóro se naõ deixavaõ ultrajar. Das causas que a movêraõ ás suas resoluções, deo ella parte a seu sobrinho Filippe II.; á Princeza D. Joanna, mãi delRei D. Sebastiaõ; e deixando os negocios seculares nas mãos dos homens, que haviaõ abandonado o seculo, ella esquecida do seculo, toda se entregou a Deos.

Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VII.

Concluem-se os successos da India neste anno de 1562, e se dá principio aos de 1563.

Em quanto em Portugal, e em Mazagaõ succediaõ estes casos notaveis, que acabo de referir, nos negocios da India naõ havia mais perturbaçaõ, que a fomentada pelo Principe Raju, filho de Madune Pandar na Ilha de Ceilaõ. Nós temos visto as vezes, que Madune se embaraçou comnosco, ambicioso do dominio de toda a Ilha por meio da derrota de seu mesmo irmaõ o Rei de Cota nosso alliado. Com este designio nunca elle levantava maõ da guerra, já contra Columbo, já contra Cota, aonde residia o Rei Peria Pandar. Elle fez Capitaõ General dos exercitos a seu filho o Principe Raju, que com idéas de grande soldado, bateo successivamente a Affonso Pereira de la Cerda, e a D. Jorge de Menezes o Baroche, dois Officiaes in-

tre-

trepidos creados nos perigos da India, como nós deixamos referido. Agora governava Columbo o Capitaõ Balthazar Guedes de Sousa, que tinha de guarniçaõ soldados pobres, e humildes da Beira, Minho, e Traz os Montes; mas entre elles a seu irmaõ Gonçalo Guedes, a Nuno Pereira de la Cerda, a Simaõ de Mello Soares, a Gaspar Guterres de Vasconcellos, e a outros Fidalgos, aos quaes naõ fazia estranheza o semblante da guerra.

Era vulg.

Raju fazendo sorprezas ja em Cota, já em Columbo, resolveo sitiar com formalidade esta ultima Fortaleza com exercito numeroso de mais de 30000 homens. Á vista deste sitio, em que os poucos Portuguezes, que o defendêraõ, obráraõ milagres de valor, nós naõ deixaremos de dizer, que elles entaõ se instruíraõ na natureza do crime de fautorisar os interesses dos perfidos por qualquer pretexto que seja; que elles conhecêraõ por experiencia o perigo originado pela falta de hum particular ambicioso

Era vulg. sem remorsos da conciencia, nem sentimentos da honra, bem capaz de metter a toda a Naçaõ em dias criticos. Víraõ entaõ os Portuguezes a ruina total de hum Rei seu amigo, e alliado: viraõ-se a si nos termos de ser lançados de toda a Ilha de Ceilaõ pelo poder do mesmo Principe perfido, que elles haviaõ obsequiado, tomado o seu partido, e servido como naõ devêraõ. Em fim, Raju continuou o cerco de Columbo com vigor; mas ou fosse por conceber novas idéas, ou por se enfadar entaõ da nossa resistencia; elle levantou o campo; recolheo-se a Ceitavaca, e entendêraõ erradamente os Portuguezes, que Raju se retirava de todo.

O seu designio verdadeiro foi reforçar-se, e cahir como hum raio sobre Cota, reduzilla a cinzas, e voltar com o mesmo impeto sobre Columbo, que destruida Cota, naõ poderia resistir. Balthazar Guedes de Sousa, com esta noticia, entregou o governo de Columbo a seu irmaõ Gonçalo Guedes, e com a gente, que pôde

de escusar soccorreo a Cota. Sitiados o Rei, e este bravo Official, ambos competíraõ sobre qual havia obrar mais elegantes gentilezas na defensa da praça. Elles sustentáraõ choques horrendos: com fortuna igual derrotavaõ os homens, faziaõ retroceder os Elefantes; mas sendo muitas as forças contrarias, poucas as suas, a porfia de Raju sem descanço, elles chegáraõ aos ultimos apertos. Soube delles o Governador de *Manar Diogo* de *Mello* Coutinho, que foi entaõ o redemptor do Rei de Cota, o conservador do nosso dominio em Ceilaõ, o instrumento de naõ ficar na Ilha abatida a reputaçaõ das nossas armas.

Era vulg.

Elle partio sem demora para Columbo com Pedro Juzarte Tiçaõ, Gaspar Pereira em alguns navios de soccorro, e teve a fortuna de se ajuntar com mais sete guarnecidos de boa gente, que de Cochim trazia o Capitaõ Antonio da Costa Travaços. Quando Raju fazia os ultimos esforços; quando os sitiados excediaõ nos seus os possiveis da humanidade, feitos

Era vulg. huns espectaculos da admiraçaõ das gentes; mas sem esperança de soccorro já reduzidos á ultima extremidade: aquelles dois Chefes trazidos por impulso superior, para que se naõ arrancasse pela raiz a arvore da Fé plantada em Ceilaõ, elles desembarcavaõ em Columbo, e marchavaõ com 400 homens em soccorro de Cota. O pequeno ruido desta marcha se representou taõ estrondoso ao Raju, que sem querer vêr a face ao perigo, levantou o campo, e se retirou a Ceitavaca, deixando sepultados no de Cota mais de dois mil dos seus melhores soldados.

Ainda que os ultimos destes successos fossem acontecidos no anno de 1563, para naõ cortar o fio delles concluimos neste lugar a sua narraçaõ, e nos voltamos ao Reino, aonde continuaremos no principio do mesmo anno o que se seguio ao acto de Cortes, em que a Rainha D. Catharina renunciou a Regencia.

1563 Depois della dar parte da sua resoluçaõ ao Rei de Castella, e á Prince-

ceza D. Joanna, ordenou a D. Alvaro de Castro, Embaixador em Roma, fizesse da sua parte o mesmo ao Papa Pio IV. que se recebeo admirado a noticia, mais o commoveo o impulso da magnanimidade da Rainha, que entendeo devia recompensar enviandolhe pelo mesmo Embaixador a Rosa de ouro, que segundo o costume, benzêra na quarta Dominga da Quaresma. Parece que este Pontifice penetrou os motivos occultos, que a Rainha teve para a renuncia, talvez lembrando-se dos esforços, que, e por quem foraõ mettidos em obra na sua Corte o anno de 1561 para se conceder ao Cardeal Infante a Bulla de Legado *a latere* com poderes taõ vulgares, como os de qualquer dos Nuncios ordinarios: talvez fazendo memoria das indecencias da proposta para a outra Bulla da Concessaõ do subsidio Ecclesiastico dos 50$000 cruzados, em que fallamos, representando a Portugal no estado da penuria, quando as Nações o entendiaõ no apogêo da opulencia: talvez advertindo nos fins

Era vulg.

a

Era vulg. a que se encaminhava a idéa, de que em Portugal fosse illimitada, geral, e indistincta a acceitaçaõ do Concilio Tridentino, quando algumas das Cortes da Europa, ainda que submettidas, como deviaõ, para receber as Decisões do mesmo Concilio respectivas ao espiritual; em quanto ao temporal ellas queriaõ examinar, e resolver se elle podia, ou naõ ser objecto proprio das decisões da Igreja: ponto delicado, que no Concilio anterior de Constancia deo assumpto aos protestos, que fizeraõ os Embaixadores delRei D. Joaõ I.

Como quer que isto fosse, nós vamos a dizer, que retirada a Rainha da inquietaçaõ dos negocios para o socego do seu quarto, o Cardeal Infante entendeo, que entrava a governar o Reino, quando a vontade propria naõ era sua. Os bons Portuguezes, já agoniados pela pouca estabilidade da successaõ no trono, em nome dos Tres Estados do Reino entráraõ a persuadir a este Principe a indispensavel necessidade de se ajustar o casamen-

mento delRei. Elles lembrárao a Princeza de França Margarida, terceira irmã do Rei Carlos IX., que queriaõ viesse logo ser educada nos costumes de Portugal. Mas huma materia taõ importante, na froxidaõ, e irresoluçaõ natural, ou influida no Cardeal, ella lhe fez taõ pouca especie, que com omissaõ indesculpavel deixou perder a conjuntura mais interessante ao estado actual da Monarquia. Como esta era o theatro, em que os validos representavaõ todas as figuras, a Rainha dos Romanos D. Maria de Austria, mulher de Maximiliano II., com a noticia do casamento de França fallado em Portugal, ella interessa a S. Francisco de Borja, entaõ Geral da Companhia, para o divertir.

Era vulg.

O empenho da Rainha com o Santo era, para que o Papa, honrador extremoso de Lourenço Pires de Tavora inteiro partidario do Cardeal Infante, se interessasse com elle para persuadir ao mesmo Cardeal preferisse ao casamento de França o de sua filha D. Isabel de Austria, O Santo

Bor-

Era vulg. Borja, e Lourenço Pires deraõ cumprimento bem cabal á satisfaçaõ dos seus empenhos. O primeiro em Roma com o Papa, o segundo em Lisboa com o Cardeal, nada deixáraõ de metter em obra para ficarem satisfeitos os desejos da Rainha dos Romanos. Mas entaõ sendo maior a perplexidade do Cardeal mettido entre França, e Austria, elle meditava, discorria, parava sem se saber determinar, ou sem o deixarem resolver. Com semelhante indifferença era tratado hum negocio deste caracter, perdido o tempo em ponderar de ambas as partes, já os inconvenientes, já as vantagens, naõ chegando o instante precioso, em que as vantagens abraçadas, e os inconvenientes derrotados, ficasse o espirito em liberdade para tomar huma resoluçaõ effectiva.

Em quanto se retardava esta felicidade, que por desgraça de Portugal, nunca o chegou a ser; elle estimava como tal a fundaçaõ do Collegio de S. Paulo da Universidade de Coimbra, donde tem sahido engenhos

bri-

brilhantes, que illustráraõ a Patria. Era vulg.
ElRei D. Joaõ III. lhe havia dado principio, atégora sem forma, sendo ainda a residencia dos Collegiaes no Mosteiro de Santa Cruz: communicaçaõ secular, que invertendo a ordem, e o socego da regular, deo occasiaõ a se completar o edificio do Collegio junto ao mesmo Convento; aonde existio do anno de 1544 até o de 1559. Antes deste anno já o mesmo Rei havia fundado novo Collegio no sitio, em que agora existe, que he immediato ao Palacio Real, aonde no tempo delRei D. Diniz estiveraõ as Escolas Geraes, na situaçaõ mais eminente da Cidade com a agradavel vista das aguas do Mondego, e do campo, que ellas banhaõ. O anno passado lhe augmentou as rendas o Infante Cardeal, e neste já governando o Reino, ordenou, que a 2 de Maio entrassem os Collegiaes no novo Collegio, como foi executado com grande pompa.

No seguinte mez, e dia 25 de Junho descarregou a maõ de Deos hum

gol-

Era vulg. golpe da sua indignaçaõ sobre os moradores da Ilha de S. Miguel com alteraçaõ, e effeitos notaveis na ordem da natureza; mas effeitos, e alteraçaõ, que dizem respeito á ira superior, que vem do alto. Tremeo a terra com mais violencia nas Villas principaes da Ilha com poucos intervallos do dia 25 até 28. Neste pelas nove horas da noite rebentou no alto do monte Fayaõ do Meirinho hum vomito como infernal, que fez ferver hum lago visinho, que tem huma legoa de circunferencia. Delle sahia fumo horrendo, pedras monstruosas, que depois de girarem pelos ares, cobriaõ os campos. O terror dos raios, o estampido dos trovões, que acompanhavaõ a concussaõ da terra, a nada do que podemos perceber eraõ comparaveis. O cume da montanha foi visto abrir-se em cinco roturas, que exhalavaõ outras tantas columnas de fogo ateadas nas materias sulfureas, e betuminosas, que alli escondia o centro da terra, ou as gargantas do Inferno. Quando estes incendios vorazes de-

devastavaõ os campos, as nuvens de pedra pomes feita em cinza, que elles vaporavaõ, escondiaõ as luzes do Firmamento, cobríraõ os recintos de sete Freguezias; aonde cahiaõ tudo desbaratavaõ, tudo consumiaõ, os homens andavaõ como pasmados, contemplando-se sepultados antes de mortos.

Era vulg.

O estrago, e os movimentos que se notavaõ nos brutos, augmentavaõ a consternaçaõ das gentes. Infinitos perecêraõ; muitos cegos, e tontos do fogo, e fumo, andavaõ errantes em busca do abrigo, que naõ encontravaõ, até se precipitarem no mar. Os de natureza ferozes vinhaõ meigos, e domesticos buscar o azilo das casas, e das Igrejas. Da Villa da Ribeira Grande mal se deixavaõ vêr os vestigios. O Convento das Religiosas de Santa Clara padeceo ruina lamentavel, e ellas foraõ obrigadas a recolher-se ao da Cidade de Ponte Delgada, padecendo na jornada grandes trabalhos, e perigos maiores por baixo da inundaçaõ da cinza, que cegava humas,

e

Era vulg. e sepultava a todas. Depois de quatro dias rebentou outro vomito no pico chamado do Sapateiro, que lançou immensa quantidade de pedras negras de grandeza notavel, e logo hum rio de fogo empolado em ondas, que correndo largos espaços pela face da terra a deixava calva, deserta, arida, o embriaõ deforme, ou a sua primeimeira imagem antes de ouvir a voz da rola, que a mandou germinar, produzir, apparecer a Primavera.

Naõ cabem nas expressões as mortes, as ruinas, os clamores, as penitencias, o estado triste a que se viaõ reduzidos os miseraveis moradores da Ilha, sem consolaçaõ, sem refugio, como se o Ceo de bronze estivesse inexoravel ás suas supplicas. Sensivelmente se percebeo, que os espiritos das tormentas com permissaõ de Deos andavaõ derramados pela Ilha; porque estando o Vigario da Freguezia da Achada com todo o seu povo dentro da Igreja, fóra della se ouvio hum grande ruido de gente, que com furia batia ás portas. Perguntando o Vi-

Vigario quem era, vozes tumultuarias lhe respondêraõ serem os seus Freguezes. O Vigario, que tinha a todos comsigo no Templo, com o espirito inflammado clamou, que eraõ os Demonios, e proferindo sobre elles com fé viva o Santo Nome do Senhor, com alaridos espantosos foraõ precipitar-se no mar. Este he o debuxo bem grosseiro, e mui diminuto do golpe, que sobre a Ilha de S. Miguel descarregou aquella maõ poderosa, que dispondo tudo suavemente, agora parece a queria tocar forte do fim até ao fim. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Trataõ-se outros successos no Reino, e na India este anno de 1563.

Ainda continuava o Concilio de Trento, que teve termo feliz a 4 de Dezembro deste anno contra as intenções politicas de França, que intentava prolongallo com o pretexto, de que elle se devia mudar para alguma

das

Era vulg. das Cidades de Alemanha; deixando livre a eleiçaõ em Vormes, Bade, Spira, ou Constancia. Tanto era o empenho do Rei de França nesta mudança, que naõ só ameaçou o Concilio com a resoluçaõ, de que naõ mandaria a elle os seus Theologos; mas que faria celebrar outro Nacional no seu Reino. ElRei D. Sebastiaõ sensivel aos danos, que em tempos taõ calamitosos resultariaõ á Christandade, se a mudança se fizesse, e se o Concilio Nacional se celebrasse; mandou logo as ordens mais precisas ao Embaixador Fernaõ Martins Mascaranhas para que em seu nome representasse ao Papa, que por pretexto algum consentisse nos projectos do Rei de França, fosse para a mudança do lugar do Concilio Geral, ou para a convocaçaõ do Particular, expondo as razões de desconveniencia sobre ambos os intentos.

Naõ satisfeito com esta primeira demonstraçaõ do seu zelo, ElRei nomeou a D. Joaõ Mascárenhas, sobrinho do dito Embaixador, para ir á

á Corte do Imperador Fernando I., e com o pretexto de lhe dar os parabens da eleiçaõ do seu filho Maximiliano em Rei dos Romanos, expôr-lhe as justas causas, que o deviaõ obrigar a oppôr-se á determinaçaõ do Rei de França, de que se podiaõ originar consequencias perniciosas, que elle devia impedir, como Principe taõ interessado nas vantagens da Igreja. O Embaixador, sendo tratado com agrados excessivos, conseguio tudo do Imperador na forma das intenções do Rei seu Amo, e na Cidade de Trento, como dissemos, se consummou o Concilio. Depois delle foraõ a Roma o nosso Arcebispo de Braga, os Bispos, e Theologos Portuguezes, que recebêraõ do Papa Pio IV. honras extraordinarias, e fallando-lhes da pessoa delRei, disse: Que naõ se admirava de ser elle na justiça taõ inteiro, no zelo da Fé fervoroso: que isso lhe provinha de ser Rei Portuguez.

Era vulg.

Quando no Reino se tratavaõ com reputaçaõ estes, e outros negocios, o Conde do Redondo, Viso-Rei da India,

Era vulg. dia, determinava ir com huma poderosa armada contra o Achem: expediçaõ, para que elle havia convidado a D. Francisco Deça, Governador de Malaca, como fica dito. A chegada ao mesmo tempo de tres náos de Portugal, de que era Commandante D. Jorge de Sousa, que trazia ás suas ordens aos Capitães Diogo Lopes de Lima, e Vasco Lourenço de Barbudo, quando pareceo, que promoveria a empreza, ella a divertio. Ainda estas náos estavaõ surtas com parte da carga, sobrevindo hum temporal grosso metteo no fundo o Galeaõ S. Filippe, que deixando enfraquecida a frota, que havia voltar ao Reino, obrigou o Conde Viso-Rei a mudar de idéas, a D. Francisco Deça a perder as despezas feitas na armada de Malaca, com que sahio a esperallo sem fructo.

Ajuntou-se a esta infelicidade a inquietaçaõ do Malabar, que naõ nos dava socego. Nós acabamos de ouvir a paz solemne, que o Çamorim ajustou com o Conde Viso-Rei. Naõ obstante os juramentos, os piratas de Ca-

Calecut rompiaõ o nosso commercio, e alguns dos seus paraos deraõ caça a hum soccorro, que o Viso-Rei mandava a Cananor. Elle se queixou desta contravençaõ ao Çamorim; que sem perturbaçaõ da fleugma lhe mandou dizer, como elle naõ era responsavel aos excessos, que podiaõ commetter alguns dos seus vassallos, que elle Viso-Rei podia prender, e castigar. Pouco satisfeito da resposta, o Viso-Rei avisado, de que oitenta fustas do Malabar se dispunhaõ á partir para Cambaia com passaportes Portuguezes, ordenou a Domingos de Mesquita as fosse queimar. Este Chefe as esperou na altura de Carapataõ; e fazendo preza nas que primeiro iaõ passando, em poucos dias tomou vinte e quatro. Recebida a gente no seu bordo, mettia as fustas no fundo. Depois o Mesquita inexoravel aos rogos dos miseraveis, a alguns mandava cortar as cabeças, a outros enforcallos nas vergas, a muitos cozellos nas vélas, e tirar com elles ao mar.

Era vulg.

Esta crueldade horrórosa á suavi-

Era vulg. dade do Christianismo, feita diante dos olhos dos moradores de Cananor, renovou nas suas lembranças o espectaculo atroz algum dia executado por Gonçalo Vaz de Goes; mas este veio a ter depois consequencias mais funestas. Queixou-se o Çamorim ao Viso-Rei do tratamento impio, que acabavaõ de receber os seus vassallos, e ouvio huma resposta como echo das vozes, que elle antes proferíra. Foi-lhe dito, que o Viso-Rei da India naõ approvava as acções dos seus subditos desobedientes, e que elle Çamorim se podesse os prendesse, e castigasse. Como as cousas se puzeraõ nesta figura, foi preciso suspender a expediçaõ contra o Achem, e preparar huma armada, que o Viso-Rei entregou a D. Francisco Mascarenhas para reprimir os insultos dos piratas do Malabar. Dos navios desta armada ficou em Goa o do Capitaõ Jeronymo Dias de Menezes para ir conduzindo a varios portos as náos, que tinhaõ de tomar carga para o Reino.

Passando por Batecala, Jeronymo Dias

Dias foi atacado por tres paraos de Malabares. A sua tripulaçaõ era de quarenta soldados escolhidos, entre elles o bravo Gaspar Carvalho, homem de estatura ordinaria; mas na figura taõ medonho, como gentil no valor. Á vista dos inimigos disse elle ao Capitaõ, que os Malabares vinhaõ investillos na intelligencia, que eraõ mercadores: que ao parao mais avançado puzesse a proa, e o ferrasse para terem menos inimigos, quando os outros paraos viessem ás mãos. Assim se executou com rapidez, sendo o Carvalho armado de espada, e rodella o primeiro, que entrou dentro. A poucos golpes degollou dez barbaros: os mais levados da coxia até ao mastro, huns se arrojáraõ ao mar, outros ficáraõ jarretados, e já a este tempo soccorrido por alguns companheiros, o Carvalho em instantes consegue gloriosa victoria, compra para a sua reputaçaõ eternidades de fama. Os Malabares enfurecidos com a derrota, picados da injuria, elles abordaõ o nosso navio, baldeaõ-se dentro, e

Era vulg.

Era vulg. travaõ furiosos hum choque de opiniaõ.

Gaspar Carvalho neste apertado lance de tantos contra taõ poucos, com a voz, e com o exemplo, obrando proezas espantosas, para os camaradas era conforto, para os inimigos terror. Jeronymo Dias de Menezes, já Capitaõ mandando, já soldado combatendo, teve grande parte no triunfo com a gloria de naõ perder hum homem, quando os Malabares no convez lhe deixáraõ 60 mortos, no mar muitos afogados, e os paraos com os poucos que restáraõ, encontráraõ a salvaçaõ na fugida. Entrou Jeronymo Dias em Batecala para curar os feridos, que eraõ todos os seus soldados, e aqui encontrou os navios da sua conserva, e com quatro da armada de D. Francisco Mascarenhas, chegou ao mesmo tempo ao porto Manoel de Saldanha, que ia de guarda aos navios destinados para Goa, levando rendidos dois dos Malabares.

Este anno foi muito vantajoso para

ra os progressos da Religiaõ no Oriente. O Principe herdeiro do Reino dos Papuas, e Imperio de Bengay, vindo nelle a Ternate, e ouvindo expôr a formosura das doutrinas do Evangelho igualmente admiraveis para formarem o homem bom, e o bom cidadaõ, elle abraçou, e permaneceo constante no Christianismo. Aeyro, Rei de Ternate Mahometano de profissaõ, quiz, e naõ pôde impedir esta felicidade do Gentilismo do Reino dos Papuas. Com igual dissimulaçaõ teve intentos semelhantes para embaraçar a viagem do Padre Diogo de Magalhães, que ia por Missionário pedido pelos moradores das Ilhas dos Celebes. Nellas foi fecunda a colheita da semente da palavra Divina. Ella attrahio os dois Reis mais poderosos daquellas Regiões, e foraõ o das mesmas Ilhas, que estava em Manadó, e o da Ilha de Siaõ, que corre da Linha para o Norte entre Manadó, e Mindanao. Seguíraõ o exemplo dos seus Monarcas todos os Grandes, os homens do po-

vo

Era vulg. vo mais illuminados, e no pequeno espaço de duas semanas foraõ vistos em tantas terras arrazados os altares da superstiçaõ, adorado Deos, e conhecido Redemptor o Crucificado. A mesma ventura tiveraõ os moradores da Ilha de Bolaõ, aonde reinava hum filho do Rei de Manadó, se agora felizes pela regeneraçaõ da graça, depois naõ menos ditosos pela penitencia firme, com que expiáraõ a apostasia, em que os abysmára, ou o temor dos Mouros, ou a fraqueza da carne.

Tambem na Cidade do Nome de Deos na Ilha de Macao, adjacente de Cantaõ Provincia da China, estavaõ promptos oito Missionarios, dois para entrarem neste Imperio, e os seis para passarem ao do Japaõ. ElRei resoluto em remunerar a Diogo Pereira os danos, que em Malaca lhe causou D. Alvaro de Ataide, quando com o caracter de Embaixador de Portugal ia levar á China ao Santo Xavier; agora ordenou ao Conde Viso-Rei, que o mandasse

ex-

exercitar as funções daquelle ministerio na Corte de Pekim. Elle mandou de Goa em hum galeaõ a Gil de Goes, que era cunhado de Diogo Pereira, entaõ Governador de Macao, para este fazer a viagem da China, e o Goes o substituir no governo. Nada teve effeito, e ficou suspensa a Embaixada, e viagem dos Missionarios, naõ só porque Diogo Pereira repugnou largar Macao; mas porque os Mandarins naõ quizeraõ consentir, que em seu lugar entrasse na China Gil de Goes como Embaixador sem o trem pomposo, com que se devêra apresentar na face do Monarca mais magnifico do Universo, qual era o seu Soberano.

Era vulg.

Mas a perda que entaõ tiveraõ os negocios da Fé no Japaõ, e na China, ella foi recuperada pelos suores do Padre Cosme de Torres no Reino de Omura. Tanto se deixou penetrar da sublimidade dos nossos Mysterios o seu Rei Xiumitanda, que se fez Christaõ, e tomou o nome de Bartholomeo. Seguio-o muita Nobreza, e povo, que pou-

Era vulg. pouco depois com o seu Principe soportárao os grandes trabalhos originados pela perseguiçaõ dos Regedores de Omura, pela que contra o Rei Bartholomeo fulminou seu mesmo pai: perseguiçaõ, de que Deos se quiz servir para provar a firmeza da Fé destes seus Eleitos, que querendo viver piamente em Jesu Christo naõ podiaõ deixar de padecer perseguições. O Principe, triunfante depois dos seus adversarios, restituido á Corte em paz, constante na pureza da doutrina, que abraçára, para marcar, ou a devisa da sua Christandade, ou o signal do soccorro Divino, que o salvára das mãos da angustia; elle trazia debuxado em ambos os hombros o Nome adoravel do Redemptor, e sobre o peito huma Cruz, que se com a sua ignorancia abatêra a sabedoria do mundo, agora com a sua fraqueza lhe aterrára a arrogancia dos seus inimigos.

LI-

LIVRO LV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Principiaõ os successos da India no anno de 1564 com a morte do Viso-Rei Conde do Redondo.

Era vulg. 1564

Parece que a impiedade acabada de executar por Domingos de Mesquita sobre os navegantes da Costa do Malabar, ultima acçaõ do Conde Viso-Rei, que eu deixo referida; ella, sobre ser em si atroz, origem de nova guerra com os nossos antigos alliados de Cananor: como foi vingança buscada com as armas, rotas as medidas justas, que impedem os prejuizos feitos ás causas publicas; o Viso-Rei Conde do Redondo naõ tirou della consequencias, e Deos sabe se a perda da sua vida pouco depois foi a pe-

na,

Era vulg. na, naõ só de acceitar a offerta, que lhe fez o Mesquita de obrar tyrano na expediçaõ, mas de lhe deixar impunida a crueldade. Morreo arrebatadamente o Conde a 19 de Fevereiro deste anno. Como pelas suas grandes qualidades de todos era amado, a sua falta foi geralmente sentida. Poucas acções reprovaveis descobrio nelle a fraqueza da humanidade, e o seu governo teria muito de feliz, se fosse mais dilatado. Abertas as vias da successaõ, e ausente D. Antaõ de Noronha, que vinha nomeado na primeira, na segunda se achou eleito D. Joaõ de Mendoça, que viera de governar Malaca, e estava presente.

Acabava o nosso Chefe de tomar posse do governo, quando os Embaixadores do Çamorim reiteravaõ as instancias para se lhe dar satisfaçaõ, do que Domingos de Mesquita obrára nos seus mares no meio da paz, roubando fazendas preciosas, degollando, e arrojando ao mar homens vivos amortalhados, que haviaõ coberto as praias em numero de dois

mil.

mil. O Governador lhes deo a mesma resposta já repetida pelo Viso-Rei; mas pelos naõ azedar muito, teve ao Mesquita prezo em quanto elles estiveraõ em Goa. Elles mostráraõ alguma satisfaçaõ desta politica, que naõ entendêraõ, e se descobrio na sua partida, menos com a soltura do Mesquita logo depois della, que com os grandes premios, e louvores, que remunerárаõ como façanha gentil huma atrocidade abominavel. Em Cananor foi ella causa da commoçaõ das gentes excitada por huma Moura poderosa, que encontrando o cadaver de seu marido em hum dos embrulhos, que o Mesquita fizera lançar ás ondas; correndo as ruas de Cananor desgrenhada, com as mãos na cabeça, fallando mais com os soluços, e com os symptomas da raiva, que com os discursos interrompidos pelos ais, e pelas lagrimas: ella moveo toda a Cidade já bem disposta a entrar nas demonstrações do seu justo resentimento.

Era vulg.

Todo o mundo, occupado de huma

ma

Era vulg. ma especie de furor lymphatico, seguio esta Dama imitando os seus transportes até ao Palacio do Rei, pedindo justiça. Como os clamores foraõ bem ouvidos por estar o Rei já ligado com Ade Rajao para a vingança, huma multidaõ posta em armas corre de tropel á Fortaleza. Naõ lhe podendo forçar as paliçadas, ella desafoga a colera fazendo em cinza mais de trinta navios, que estavaõ debaixo do canhaõ da praça: primeiro effeito da grande acçaõ do Mesquita, que os nossos Escritores mais serios revestem do caracter de generosa, como se os seus elogios fossem bastantes para lhe occultar a enormidade. Ella fez odioso o nome Portuguez em todo o Malabar, que se conjurou para o exterminar dos seus continentes, como nós vamos a vêr nos sustos de D. Payo de Noronha, Governador da Fortaleza de Cananor, que pedio ao da India o soccoresse prompto para rebater a tempestade, que o ameaçava. D. Joaõ de Mendoça despedio logo com cinco navios a André de Sousa, que

já

já achou a Fortaleza sitiada por Ade Rajao com hum grande Exercito. Era vulg.

Esta era a situaçaõ dos negocios no mez de Setembro, quando chegou com o caracter de Viso-Rei D. Antaõ de Noronha, que dois annos antes havia partido da India para Portugal, e agora vinha succeder ao Conde do Redondo, que achou morto. D. Joaõ de Mendoça lhe entregou o governo, que occupou poucos mezes. Outros consideraveis teve elle na India, que o podiaõ enriquecer; mas sahio della pobre. Esta só circunstancia em taes tempos faz o seu elogio.

Com o credito bem estabelecido na Asia, D. Antaõ de Noronha determinou avançallo depois de Viso-Rei em emprezas de mais estrondo. Elle applicou os primeiros cuidados ao perigo de Cananor, que mandou soccorrer de novo por D. Antonio de Noronha, que havia governar as tropas de terra, e por Gonçalo Pereira Marramaque, que ia encarregado do commando das do mar, sendo Capi-

tães

Era vulg. tães da poderosa armada, em que sahiraõ de Goa os Fidalgos da primeira distinçaõ da India, á qual na altura dos Ilheos de Angediva se incorporou a que até entaõ mandava D. Francisco Mascarenhas, que a entregou a Gonçalo Pereira: soccorro na qualidade, e no numero, que se naõ obrigou os inimigos a levantarem o sitio, elle os constrangeo a conduzir-se mais reportados. Os dois Chefes de mar, e terra ainda o faziaõ mais respeitavel; Gonçalo Pereira Marramaque pelo seu grande valor, D. Antonio de Noronha pelas suas acções obradas na India, especialmente em Ormuz, aonde fora Governador duas vezes.

Deixando a narraçaõ dos successos do sitio de Cananor para o anno de 1565 a que pertencem, no presente de que tratamos saõ dignos das attenções da Historia os progressos da Fé no Oriente. Ella havia propagado admiravelmente em todos os contornos de Goa, e pelo Reino de Cochim do tempo do Viso-Rei D. Constantino de Bra-

Bragança atégora. Nos lugares dos Pagodes do Indostaõ se viaõ edificados Templos consagrados ao Deos verdadeiro, os seus moradores livres das superstições ridiculas do Gentilismo, e em Baçaim extincta pelo zelo do Padre Christovaõ da Costa a expiaçaõ torpe, e o lugar destinado para ella pela cega barbaridade. O Rei de Siau, que o anno passado recebêra o baptismo em Manadó, neste promulgou Leis em beneficio da Christandade, que professava; e porque os vassallos tumultuáraõ, elle quiz antes perder os Estados, que abandonar a Fé, salvando-se em Ternate até serenar a tormenta.

Era vulg.

Incomparavelmente maior que esta foi a perseguiçaõ fomentada por Aeyro contra os Christãos de Amboino, e a do Rei da Java Maior, que com armas poderosas entregues a seu filho o Principe Babu intentou exterminar o Nome de Jesu Christo de todo o Archipelago das Molucas. Por huma parte a furiosa tormenta, que mandou o Ceo sobre a armada dos bar-

Era vulg.

barbaros, que tragou a maior quantidade dos seus navios; por outra o valor de Antonio Paes, que o Conde do Redondo mandou com tres náos em soccorro dos vexados, fizeraõ abortar os designios da impiedade, restituindo aos opprimidos Christãos a respiraçaõ já quasi suffocada. Os impios porem, que naõ podéraõ prevalecer com a força, mettêraõ em obra as astucias com tanta dexteridade, que se insinuáraõ na correspondencia de Antonio Paes, e offerecendo-lhe refrescos, em hum pomo recheado de veneno, deleitavel ao gosto, e aprasivel á vista, lhe propináraõ a morte.

Com a falta deste Chefe elles recobráraõ os alentos, e sitiáraõ o lugar de Ative; mas a tempo que chegavaõ a Rocanive tres náos de Mercadores Portuguezes, que tomando agora o officio de soldados, depois de ganharem huma gloriosa victoria, obrigáraõ os barbaros a levantar o campo. No Japaõ naõ era menor a perseguiçaõ, nem menos gloriosas as vantagens

Era vulg.

gens dos Christãos. Depois da primeira, que padeceo o Rei Bartholomeo de Omura, nós o deixamos em paz restituido ao seu Reino. Agora o Rei de Firando, e outros Regulos poderosos lhe movêraõ segunda, marchando com huma grande armada, que pôz a gente em terra para o ir atacar na sua mesma Corte. O Rei Bartholomeo, levando na sua frente o Estandarte da Cruz, muito inferior em forças os esperou no caminho, e fazendo os inimigos em postas, reconquistou tres fortalezas, chaves do seu Reino, com tanta rapidez, que assombrou todas as Regiões dos seus contornos.

O estrondo da conquista, e da victoria foi a causa do Rei de Arima, irmaõ de Bartholomeo, recobrar o seu Reino, e de se mostrar, ainda que Gentio, propugnador da Fé Catholica, permittindo aos seus vassallos o livre exercicio della, levantando Templos nos seus Dominios, e oppondo-se com coragem a seu pai Xangadono, que por causa della perse-

Era vulg. guia ambos os irmãos. Na grande Corte de Meaco, vencidos os estratagemas dos Bonzos pelo zelo ardente do Padre Gaspar Villela; reduzidos por toque superior da graça os dois primeiros sabios do Imperio, nos vastos campos do Japaõ se foi descobrindo muita seara, os Operarios poucos, necessitados os Fieis a pedirem ao Senhor da seara, que mandasse mais Obreiros ao seu campo. Semelhantes foraõ as vantagens de Firando, naõ só por hum effeito do ardor Apostolico do Padre Cosme de Torres, que assistia em hum dos portos do Reino de Arima; mas pela feliz chegada a Firando de D. Pedro de Almeida, que feito hum Apostolo do Evangelho, trouxe á sua devoçaõ ao barbaro Governador Jacata, antes perseguidor do Padre Gaspar Villela, que expulsou de Firando; agora receptor benevolo de Padre Luiz de Froes, fautor piedoso do Christianismo, que desde entaõ, e por annos longos floreceo, e com producções admiraveis no Japaõ; os seus grãos puros, e

mor-

mortificados lançados á terra, multiplicáraõ muitos centos por hum no celleiro da Casa do Senhor. Era vulg.

CAPITULO II.

Principia a narraçaõ dos successos do Reino neste anno de 1564.

Como o Cardeal Infante D. Henrique governava só a Monarquia de Portugal sem outra dependencia, que a dos homens, aos quaes elle havia submettido a vontade, e que abusavaõ da sua brandura: elle pelos seus conselhos acceitou agora com condiçóes injuriosas á mesma Monarquia o subsidio Ecclesiastico de 50 mil cruzados por cinco annos: graça, que dissemos conseguíra do Papa o Embaixador Lourenço Pires de Tavora, depois ratificada ao seu successor D. Alvaro de Castro: graça, em que se intimava a ElRei, que o dinheiro do subsidio se havia empregar em outra armada, differente daquella, que elle já pagava, e que se chamaria armada Ecclesiastica, toda dependente da

Era vulg. vontade do Papa para se servir da sua força contra quaesquer inimigos da Igreja, que bem lhe parecesse: graça com o contrapezo, de que a mesma armada só á nossa custa seria obrigada a defender os Estados do Papa contra toda a qualidade de invasores, e que nella se havia sempre arvorar a sua bandeira juntamente com a nossa: graça em fim, para que haviaõ escolher lançadores ElRei, o Cardeal Infante, e o Clero; que estes nomeariaõ hum Recebedor, que guardasse o dinheiro para ser despendido só no serviço da armada; que se houvessem sobras de hum para outro anno, se dariaõ contas a huma pessoa determinada pela Sede Apostolica; e que esta pessoa teria acçaõ para constranger ao Rei, ao Cardeal, e ao Clero, que naõ recusariaõ obedecer ao que ella lhes determinasse respectivo á applicaçaõ do subsidio.

Todos os bons Portuguezes, que conheciaõ a independencia do Reino desde a sua origem, tiveraõ por intoleraveis as condições da graça, que

os

os reduzia ao estado de sujeitos. Notava-se, que quando o Rei representava ao Papa, que naõ podia manter huma armada, elle o forçasse a sustentar segunda. A sujeiçaõ ás suas ordens para a mesma armada navegar no tempo, e aos lugares, que elle determinasse, sem ser para as necessidades publicas, e commuas da Igreja; que a devia pedir ao Rei, isso se olhava como huma quimera. Dizia-se, que se os Embaixadores em Roma acceitáraõ as condições com a intençaõ, de que no Reino se faltaria a ellas, tal pensamento era huma forja de enganos, de illusões injuriosas ás pessoas que as usassem, e áquellas contra as quaes se mettessem em uso. Mas sem embargo de todas estas, e outras muitas reflexões dos bons Portuguezes, o Cardeal Infante neste segundo anno da sua Regencia mandou, que a Bulla se observasse ao pé da letra, extorquindo a seu favor o sabio parecer de hum Ecclesiastico taõ estimavel, como era Joaõ Affonso de Béja.

Era vulg.

Se

Era vulg.

Se a Bulla tinha feito em Portugal hum grande ruido, agora a acceitaçaõ causou maior estrondo, já lembrando a indecencia da pobreza do Reino, que se representára ao Papa; já notando o nenhum caso, que se fazia das suas condições injuriosas; já inferindo dellas, que a Curia de Roma naõ fazia algum da Corte de Portugal; já sentenciando por hum desprezo feito ao Governo o voto de hum homem taõ qualificado como Joaõ Affonso de Béja, sugerido pelos interessados. Estas contemplações dos Cabidos do Reino deraõ occasiaõ, a que elles mutuamente se consultassem no que deviaõ obrar; e depois de pareceres prudentes, mandáraõ á Corte os seus Procuradores, que apresentáraõ hum Arrezoado de Convicçaõ, feito pelo Doutor Christovaõ de Mattos, com tanto de eloquencia, como de verdade. Nelle mostráraõ ao Rei, que os Corpos Capitulares naõ estavaõ, nem podiaõ ser obrigados a pagar semelhante subsidio: que se havia necessidade de dinheiro, elles para

ra

ra evitarem altercações, offereciaõ voluntarios por tempo de dois annos 125 mil cruzados; mas que desta concordia se lavrasse instrumento dito de contracto, como se executou com effeito. As intrigas, que antes, e depois se mettêraõ em obra, naõ foraõ bastantes para deixar de se conhecer, que a Bulla, e as suas condições eraõ indecentes, injuriosas, prejudiciaes ás regalías, e liberdade do Reino.

Era vulg.

Tanta pobreza de Portugal representada em Roma, ella se naõ sentio quando ElRei D. Sebastiaõ soccorreo a seu tio Filippe II. de Castella neste mesmo anno com duas armadas poderosas; huma para obrigar a Hazem, filho de Barba Roxa, que ameaçava Oraõ, a levantar o sitio de Mazalquivir; a outra para o ajudar na conquista do Penhaõ de los Velez. Naõ chegou a primeira a fulminar os barbaros com as armas; porque bastou a noticia, de que ella navegava unida com a de Hespanha, para Hazem levantar precipitadamente o sitio, deixando coberto de cadaveres o campo,

que

Era vulg. foi theatro das gentilezas de D. Martinho de Cordova, Governador de Mazalquivir. A segunda vamos nós vêr empenhada na reconquista do Penhaõ, que no de 1508 fundára o Conde D. Pedro Navarro entre as serras de Cantil, e Baba na costa de Barberia; que depois foi ganhado por Muley Almançor, conseguindo antes dar morte aleivosa ao seu bravo Commandante D. Joaõ de Villalobos; que os Hespanhoes duas vezes intentáraõ restaurar, e naõ o podéraõ conseguir; e que agora o logra Filippe II. com o respeitavel, sempre temido soccorro das armas Portuguezas.

Este poderoso Monarca determina arrancar o Penhaõ da maõ dos Mouros: prepara huma armada formidavel, de que nomeou General a D. Garcia de Toledo, Duque de Fernandina, e Visó-Rei de Catalunha: convida para esta empreza a varios Principes da Europa, entre elles a ElRei D. Sebastiaõ, que sempre ambicioso da exaltaçaõ da Fé, mandou logo aprestar hum galeaõ de grandeza

za extraordinaria, e outros doze navios, que foraõ guarnecidos das melhores tropas, e por seu General a Francisco Barreto, Governador que tinha sido da India, nella, e em Africa com creditos de soldado entre os primeiros do seu tempo. Em Cadiz se encontráraõ as armadas, e ajustáraõ os Chefes, que a de Hespanha fosse para Malaga, em quanto a de Portugal chegava a Tangere para receber a bordo 200 soldados aguerridos nas campanhas de Africa.

Era vulg.

Outra vez unidas as armadas, a 31 de Agosto sahiraõ de Malaga, e deraõ fundo tres legoas distante do Penhaõ, que Hazem, Governador de Argel, havia confiado ao valor, e disciplina militar de Cara Mustafá, Alcaide da Praça da Gomeira. Os moradores da Cidade de Velez, que primeiro descobríraõ sobre as ondas o apparato soberbo, preoccupados do pavor abandonáraõ os domicilios, e buscáraõ o refugio das montanhas. Postada a gente em terra, se determinou, que antes de emprender o sitio do Penhaõ,

Era vulg. nhaõ, o Exercito se apoderasse da Cidade de los Velez desamparada. Elle se moveo com este designio formado em tres corpos; o da vanguarda coberto por D. Sancho de Leiva, D. Luiz Osorio, e Fr. Joaõ Egio, General de Malta, com as tropas da Religiaõ, e a Infantaria de Napoles; o da batalha mandado por Francisco Barreto, que levava os Cabos, e gente de Portugal, de Sicilia, de Lombardia, e de Castella; o da retaguarda ás ordens do Conde Anibal de Altemps, composto dos Alemáes, e Italianos. Com pouca resistencia dos inimigos no campo, a Cidade foi entrada, e bem guarnecidos os postos, se deo principio ao sitio do Penhaõ com competencia generosa de tantas Naçóes illustres, igualmente emulas do valor, ambiciosas da gloria.

D. Garcia de Toledo, depois de plantadas as baterias, quiz usar de clemencia com os Mouros, mandando-lhes prometter a liberdade, e as vidas se entregassem a praça. O Governador respondeo arrogante para de-

Era vulg.

depois fazer mais vil a infamia da sua fugida. Laborou sem intermissaõ o fogo com tal espanto dos sitiados; que sem esperar os avances, pela parte do mar foraõ descendo a buscar os montes. O seu Governador lhes seguio os vestigios, e sem perda dos Christãos conquistáraõ o Penhaõ. Depois o mesmo pejo da sua covardia trouxe muitos Esquadrões de Mouros a travar escaramuças até á hora do embarque do exercito; mas sempre derrotados com perda, naõ quizeraõ dar aos seus contrarios occasiões de mais vantagens. Hespanha fez alta estimaçaõ desta conquista, e Filippe II. taõ grande da pessoa de Francisco Barreto pelo modo com que nella se conduzio, que lhe mandou o seu Retrato acompanhado de huma honrada Carta, em que lhe dizia: Que o bom successo do Penhaõ elle o attribuia mais á fortuna de tal Chefe, que á sua mesma potencia: que sempre assim o esperára, depois que soube, que D. Garcia de Toledo ia acompanhado de hum General taõ prudente: que lhe agra-

Era vulg. agradecia o trabalho, que tivera no sitio, e lhe ficava em muita obrigaçaõ: que ao presente naõ discorria como lhe podesse remunerar huma pequena parte delles, senaõ mandandolhe o retrato da sua Pessoa com huma cadea, para que com ella o tivesse prezo todos os dias da sua vida, prompto sempre á agradallo.

CAPITULO III.

Em desagravo do máo successo sobre Mazagaõ o Xerife Rei de Marrocos determina sitiar a cidade de Tangere, e se trataõ outros successos.

Para hum espirito dominado pelas maximas da soberba, os mesmos successos infaustos, que o deviaõ abater, elles lhe servem de estimulo, que pique a arrogancia para mais se exaltar. Se elle já tem o solio da gloria como proprio, resolve-se a subir mais alto para roubar o alheio, ainda que depois cáia das eminencias com o impe-

peto do raio. Se occupa o centro do vilipendio, entaõ naõ cuide elle tanto em sahir dos abysmos da affronta para recuperar a reputaçaõ com acções de honra; mas em promover a vingança ainda a troco de novas vilezas. Tal era o frenesi arrogante, de que se deixou dominar o Xerife Muley Abdala, Rei de Marrocos, depois do destroço das suas armas sobre Mazagaõ, naõ bastando o transcurso de dois annos para se diminuir a chama da colera; para desinflammar os desejos do despique, naõ como desaggravo brioso das injurias da Corôa; mas como vingança vil do animo, que naõ podia ter socego em quanto nos altares do furor barbaro naõ immolasse victimas de sangue.

Era vulg.

Dominado destes transportes contra a Naçaõ Portugueza, que elle, e os seus Maiores havia tantos annos olhavaõ como escandalo, como huma injuria dos seus Dominios: o Xerife ajunta hum exercito formidavel pelo numero, muito mais pelo valor, para descarregar furioso o golpe da vingan-

Era vulg. gança contra a Cidade de Tangere. Dobrados cuidados trouxe esta noticia ao Governo de Portugal. Temia-se o desmarcado poder do Senhor de tantos Reinos: receava-se a perda da praça, quasi sem fortificações, falta de tudo, mantida entre os inimigos mais pelo respeito, que pela força. Entendeo o Cardeal Infante, que só Lourenço Pires de Tavora a poderia tirar dos cofres das suas dexteridades para sustentar na defensa de Tangere o credito das nossas armas em Africa. Em nome do seu Pupillo elle o nomea General em Chefe daquella praça; mas Lourenço Pires, que entende a nomeaçaõ hum pretexto maquinado para o apartarem da Corte, elle se escusa com o de velho, e com outros bem tecidos pela delicadeza da sua politica.

Mas fosse porque lhe persuadíraõ a nomeaçaõ sincera, e necessaria; fosse porque se lhe prometteo reparar a praça, e reforçar a guarniçaõ com mil soldados de cavallo; fosse porque elle mesmo interpretou a re-

pu-

pugnancia indecorosa ao seu credito: Era vulg.
Lourenço Pires acceitou o cargo, resoluto a sacrificar tudo pela gloria da Naçaõ, e pelas vantagens da Patria. Em huma armada, em que embarcava a melhor Nobreza offerecida para debaixo da disciplina de taõ grande Professor adquirir a gloria com a despeza do sangue, e que foi guarnecida de soldados de eleiçaõ ambiciosos da guerra; elle sahio de Lisboa para Tangere a 15 de Abril deste anno. Depressa chegou à Roma a noticia dos motivos, e da nomeaçaõ de Lourenço Pires, que na Curia devêra tantas honras ao Pontifice Pio IV. Este Chefe Supremo para significar a ElRei o prazer, que causava no seu espirito esta eleiçaõ, escreveo ao mesmo Principe huma Carta de tantas approvações, quantos eraõ os elogios em outra, que envioù de Roma ao eleito Lourenço Pires de Tavora.

A chegada deste Fidalgo a Tangere, animou a coragem assustada dos seus moradores, metteo em consternaçaõ a arrogancia jactanciosa dos Mou-

Era vulg. Mouros. Desfez-se todo o apparato prevenido para o cerco, que naõ teve effeito: mas o bravo Rolio Bentuda, que se dizia Senhor de Arzila, de Larache, de Alcacer Quivir, e que era Governador da primeira destas praças, com dois mil cavallos veio visitar Lourenço Pires de Tavora á vista de Tangere para tirar as provas do seu valor, taõ afamado, como a sua politica. Os nossos foraõ sobre elles, e fazendo muitos em postas, naõ tiveraõ mais perda, que a de Jorge de Mendoça, e a de Rodrigo Rabello. D. Pedro da Cunha, que governava Ceuta, foi logo avizado do que se passava em Tangere para estar prevenido, e Lourenço Pires levou o resto do anno em fortificar a praça, naõ só para a pôr a coberto aos insultos dos Mouros; mas para a fazer respeitavel ao poder espantoso do Xerife.

Pelos mesmos tempos succediaõ em Portugal dois casos delicados, hum era a publicaçaõ do Concilio Tridentino, o outro a fugida do Senhor D. Antonio para a Corte de Castella. Em quan-

quanto ao primeiro, feita a publicaçaõ da Bulla a 7 de Setembro, em nome delRei mandou o Cardeal Regente, que todas as determinações decretadas no Concilio fossem recebidas. Para isso escreveo aos Prelados do Reino, a todas as Conquistas, e até ao Rei de Congo para o persuadir a imitallo na mesma acceitaçaõ, que gloriosamente exaltava a Fé; que derrotava as forças á Heresia; que fazia brilhante a refórma da Igreja. Tem-se notado, que na mesma geral, e illimitada acceitaçaõ do Concilio, o Cardeal fizera dependente o Reino, que Deos havia creado livre, e soberano; que elle como Tutor, pelo prejuizo, que nella causára ao seu Pupillo, obrára hum acto da sua natureza nullo; que tinha por consequencia romper, e estragar a independencia da Magestade de huma Monarquia. Mas o certo he, que nem o mesmo Rei D. Sebastiaõ depois de maior, nem algum dos Monarcas illuminados, que se lhe seguíraõ até hoje, se sentíraõ da acceitaçaõ, nem reclamáraõ a nullidade daquelle acto.

Era vulg.

Era vulg.

Naõ tardou muito que ElRei naõ recebesse a remuneraçaõ destes obsequios, em Flandres por maõ da sua Governadora a Princeza D. Margarida de Austria, em Alemanha pela do mesmo Imperador Maximiliano. A ambos estes Principes se queixou ElRei, de que nos seus Estados se cunhava moeda com as Armas de Portugal, sendo consideravel o detrimento, que semelhante fabrica causava aos interesses da sua Corôa. Immediatamente ouvio a queixa, a Archiduqueza fez publicar em nome del-Rei de Hespanha hum mandamento severo, defendendo, prohibindo com penas graves, que pessoa alguma fizesse, ou contrafizesse nas terras da sua jurisdicçaõ moedas semelhantes á estampa, ou cunho do Sereniſsimo Rei de Portugal. Outro tanto executou da sua parte o Imperador, conseguindo a vigilancia do Governo com tanta facilidade impedir, que a moeda contrafeita fosse taõ desinteressante a Portugal.

A renovaçaõ da guerra do Brasil he

he o ultimo dos successos, com que Era vulg.
nós coroamos a Historia deste anno
de 1564. Já eu deixo referidas as vi-
ctorias, que Mem de Sá ganhou so-
bre Francezes teimosos, e sobre Ta-
moyos obstinados. Huns, e outros
das reliquias dos seus estragos nos fi-
zeraõ agora huma nova guerra, ha-
vendo-se outra vez fortificado no Rio
de Janeiro sobre o penhasco inacces-
sivel, que chamaõ o Paõ de Assucar.
O Governador Mem de Sá, que naõ
podia deixar de ter por indecoroso o
restabelecimento dos inimigos; en-
carregou a seu sobrinho o valeroso
Estacio de Sá a empreza de os desalo-
jar, e os destruir em forma, que por
huma vez desistissem dos intentos,
que proseguiaõ tenazes. A 20 de Ja-
neiro entrou este Chefe pela barra do
Rio do mesmo nome com huma fro-
ta mais respeitavel pela qualidade da
gente, que pelo numero dos vasos.
Para naõ dar tempo aos contrarios de
se refazerem, postou logo a gente em
terra, e entrincheirou-se no mesmo
penedo junto á sua fortificaçaõ, co-
mo

Era vulg. mo lugar mais proprio para os ataques.

Logo se observou a resoluçaõ dos Tamoyos, confiados na multidaõ das suas canoas, audaciosos pela companhia dos Francezes, e Estacio de Sá, que na notavel desigualdade do numero, notou a grandeza dos perigos, entendeo que para entrarem nelles afoutos, devia animar os seus soldados. O Chefe magnanimo lhes propôz: que elles eraõ chegados ao ponto da Época feliz, em que haviaõ derrotar por mar, e terra a Naçaõ barbara, que naõ se fartava de comer carne humana, nem se lhe extinguia a sede de beber o seu sangue: que aquelle era o dia da redempçaõ dos povos tyranisados por Francezes, e Tamoyos, que ajudados dos seus braços invenciveis já iaõ a levantar as cabeças: que de huma vez extinguissem a gente feroz, que naõ se distinguia das féras, naõ obedecia ás Leis insolente, desprezava as nossas armas soberba, e que elles por huma parte rodeados do mar, por outra atacados da multidaõ dos ini-

inimigos, marchassem ao combate resolutos a vencer, ou a morrer, sem lhes restar meio entre a morte, e o triunfo.

Era vulg.

A ultima palavra do General foi o grito de guerra, que fez mover os Portuguezes com intrepidez ao combate, quando já os Francezes, e Tamoyos os buscavaõ denodados. Os horisontes retumbáraõ com o echo de tantas vozes horrendas; a terra como que tremia á violencia dos golpes. Naõ os pódem soffrer os inimigos; muitos perdem a vida, outros fogem, os mais ficaõ prisioneiros. Querem elles recobrar a perda em terra com outra invasaõ pelo mar, mas encontraõ destroço semelhante em 27 das suas canoas. Os Portuguezes se recolhem triunfantes ás trincheiras; e os barbaros reforçando o poder com a desesperaçaõ, tornaõ a apparecer em maior numero enchendo 130 canoas, que traziaõ na vanguarda tres náos de guerra Francezas empavezadas, e alterosas, no tremolar das flamulas, e galhardetes, como celebrando a victoria antes do conflicto.

Sal-

Era vulg.

Salta em terra a multidaõ dos Americanos coberta pelos Cabos, e soldados Europeos com o designio de nos atacar dentro das nossas trincheiras. Nós tivemos esta audacia por injuria, e sahindo a campo aberto, com valor incrivel ganhámos huma victoria completa. Os inimigos, que escapáraõ do destroço, reembarcáraõ nas canoas para fugir, mostrando-se façanhosos os Francezes em lhes fazerem com as suas náos a retaguarda. Á victoria se seguio mandár destacamentos por todas as Aldêas, aonde a insolencia foi castigada, a arrogancia submettida, já sem coragem a soberba para deixar de se sujeitar ás leis do vencedor. Pouco depois coroámos a vantajosa campanha com a gentileza das tripulações de sete das nossas canoas, que sendo atacadas por setenta e quatro dos inimigos, rodeadas por todos os lados, chovendo sobre ellas diluvios de armas de arremeço, sustentáraõ a defensiva com alento inimitavel até á chegada de outras sete canoas de soccorro. Entaõ passámos a

of-

offensores taõ indomaveis, que tintas as aguas de sangue, coberto o mar de cadaveres, rendidas quatro canóas, as setenta para naõ fazerem geral a calamidade, nos largáraõ com ignominia o campo da batalha.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Prosegue-se a narraçaõ dos successos de Tangere no anno de 1565, *e principia a dos da India no mesmo anno.*

1565

Occupado em reparar as fortificações de Tangere deixámos nós a Lourenço Pires de Tavora, que já vamos a vêr desafiado pelo façanhoso Bentuda com numero igual de parte a parte; como se esta industria para lhe derrotar o poder houvesse de vencer a dexteridade, com que o Chefe prudente lhe destruia as maquinas sem effusaõ do nosso sangue. Dois Judeos foraõ os Emissarios do recado, que o General ouvindo com a proposta da igualdade do numero, quando os Portuguezes

em

Era vulg. em Africa sempre vencêraõ os Mouros em muitos dobros: elle naõ podia deixar de o ter por falso, ou de o suppôr estratagema perfido para o fazer cahir em alguma emboscada. Naõ obstante esta reflexaõ, o General deo demonstrações de grande prazer, e para attestar a certeza delle, enviou livre a Bentuda hum Mouro muito da sua estimaçaõ, e com elle a Pedro Veloso para ajustar com o Alcaide o dia, o lugar, e o numero da gente para a festa, a que o convidava: festa tanto do seu gosto, que pelo muito que a desejava, punha duvida á verdade do convite.

Voltou o Veloso acompanhado de dois Mouros, que affirmáraõ a Lourenço Pires, como o recado dos Judeos fora mandado por Bentuda, que com alvoroço igual esperava o fausto dia, que ainda naõ traziaõ marcado pelo seu Chefe. Passáraõ muitos; reiteráraõ-se as instancias, e vista da parte de Bentuda a falta do cumprimento das condições, o nosso General se firmou na idéa do artificio, que entaõ descoberto,

to,

to, para elle foi de tanta gloria, quanto de ignominioso para o barbaro presumido. Continuou este na jactancia já com força descoberta; mandando vir de Féz grossos esquadrões para nos atacar em campo aberto; mas elles servíraõ de outras tantas testemunhas de nova affronta. O nosso General lhe apresenta batalha, que Bentuda naõ acceita; satisfaz a sua coragem com se mostrar ladraõ nocturno no saqueio de algumas hortas, e porque desta leve sorpreza lhe naõ tomem contas, ao romper o dia se recolhe para Arzila.

Em vulg.

Como a seus tempos nos era necessario bater o campo para commodidade das forragens, que se necessitavaõ na praça, Bentuda destacou a dois filhos seus reconhecidos valerosos, para que na menor distancia que podessem das nossas atalaias se emboscassem com 400 cavallos destinados a sorprender-nos em huma destas saídas. Entaõ succedeo andarem no campo por huma parte o General, e por outra o seu Adail Sebastiaõ Gonçalves

Pit-

Era vulg. Pitta: divisaõ, que os Mouros tiveraõ por certeza constante da victoria, sahindo com grandes vozes a atacar-nos rapidos, e briosos. Os dois pequenos corpos fingiraõ huma retirada de acceleraçaõ, até se unirem mais chegados ás nossas tranqueiras, e no sitio de Palmeirim fizeraõ alto para observarem os movimentos dos Mouros, que coroáraõ hum outeiro, onde se postáraõ com vantagem. Ordenou o General ao Adail, que com 40 cavallos marchasse á desalojallos, e começou a refrega logo vistosa, como de muito tempo desejada.

Quatro vezes rompêraõ os nossos pelos Mouros até ao centro do esquadraõ; mas como eraõ muitos recobravaõ a fórma, e largo espaço naõ se conheceó vantagem. A tempo que Lourenço Pires marchava a consummar a victoria com o resto da gente, apparecêraõ pelas faldas do outeiro outros 400 cavallos, que vinhaõ reforçar os seus camaradas. O bravo General talvez lembrado da batalha de Dio, em que ao lado de D. Joaõ de

Cas-

Castro vio a pouca impressaõ, que fazia nesse grande Chefe o maior numero de inimigos: sem alterar a resoluçaõ primeira na face do caso novo, elle carrega os barbaros com valor, e fortuna iguaes aos daquelle memoravel dia, em que elle tivera tanta parte. Proezas estupendas obráraõ menos de cem homens contra oitocentos. Depois do General, que nos seus annos avançados se mostrou soldado robusto, se distinguíraõ valerosos D. Rodrigo, e Manoel de Mello, Simaõ da Veiga, e Luiz de Castilho. D. Francisco de Moura naõ podendo arrancar a lança, que cravára no corpo de hum inimigo, tirou da espada, e a golpes para todos os lados fez praça no seu centro para se mover á vontade. Nuno Furtado com a memoria na fama sem se lembrar da vida, tanto se entranhou com os barbaros, que a deixaria nas suas mãos, se lhe naõ acudissem os camaradas, que consummáraõ a victoria. Ella fez tanto estrondo em Portugal, que ElRei a agradeceo a Lourenço Pires com as expressões mais honrosas. Dei-

Era vulg.

Era vulg. Deixando descançar este Fidalgo em Tangere, ainda que contra sua vontade, para no anno seguinte se coroar com os louros de outro triunfo, vamos neste ouvir os estrondos da India, que já chamaõ pelas nossas attenções. Nós vimos ao Viso-Rei D. Antaõ de Noronha na sua chegada a Goa mettido nos differentes embaraços, que provinhaõ da falta de viveres nesta Cidade, da guerra declarada em Cananor, com o sitio da fortaleza, dos soccorros effectivos, que necessitava mandar-lhe, e de outros negocios, que a cada passo moviaõ as occurrencias do tempo. A todos acudio com prontidaõ, e acordo a actividade do Viso-Rei. Para prover as necessidades de Goa, ordenou elle a Pedro da Sylva de Menezes, que com sete navios discorresse pela costa do Canará, e fosse segurando pelos seus portos as embarcações de transporte, que haviaõ trazer a Goa os mantimentos. Para reforçar a guarniçaõ de Cananor, que já dissemos mandára soccorrer por D. Antonio de

No-

Noronha, e para engrossar a armada de Gonçalo Pereira Marramaque nos seus mares; enviou com quatro navios a D. Paulo de Lima, ambos estes Chefes felizes nas occasiões, que a Historia vai a referir.

Era vulg.

Pedro da Silva de Menezes correndo os mares marcados no seu Regimento, pouco álem do rio de Bacelor huma tormenta lhe separou a armada. Elle voltou a Mangalor em busca de tres navios, que lhe faltavaõ, e que teve o gosto de encontrar acompanhados de tres paraos de Malabares ricos, e importantes, que elles haviaõ abordado, e rendido. Com taõ bella resulta da temivel tempestade, já unida a esquadra, e navegando avante o rio Canharoto pelo canal entre o Continente, e os Ilheos, ella se encontrou com o cossario Murimuja, que trazia desasete paraos guarnecidos de grande numero de gente; ainda mais respeitavel pelo valor; muito para temer por estimulada. Sem outro proemio para a elegancia do combate, cinco galeotas, e dois paraos

Era vulg. raos dos Malabares abordáraõ afoutos alguns dos nossos navios. Depois de bem servidos de fogo, e de golpes, a sua coragem teve tanto de infeliz, que os paraos foraõ mettidos a pique, as galeotas ficáraõ em nosso poder; com todos os Mouros morreo Murimuja, e o resto da frota á vista do primeiro destroço, quiz com a fugida evitar segundo.

Os Portuguezes, sem mais perda, que a de tres homens, lhe foraõ no alcance até a embocadura do rio de Pudepataõ, donde sahíraõ em soccorro dos opprimidos tres paraos e 50 almadias. A nossa artilharia os fulminou com tanto effeito, que os inimigos tiveraõ de voltar com mais pressa, que a que traziaõ; o estrago já sem differença entre o soccorro, e os soccorridos. Alem de cem, que elles deixáraõ mortos a ferro, de muitos afogados, de sete vasos perdidos, nós ennobrecemos a victoria com muitos despojos, entre elles vinte peças de artilharia de bronze, que trouxemos a Goa. O Viso-Rei honrador dos homens,

Era vulg.

mens, depois de receber affavel a Pedro da Silva, de elogiar o seu valor, de dar louvores aos soldados, a todos fez mercês, que sendo prontas, e naõ rogadas estimulaõ os espiritos para maiores emprezas.

D. Paulo de Lima, que com as acções heroicas obradas na India gravou o seu nome nos porticos do Templo da Honra, navegava com os seus quatro navios de soccorro para Cananor. Sobre ferro na bahia de Batecalá, por entre os crepusculos da tarde elle avistou seis vélas, que se lhe representáraõ paraos de inimigos, e sem demora se fez levar para os investir. Em proporcionada distancia foraõ conhecidos seis navios da esquadra de Gonçalo Pereira Marramaque, que os mandava para conduzirem a D. Paulo com segurança por mares taõ infestados dos Malabares. O Cabo que os commandava, por se considerar com mais forças, entrou na militar vaidade, de que D. Paulo lhe abatesse a bandeira. O generoso Fidalgo teve esta pretençaõ por huma loucura, e

Era vulg. naõ fez caso della. A arrogancia Portugueza menos sensivel aos danos do commum, que ao capricho pessoal, transportou de tal sorte o Commandante, que virando de bordo, se fez na volta da paragem donde viera, deixando D. Paulo exposto ao perigo, em que logo o veremos.

Já a relaxaçaõ da disciplina militar na India era tanta, que estas, e outras semelhantes liberdades corriaõ soltas por impunidas. Desampararaõ a D. Paulo huns poucos de camaradas soberbos; mas a fortuna já mais o desampara na heroicidade das suas acções. Elle vai só em busca de hum triunfo, que os estragos proprios fizeraõ mais famoso; busca huma victoria rara, de que naõ deviaõ ser participantes genios altivos. Com os seus quatro navios foi navegando D. Paulo de Lima pelos mares de Batecalá, quando se lhe põe na frente o famoso pirata Canatalle com huma esquadra muito superior em vélas, e gente, que vinha opprimida com o pezo das riquezas do Norte. Avistalla D. Pau-

Paulo, e investilla foi hum acto taõ unido, que entre si naõ admittio meio. A primeira descarga da sua artilharia embocada a cartuxo foi taõ forte, e taõ rapida pelos convezes das náos inimigas, que os corpos se viaõ voar pelos ares em pedaços. Formoso, e elegante combate se preparava, quando Canatalle animado com a sua perda, seguido de mais dois navios abordou pelos costados a galeota de D. Paulo.

E ra vulg.

Esperemos hum pouco pelo successo gentil deste valeroso Fidalgo. Ao mesmo tempo foraõ atacados com superioridade monstruosa os outros tres navios. Sobre o de Bento Caldeira cahio tal diluvio de fogo, que em hum momento se fez em cinza com os seus bravos defensores. Os dois, que até entaõ se defendiaõ, cortada a gente de temor, tomados em punho os remos, com covardia infame, quando deviaõ em Goa apodrecer nas masmorras, estes homens andavaõ pelas ruas soltos dando noticia das mortes desastradas, com que haviaõ aca-

Era vulg. bado D. Paulo de Lima, Bento Caldeira, e tantos estimaveis Portuguezes, todos esmagados debaixo do pezo da armada de Canatalle. Toda Goa chorava D. Paulo morto a tempo, que elle se collocava simulacro vivo no templo da immortalidade.

Atracado por tres navios de Canatalle, rodeado por toda a sua esquadra, abordado por muitos centos de Mouros, investido pelo mesmo Canatalle em pessoa: D. Paulo, este homem, como se fosse de outra massa, na testa de cincoenta soldados Portuguezes; que os mais eraõ marinheiros, e escravos; parece, que em cada respiraçaõ elle inspirava a sua alma no corpo de cada hum dos camaradas, até dar a todos almas novas. Só nas ficções da fabula póde ter lugar o que neste apertado lance obráraõ huns poucos de espiritos honrados. Viaõ os Portuguezes diante de si em D. Paulo hum monstro de valor, e occupados da generosa emulaçaõ, de que elle só levasse a gloria de taõ formoso dia, em hum instante os cin-

coen-

coenta Portuguezes se transformaõ em cincoenta Paulos. Todos fulminando as espadas como coriscos, como raios, D. Paulo ferido de quatro frechadas, e peleijando, desconhecendo as paixões da natureza, insensivel á perda do sangue proprio, todo empenhado em derramar o alheio: depois de muitas horas de disputa, os nossos corifeos inimitaveis afastaõ os Mouros, que deixaõ no convés da galeota degollados duzentos: mas dos nossos cincoenta morrem trinta. Elles assim mortos naõ podiaõ ter mais larga vida.

Era vulg.

Injuriado o barbaro Canatalle, de que huma só embarcaçaõ arrestasse huma esquadra, usurpando a raiva os officios do valor, elle persuade aos seus voltem sobre 'o escandalo das armas do Malabar, o pizem, o esmaguem, o façaõ em pó. D. Paulo tendo animado o resto do seu mundo para acabar com a gloria dos camaradas; descobrindo os marinheiros, os escravos, os poucos soldados, mettendo pelas perchas da galeota muitas

lan-

Era vulg. lanças para mostrar aos inimigos, que estava prevenido, e que tinha gente viva: só em se preparar assim para segundo combate, elle dobra a reputaçaõ adquirida no primeiro. Bastou o apparato de resistencia para os barbaros destroçados conceberem tal terror, que dando as popas á prôa da Galeota de D. Paulo, com a victoria lhe deixáraõ o campo da batalha. O nosso Heroe desembarcando no caes de Goa, como hum resuscitado glorioso vindo do outro mundo, foi levado nos braços dos Fidalgos para se curar em casa de Martim Affonso de Mello, aonde o Viso-Rei com tanto de honrado, como de invejoso, o visitou, o engrandeceo, o persuadio quanto desejára trocar o bastaõ de Viso-Rei pela espada de D. Paulo. Depois foi ao Hospital levar aos soldados feridos a caridade acompanhada da estimaçaõ, os premios associados dos louvores, hum Mathias Corvino em Goa, ou hum grande Alexandre na India apertando-lhes as feridas com as faxas dos Diademas.

CA-

CAPITULO V.

Prosegue-se o sitio de Cananor, e outros successos da India.

Ainda que naõ chegou a Cananor o soccorro, que conduzia D. Paulo de Lima por causa do successo acabado de referir; ainda que os barbaros Malabares estavaõ senhores da campanha; ainda que elles se mostravaõ féros pelo seu numero, que cada dia se engrossava, e principiando em quarenta subio ao de cem mil homens: André de Sousa, que primeiro fora mandado defender, e soccorrer a praça, elle sustentou o terreno até á sua morte, que lhe sobreveio pouco depois; D. Antonio de Noronha, que levou as mesmas ordens, em poucos dias degollou dois mil contrarios, queimou mais de quarenta mil palmeiras: perda na India taõ consideravel, que costumava dizer o Viso-Rei D. Joaõ de Castro, que cortar nella huma palmeira, valia tanto, como matar hum In-

Era vulg. Indio. Destes estragos resultou a conjuraçaõ do Malabar, donde os homens picados dos estimulos da vingança, corriaõ em tropas aos campos de Cananor, que se viaõ cobertos por cem mil barbaros resolutos a levarem a fortaleza de hum assalto. Desta determinaçaõ foi avisado o Governador D. Payo de Noronha por hum Nayre da Corte, que com fidelidade sincéra servia aos Portuguezes.

D. Antonio de Noronha informado da verdade da noticia, persuadio a D. Payo recolhesse no interior da Fortaleza o que havia de precioso; que dentro della incorporasse os soldados dispersos pelas obras exteriores, para que acommettidos por tanta multidaõ de inimigos, furiosos por estimulados, fosse mais vigorosa a defensa unidos em hum só lugar, naõ divididos por tantos com o perigo de ficarem cortados. Seguio-se o parecer de D. Antonio; mas elle, fosse por ambiçaõ de commandar, ou com pensamentos de se mostrar valeroso, com as tropas da sua repartiçaõ

çaõ se deixou ficar nos arrabaldes. Elle, e os soldados se preparáraõ com os Sacramentos de conforto para no seguinte dia esperarem os inimigos; se como Heroes impavidos, como Christãos contrictos. Apenas raiou a sua luz, appareceo Ade Rajao na frente de tantas esquadras medonhas no vulto, terriveis na desesperaçaõ, tantas que cobriaõ a terra, cem mil barbaros contra hum punhado de homens, que a naõ serem Portuguezes, só os ensaios para o repellaõ lhes fariaõ cahir das mãos as armas, palpitar os corações, gelar o sangue nas vêas, e a ficar-lhes acordo, o mandariaõ todo aos pés para buscarem a salvaçaõ na fugida.

Era vulg.

Naõ succedeo assim aos alentados homens, que mostrando-se promontorios de constancia, esperáraõ a pé firme os seus contrarios promettendo-se certezas da victoria. Logo horrendo começou o combate pelo posto, que defendia Manoel Travaços. Elle foi o primeiro, que com rios de sangue barbaro tingio o campo do conflicto.

Em

Era vulg. Em seu soccorro correo D. Antonio de Noronha com as tropas taõ animadas, que quando os braços cançavaõ de dar golpes, ferravaõ os inimigos com os dentes. Com o mesmo impeto, D. Antonio cahio sobre os que atacavaõ as estancias, em que peleijavaõ os dois irmãos Betancores, Thomé de Sousa Coutinho, e Gaspar de Brito. Os soldados em todos os postos pareciaõ leões devorando as prezas; chefes, e camaradas de si mesmos, elles se davaõ as ordens, e as executavaõ. Sobre os barbaros apinhados hum tiro fazia muitas mortes; outros precipitados pelas escadas de que tinhaõ feito degráos para a victoria, sobre servirem de tropeço aos que queriaõ subir, faziaõ encher de horror aos que os viaõ rebentar.

Já com signaes de desalemto no meio do dia, e do combate, tanto mundo, tanto furor com obediencia forçada se movia ao avance. Dois Caçizes mandados por Ade Rajao, com gestos, e vozes horrendas trabalhavaõ para reanimar o ardor desfalecido.

El-

Elles o conseguem, e os barbaros estimulados, desejosos de gozar os premios eternos, que acabavaõ de lhes propôr; tornáraõ a investir a fortaleza com huma coragem, que parecia inspirada. Diversos eraõ os clamores do povo na Igreja dos Religiosos Franciscanos, que vendo-a illuminada por hum resplandor brilhante, nos transportes do Espirito, que ensina aos homens a fallarem linguas novas, parecendo tomados do mosto á hora de Terça: elles entraõ com hum Christo arvorado pelo meio do maior horror do conflicto, e animando os soldados com palavras divinas, os seus golpes entraõ a descarregar-se com forças mais que humanas. Já faltava campo no recinto dos muros para accommodar cadaveres de inimigos descabeçados; já cançavaõ os braços de fazer prisioneiros; já a multidaõ dos barbaros sem alentos se põe em vergonhosa retirada; ferindo o ar com lamentos pela perda de cinco mil dos seus mortos, e da liberdade de innumeraveis cativos.

Era vulg.

Vi-

Era vulg.

Victoriosos os Portuguezes a taõ pouco custo, e com tal victoria, D Antonio de Noronha entra na Cidadella para se congratular do triunfo com D. Paulo. Depois de se darem os braços, ambos se prostraõ por terra; todos os Soldados os imitaõ; soaõ lagrimas de ternura, vozes de piedade, que rendem graças immensas ao Author soberano das victorias: gratidaõ bem propria dos espiritos Portuguezes, que a naõ se lembrarem della, seria esquecer-se, de que eraõ Portuguezes. A este tempo, para fazer o gosto mais plausivel, chegou com a sua frota Gonçalo Pereira Marramaque, que trazia a Alvaro Pires de Soromaior para succeder a D. Payo de Noronha no governo de Cananor, e assegurou aos sitiados, que esta praça podia ficar sem susto de outra invasaõ dos Malabares pelos haver cortado muito fundo o nosso ferro. O novo Governador, e Marramaque, querendo descarregar em Ade Rajao o ultimo golpe, ajustáraõ marchar ambos por mar, e terra á Cidade, aonde

de elle residia, e o que nella a espada deixasse illeso, o consumisse o fogo. Ao projecto se seguio a execuçaõ, que se representou mais vistosa pela galharda resistencia, com que Ade Rajao quiz defender as preciosidades, de que tinha recheada a sua Corte. Mas rebatida ella com morte de innumeraveis Mouros, ateado o incendio em todos os quarteis da Cidade, abrazados com alto desprezo thesouros immensos, no monte de cinzas movediças naõ ficou lugar, em que se podesse gravar estavel o epitafio, de que ali jazia, feita em pó a Corte do soberbo Ade Rajao.

Era vulg.

Depois de durar dois annos esta guerra de Cananor; depois daquella gloriosa victoria em todo hum dia de combate; depois deste estrago feito na Corte de Rajao, e de outros muitos causados por toda a Costa do Malabar pela espada incançavel de Gonçalo Pereira Marramaque: os Principes confederados, já instruidos pelas suas mesmas perdas, pedíraõ a paz humildes, e se sujeitáraõ ás condi-

çôes,

ções, que lhes quizeraõ prescrever os vencedores, estimando-a barata a qualquer preço. Ella deixou desembaraçadas as forças do Estado para em caso de necessidade acudirem ao Reino de Cota em Ceilaõ a esta Capital, que no principio de Outubro foi outra vez atacada pelo vaidoso Raju, ou em despique da quebra, que sobre ella sentíra havia dois annos, ou por naõ poder mitigar a sede da ambiçaõ, que tinha de dominar esta Cidade.

Nella se achava D. Pedro de Ataide, Governador de Columbo, que viera ajustar com o Rei de Cota as operações da guerra, que esperavaõ, deixando aquella praça encarregada a seu irmaõ D. Diogo de Ataide; quando Raju com exercito formidavel se postou em torno de Cota, aonde apenas se contavaõ 300 Portuguezes, a maior parte incapazes de pegar em armas. O Principe animoso celebrou a sua chegada com dois assaltos geraes, que successivamente mandou dar á praça; mas perdendo nelles 900 homens,

mens, resolveo render a nossa constancia com fome, e sede. A vigilancia de D. Pedro de Ataide pôde impedir, que elle divertisse as aguas; a de seu irmaõ D. Diogo fazia introduzir em Cota mantimentos de Columbo, e a de Raju advertida conheceo, que sem conquistar Columbo, elle naõ poderia render a Cota. Com este designio levantou o campo, que foi postar sobre aquella praça; mas rebatido com grande perda em dois assaltos por D. Diogo de Ataide, por D. Martinho de Castello Branco, e outros bravos Cavalleiros; elle reconhece a difficuldade de vencer os Portuguezes por força; muda de intentos, e reduz a hum bloqueio de ambas as praças o sitio formal, com que queria invadir cada huma dellas.

Era vulg.

Todo o esforço, toda a industria do Raju se empenháraõ em nos impedir os mantimentos, e cortar a corrente dos rios. Este segundo projecto fizemos nós abortar com tanta felicidade, que tupidas as cortaduras, que haviaõ servir de novos leitos ás aguas, nós

Era vulg. nós as tingimos, e engrossámos com o sangue dos barbaros. Para conseguirmos igual vantagem sobre a primeira idéa, faziamos das praças frequentes saídas para sustentar, e receber os comboios, atacarmos, e prover-nos dos mantimentos do mesmo campo contrario. Gloriosas foraõ algumas destas sorprezas; mas a fome chegou aos ultimos extremos de arrojar a acções indignas espiritos, que seriaõ immoveis a outros quaesquer generos de calamidades. Inimigo taõ inexoravel fez chefes de huma conjuraçaõ vil a Fernaõ Caldeira, e a Luiz Carvalho, resolutos a passarem para o serviço do Raju com 40 Portuguezes famintos. Soube a sua determinaçaõ o General D. Pedro de Ataide, e advertindo que as configurações do tempo deviaõ illuminar a face da justiça com as côres vivas da clemencia; chamou os conjurados, e com ternuras, com mercês, com desculpas do crime firmadas sobre as considerações da penuria, elle os commove, os suspende, os faz protestar serem in-

se-

separaveis dos seus camaradas, até acabarem ás mãos do genero de morte, que os consumisse.

Era vulg.

Chegou a Jorge de Mello, Governador da Ilha de Manar, a noticia do aperto, em que estava Cota, e persuade ao Rei de Candea, que a favor dos sitiados faça huma diversaõ aos inimigos, em quanto da sua parte marcha em soccorro dos cercados. Este Principe a fez com bem de coragem na testa de cinco mil homens, deixando nas terras do Raju marcado o odio, que contra elle tinha concebido. Seria o temor desta invasaõ, ou a impaciencia do Raju estar tanto tempo á vista de Cota esperando os effeitos da fome, que parecia naõ fazer abalo em peitos humanos; elle determina dar hum assalto geral á fortaleza, aonde deo este aviso huma mulher Chingala. Antes de o fazer, o Raju tenta a constancia de D. Pedro de Ataide com promessas especiosas, com ameaças terriveis; mas elle se encontra com hum promontorio de firmeza, que nada poderia abalar.

Era vulg.

O bravo Chefe sabedor do perigo, que o esperava, se dispôz com o Rei de Cota para fazerem huma resistencia gentil, e mandou a Antonio da Silva, que passasse a Columbo; que a seu irmaõ D. Diogo communicasse os intentos do inimigo, e a hora, em que elle havia investir a Cota; que em ouvindo o estrondo da artilharia, marchasse com a sua gente a atacar o Raju pela retaguarda para o metter entre dois fogos. Antonio da Silva entrou em Columbo a tempo, que Jorge de Mello chegava de Manar com cem soldados. Ambos se uníraõ, e esperáraõ impacientes o signal do assalto para marcharem a ser participantes da gloria do formoso dia, que desejavaõ, e que vai a dar materia ao Capitulo seguinte.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Assalta o Raju a fortaleza de Cota, e he desbaratado. Continuaõ outros successos da India neste anno.

No quarto que os nossos antigos chamavaõ da modorra, em que o sono prende os sentidos com suavidade; o Raju suppondo os Portuguezes de Cota rendidos da fome, e das fadigas, investe a praça com certeza constante de a levar no primeiro repellaõ sem resistencia. Com os elefantes na vanguarda para arrombarem as trincheiras, Cota he investida por todos os lados; mas Raju encontra a opposiçaõ, que naõ espera. He verdade; que no horror do primeiro impulso; em que as sombras da noite faziaõ mais espantosas as lavaredas do fogo, o clamor das vozes, o estrondo das armas, os inimigos entráraõ por duas partes na praça; mas o Rei de Cota, e D. Pedro de Ataide correndo a hum

Era vulg.

dos postos, e ao outro o alentado Estevaõ Gonçalves, com façanhas de valor monstruoso, com effusaõ enorme de sangue, com mortes multiplicadas, elles os recobraõ, os barbaros se retiraõ.

Já a este tempo D. Diogo de Ataide, e Jorge de Mello, avisados pelas bocas de bronze, haviaõ chegado ao lugar assignalado, aonde deviaõ obrar a diversaõ, que lhes fora encarregada. Elles nada mais fizeraõ, que dar signal da sua vinda ao Raju com o incendio do seu acampamento, voltando accelerados para Columbo, que deixáraõ sem guarniçaõ, naõ succedesse ser preza de algum destacamento dos inimigos. O Raju repellido dos postos ganhados, empregou todo o impeto das tropas reunidas no baluarte Prexcota, aonde se encontrou com 50 Portuguezes intrepidos, que lhe fizeraõ em postas os pelotões avançados. Como os nossos Escritores na maior parte dos acontecimentos da India nos põem á vista milagres extraordinarios; agora dizem,

zem,

zem, que no maior ardor do conflicto asseguráraõ depois os barbaros, que elles víraõ raiar a Aurora na figura de huma Donzella formosissima, que ornada de hum manto azul muito dilatado, com elle cobria, e nelle reparava os golpes das balas, que atiravaõ contra os Portuguezes. Fosse o medo do seu esforço, ou o temor causado por aquelle auxilio soberano; o Raju, mortos dois mil soldados, levantou o sitio. Nós perdemos nelle hum homem, que naõ he pequena prova do milagre.

D. Pedro de Ataide, ainda que triunfante, receoso de que o Raju voltasse sobre Cota, mandou escolher entre os cadaveres 400 dos mais nutridos, como se fossem outros tantos vitulos pingues, e os mandou salgar para remedio contra a fome. O Guardiaõ dos Franciscanos Fr. Simaõ de Nazareth o metteo em escrupulos sobre o uso de huma vianda, que a nossa Lei Santa nos prohibe. D. Pedro lhe respondeo com o proverbio vulgar, de que a necessidade naõ tem

lei:

Era vulg. lei: mas desapparecendo dos contornos da praça as tropas do Raju, a prevençaõ ficou inutil, os escrupulos em socego.

O Viso-Rei D. Antaõ de Noronha meditou depois destes successos nas excessivas despezas, que a conservaçaõ de Cota fazia ao Estado, e com pareceres prudentes resolveo, que a sua fortaleza fosse desmantelada, e que quanto havia nella se transferisse para Columbo. Com varios navios partio Diogo de Mello a executar estas ordens, que foraõ intimadas ao Rei de Cota. Elle as executou com prontidaõ, que lhe foi fatal, naõ só por se lhe acrecentarem na residencia de Columbo muitos fuzis aos grilhões da sua escravidaõ; mas porque entrou a sustentar contra as demazias Portuguezas huma nova guerra muito mais intoleravel, que aquella que o Raju lhe fazia com as armas. Sim ordenára ElRei de Portugal, que elle fosse tratado com respeitos iguaes aos da sua mesma pessoa; sim lhe mandou assignar huma grossa renda, que

que nas commodidades lhe naõ deixasse sentir a perda do dominio; mas em alguns Portuguezes a excessiva arrogancia, em outros a extraordinaria cobiça lhe usurpáraõ ao mesmo tempo a renda, e os respeitos, indistinctamente offendidos o cabedal, e o decoro.

Era vulg.

Em quanto se passavaõ estas cousas, o Viso-Rei naõ estava em Goa ocioso, antes applicado aos negocios a que o chamavaõ as occurrencias de Damaõ, de Ormuz, e do Estreito do Mar Roxo, a todas as partes acudio com grande prontidaõ, ainda que lhe naõ correspondêraõ com igualdade os effeitos. Para soccorrer a Damaõ, que governava Joaõ de Sousa, e lhe constou estar ameaçada por huma invasaõ dos Mogores, mandou com quatro navios a D. Fernando de Alarcaõ, a D. Antonio de Castello-Branco, a Ayres de Saldanha, e a D. Diogo Pereira, que ferráraõ o porto a tempo, que com 200 homens chegava a elle Tristaõ de Mendoça, Governador de Chaul: chegada, que foi

Era vulg. foi bastante para os Mogores se pôrem em fugida, sem esperarem que os Portuguezes desembainhassem as armas. Para promover em Ormuz as idéas do seu Governador D. Pedro de Sousa, que justamente se deixou capacitar pelas representações do Baxá de Baçorá dos desejos, que tinha o Graõ Turco de fazer as pazes comnosco para ser participante dos interesses do nosso commercio naquelles mares; enviou por Embaixador á Corte Othomana a Antonio Teixeira, que entrou nella com apparato brilhante.

Ouvidos os seus officios bem animados com a individuaçaõ das negociações, que o Baxá de Baçorá acabára de fazer em Ormuz, o Graõ Senhor lhe respondeo: Que elle a nenhum Principe pedia pazes; que se ElRei de Portugal as desejava, mandasse tratallas por hum dos principaes Fidalgos da sua Corte. Com esta resposta, mais addicionada por escrito, veio Antonio Teixeira de Constantinopla a Lisboa; mas advertida a ar-

rogancia indiscreta, de que ella se ornava, a Corte a julgou digna de desprezo. Para tomar no Estreito as náos do Achem, que iaõ para Meca, mandou o Viso-Rei a D. Fernando de Monroy com dois galeões, e quatro galeotas, que nada conseguíraõ de vantagem, antes tivemos a perda da galeota de Pedro Lopes Rebello, que juntamente ardeo no combate com huma daquellas náos igualmente forte, e importante. Era vulg.

Em quanto aos negocios da Religiaõ, elles corriaõ com progressos differentes no Archipelago das Molucas, e nos Estados do Japaõ. O Commandante de huma Esquadra nossa mandada de Ternate a Amboino para amparar a Christandade perseguida, ou por elle ser hum covarde, ou por ir comprado pelo Rei Aeiro, deo causa a que a perseguiçaõ passasse a inexoravel. Entaõ mais ousados os Mouros de Ito, de Moluco, e de Java assoláraõ todos os lugares, que conservavaõ a voz de Portugal. Entaõ se choráraõ arrazadas Rocanive, Ative,

e

Era vulg. e Ulate, aonde o Senhor desta ultima povoaçaõ tolerou com constancia pasmosa os martyrios mais horriveis em obsequio da Fé Santa, que professava. Com igual firmeza padecêraõ em Amboino glorioso martyrio 600 moços pelo crime de esconderem, e naõ quererem descobrir huma Cruz para ser o alvo das irreverencias dos barbaros. Nesta perseguiçaõ fatal podemos dizer, que no vasto Archipelago foi arrancada pela raiz a nova vinha do Senhor plantada com tantos suores; porque os Missionarios temerosos se refugiáraõ na fortaleza de Ternate, deixando mais de setenta mil almas em preza á voracidade de tantos lobos famintos, que sem piedade as devoravaõ.

Com igual aureola, e naõ menos gloriosa contenda acabáraõ a vida em odio da Fé ás mãos do tyrano Achem vinte e quatro Portuguezes, se no nascimento humildes, illustres pelo martyrio. Servio-se aquelle Barbaro da desavença particular, que hum dos Portuguezes tivera com hum Turco.

Pren-

Prende a todos em despique, e lhes propõe a escolha, ou de abjurarem a Lei, que professavaõ, ou de soffrerem a morte, que lhes tem preparada. Todos a huma voz elegêraõ a segunda parte, sendo dezoito espetados, e os seis depois de arrancadas as unhas das mãos, e pés, depois de serem asseteados, para a morte ter entrada nos seus corações intrepidos foi necessario, que lhes cortassem as cabeças.

Era vulg.

Por este tempo estavaõ em Macáo alguns dos nossos Missionarios, que desejavaõ franquear a sua entrada na China para plantarem a arvore da Fé nos seus vastos terrenos, já valendo-se do meio das Embaixadas, que atégora naõ foraõ admittidas; já pelas diligencias do Jesuita Francisco Rodrigues, que este anno, tendo permissaõ de entrar em Cantaõ para conferir as suas pretenções com os Mandarins, estes lhe frustráraõ os seus Santos intentos, e sem nada conseguir, voltou para Macao. Opposto ao da China era o acolhimento, que

os

Era vulg. os Operarios Evangelicos encontravaõ no Japaõ, ainda que elles, e as suas novas creaturas regeneradas com o leite racional da doutrina Santa, sempre rodeados das perseguições da impiedade, que quanto mais se desboca na tyrania, tanto mais faz, que a Igreja produza os seus effeitos admiraveis, que saõ santificar os Fieis na tribulaçaõ.

Entre outros destes homens felizes, o memoravel, e illustre Christaõ chamado D. Antonio mereceo a indignaçaõ do barbaro Jacatá por causa da amigavel correspondencia, que conservava com o pio Bartholomeo, Rei de Omura, gemendo elle, e os Christãos moradores nos districtos da jurisdicçaõ de Jacatá, debaixo do duro ferro da perseguiçaõ do Tyrano. Ella dividio Firando em bandos; hum faccionario do Rei sacrilego, profanador das adoraveis Imagens, e das cousas Santas; o outro Sectario de D. Antonio, propugnador da Fé, e de quanto nos seus Dogmas tem o nome de Sagrado; divisaõ com tantas conse-

se-

sequencias, que o mesmo impio Jacatá para as impedir interpôz na Corte toda a sua authoridade. Entaõ se achava com algumas náos em Firando D. Joaõ Pereira, que menos sensivel aos interesses do commercio, que ás injurias da Religiaõ, para defraudar ao Rei barbaro na importancia dos direitos, ordenou a todas as náos Portuguezas o seguissem na viagem para o porto de Vocoxiura, que pertencia ao Catholico Rei Bartholomeo.

Era vulg.

Teve o Rei de Firando por huma injuria esta resoluçaõ de D. Joaõ Pereira, e exhalando chamas, marcha em huma armada de cincoenta vélas para lhe desvanecer como fumo a arrogancia, e reduzir a cinzas as suas náos no mesmo porto do Rei amigo. Em quanto a armada navegava, os Christãos de Firando derramavaõ preces na presença do Altissimo, para que o seu Rei illuminado pela graça, retrocedesse convertido, e se persistisse na obstinaçaõ contumaz, elle contra os Christãos naõ prevalecesse. Parece que esta oraçaõ foi ouvida; porque

Era vulg. que em partido taõ desigual, apenas o Rei entrou com a armada em Vocoxiura, os Portuguezes animados com forças superiores, no primeiro repellaõ lhe degolláraõ setenta homens, entre elles seis Principes seus parentes, hum sobrinho de D. Antonio, taõ desigual a seu tio nos sentimentos, e mais de 200 ficáraõ mortalmente feridos. Este primeiro golpe, que afiançava nos outros a ultima calamidade, encheo de tanto terror ao Rei, fraco nos combates, valente na crueldade, que se pôz em fugida sem acordo.

A toda a Gentilidade do Japaõ se fez sensivel este naõ esperado caso, como successo, que lhe derrotava a presumpçaõ, de que na Asia naõ havia gente mais valerosa, que a sua: como successo, que encheria de vaidade aos Christãos para ganharem a superioridade sobre o partido até entaõ dominante: como victoria, que daria a entender aos Portuguezes naõ serem os Japões homens, que lhes houvessem de fazer especie, e tratallos com desprezo: tudo idéas tris-

tes,

tes, que mettêraõ em furor ao Jacatá de Firando para perseguir inexoravel as recentes Christandades. Com pensamentos semelhantes quiz o Principe de Ximbará, que os seus vassallos Christãos assistissem á solemnidade do Idolo Tutelar. Mil e quinhentos conjurados a dar as vidas, se escusáraõ com resignaçaõ, e respostas cheias de heroicidade Catholica. O Principe lhes ordena, que ao menos em demonstraçaõ da obediencia de vassallos, lhe entregassem as Cruzes, e Imagens, que traziaõ ao peito. Elles tornaõ a responder com a mesma piedade em igual tom; e o Principe occupado de assombro superior, mandou se recolhessem em paz vassallos taõ dignos da vida pelo desprezo della em obsequio da Fé, que professavaõ.

Era vulg.

Na grande Corte de Meaco tiveraõ os negocios da Religiaõ iguaes progressos com consequencias semelhantes. O Padre Gaspar Villela naõ se poupava a trabalhos, a fadigas, resistia com coragem á opposiçaõ dos

Bon-

Era vulg. Bonzos para promover incançavel os augmentos no numero dos convertidos. Grandes lhe esperava elle, quando o valido do Rei Cubozama, de quem os Bonzos se valiaõ para o exterminar, recebeo as agúas saudaveis do Bautismo: quando nos cumprimentos do dia do anno novo o mesmo Missionario recebeo do Rei agrados naõ vulgares na arrogancia, e vaidade daquelles Soberanos: quando a Rainha Mãi o tratou com demonstrações de tanta benevolencia, que representavaõ na Magestade esquecimentos do Decóro, no sexo demasias de ternura: tudo para os Bonzos huma agonia mortal, que os obrigava a buscar-lhe o remedio a todo o custo. O ingrato Mixiondono, Rei de Cavachi, lhes poupou as industrias, que elles podiaõ metter em uso para lograrem os seus perversos designios. Este Principe favorecido do Soberano de Meaco entrou na testa de hum exercito pela sua Corte, e chegando ao Paço, aonde o Rei entendeo, que o respeito da sua pre-

sen-

sença refrearia o descomedimento do insulto, o Invasor consummou o projecto barbaro com a morte do Monarca infeliz, e de toda a Familia Real.

Era vulg.

Esta deshumanidade na idéa do Tyrano vinha concebida como proemio para a perseguiçaõ do Christianismo, que se lhe havia seguir. Pelo mesmo Secretario de Mixiondono foi avisado o Padre Villela, para que se retirasse de Meaco antes de rebentar a mina do furor; mas elle quiz ser testemunha do modo porque se lhe dava fogo. Soou o primeiro estampido na voz do pregaõ, que mandava deitar o Pontifice Summo do Japaõ, que chamaõ o Vó, em que ordenava o exterminio de todos os Missionarios com derogaçaõ dos privilegios antes concedidos. Entaõ foraõ os Templos materiaes despojados de todos os ornamentos, e os racionaes, e vivos tratados como escravos. Retirou-se para Sacay o Padre Villela, aonde cada dia o buscavaõ de muitas partes do Japaõ homens

Era vulg. sabios, Bonzos Mestres da Lei, tocados da maõ forte, que do centro do Gentilismo chamava os seus Eleitos para os por á face da impiedade, confundilla, abysmalla, com os designios Santos de brilhar mais a verdade á vista do seu contrario, ou porque ella naõ conseguisse diminuir no Japaõ o numero das vides fructiferas da vinha da Casa de Deos, que se devia encher com conformidade indeffectivel aos Decretos eternos até ao tempo predefenido, e taõ lamentavel como hoje choraõ os olhos dos que sabem o estado triste a que estaõ reduzidas as florecentes Christandades do Japaõ, depois que nelle entráraõ as doutrinas impias de Luthero, e Calvino.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VII.

Escreve-se o casamento da Senhora D. Maria, filha do Infante D. Duarte, com Alexandre Farnese, Duque de Parma.

Entre os filhos do grande Rei D. Manoel foi hum o Infante D. Duarte, sexto na ordem do nascimento, que casou em 1536 com D. Isabel, filha de seu primo irmaõ o Duque de Bragança D. Jayme, e de sua primeira mulher D. Leonor de Mendoça, filha de D. Joaõ de Gusmaõ, III. Duque de Medina Sidonia. Levou o Infante em dote com sua mulher o Ducado de Guimarães, que entaõ se desmembrou da Casa de Bragança, e deste consorcio feliz nascêraõ a Senhora D. Maria, que vai a ser o assumpto deste Capitulo: a Senhora D. Catharina, que casando com D. Joaõ I., VI. Duque de Bragança seu primo, levou á sua Real Casa o direito ao Reino de Portugal pela perda delRei D. Sebas-

Era vulg. tiaõ: ao Senhor D. Duarte, que nasceo posthumo em Almeirim no anno de 1541; que foi Duque de Guimarães, Condestavel do Reino, e que morreo solteiro em Evora a 6 de Outubro de 1575: morte immatura, que se a Providencia para os seus altos designios naõ a houvera decretado, a sua vida escusaria a Portugal as calamidades, que poucos annos depois se lhe seguiraõ.

Neste que nós estamos tratando de 1565, a Archiduqueza D. Margarida de Austria, que com acertos admiraveis governava por Castella as Provincias de Flandres, escreveo a seu irmaõ o Rei Filippe II. para que na Corte de Lisboa tratasse para seu filho o Duque Alexandre Farnese, depois Heroe naõ sei se mais illustre pelas façanhas proprias, se por ter a felicidade de encontrar a penna de hum Famiano Estrada, que as désse a conhecer ao mundo; o casamento com a Senhora D. Maria, filha primeira do Infante D. Duarte: Princeza, que álem do augusto nascimento, a subli-

mi-

midade das virtudes a fazia digna de occupar os Thronos mais altos do Universo. Pronto, e gostoso condescendeo ElRei Filippe com os rogos de sua irmã, e ajustadas as condições do contrato a 14 de Março, assignáraõ as Escrituras por parte do Principe de Parma Juliaõ Ardinguello, Fidalgo Florentino, Commendador da Ordem de Malta, e pela da Princeza D. Theotonio de Bragança seu tio, que depois foi Arcebispo de Evora. Para dar aos nossos Principes as demonstrações da sua complacencia, e assistir em seu nome aos Desposorios da Princeza, mandou o Rei de Castella por seu Embaixador Extraordinario á Corte de Lisboa a D. Affonso de Tovar, que poucos annos antes residira nella com o mesmo caracter.

Era vulg.

Com assistencia delRei D. Sebastiaõ, da Rainha D. Catharina, do Cardeal Infante, do Senhor D. Duarte, irmaõ da noiva, dos Duques de Bragança, e Aveiro, e de toda a Grandeza se celebrou na Capella Real

Era vulg. o acto do recebimento dos Principes contrahentes na presença do Capellaõ Mór D. Juliaõ de Alva revestido de Pontifical: acto, em que ao mesmo tempo brilhavaõ a pompa, a magnificencia, o gosto, o prazer, a piedade, os cultos da Religiaõ. Para fazer mais plausivel a tarde de taõ formoso dia, ElRei rompeo hum baile vistoso, dançando com a Princeza: logo seu irmaõ D. Duarte com D. Catharina Deça, Dama da Rainha D. Catharina, sendo digno de reparo, que hum Escritor taõ severo como o Abbade de Sever Diogo Barbosa Machado, por naõ perder a elegancia do conceito, diga, que o Senhor D. Duarte dançára com D. Catharina Deça, antepondo os jubilos do dia á gravidade dos annos: quando elle apenas contava vinte e quatro, como nascido em 1541. Depois continuáraõ, e concluíraõ a plausibilidade do festejo os Fidalgos, e Damas da Corte.

Em quanto naõ chegava de Flandres a armada, que havia conduzir a Prin-

Princeza, a nossa Corte se apurava nos obsequios dos Augustos Consortes, já em banquetes magestosos, já em jogos, festas, e demonstrações brilhantes de prazer, em que sempre competia a profusaõ, e o bom gosto. Chegou a armada composta de sete náos de alto bordo, de tres fragatas, e de trinta navios ligeiros, commandada pelo bravo Conde de Mansfelt Pedro Ernesto, que vinha acompanhado de sua mulher Maria de Memoranci, e de seu filho o Conde Carlos. Ella entrou pelo Téjo seguida do furioso estrondo de muitas salvas de artilharia, que com o seu fumo escondêraõ por muitas horas nos pavilhões de todos os navios a uniaõ das Armas Reaes de Portugal com as de Castella, de Parma, de Borgonha, e de Austria. A grande quantidade de Nobreza illustre, que nella vinha embarcada, saltou em terra com o seu General, sendo de bordo conduzida por D. Constantino de Bragança, tio da Princeza, por seu irmaõ o Senhor D. Duarte, pelo Embaixador de

Cas-

Era vulg. Castella, e pelos mais Fidalgos, que tinhaõ recebido as mesmas ordens delRei.

Tratados os Fidalgos, e Damas estrangeiras pelos nossos Principes com grandeza extraordinaria, que parecia perder a qualidade, que tinha de rara por ser muitas vezes repetida; a Princeza para se embarcar sahio do Paço acompanhada delRei, do Cardeal Infante, de toda a Grandeza até á Capitania, que soltando as vélas, cortou o Téjo com a Regia comitiva para a pôr em terra na praia fronteira ao Mosteiro de Belém, aonde no centro della marchou a Princeza a fazer Oraçaõ no Santuario, que lhe havia despertar a memoria do seu Fundador, e Avô o Magnifico Rei D. Manoel. Aqui entre abraços de ternura, e lagrimas de saudade, que naõ offendiaõ a inteireza, o decoro da Soberania, a Princeza se despedio dos seus Augustos Parentes, e havendo antes marchado a Bruxellas hum Paquete com o aviso da sua partida, ella na armada seguio o mesmo rumo.

Tra-

Era vulg.

Trabalhosa foi a sua viagem no mez de Setembro, em que os ventos sopráraõ na Costa de Portugal taõ furiosos, que entre perigos continuados, depois do naufragio de huma das náos, a armada foi obrigada a arribar a hum dos portos de Inglaterra. Em toda a jornada havia a Princeza exercitado muitos actos da sua heroica piedade: agora deo as provas mais constantes da delicadeza da sua Religiaõ. Foi-lhe representado, que estando em hum porto de Inglaterra, pedia a politica, que mandasse comprimentar a Rainha Isabel, como Senhora daquelles Estados. Respondeo a Princeza, que a Rainha era a fautora das heresias, o escudo dos herèges, e que ella naõ queria trato com huma Soberana inimiga declarada da Igreja Catholica. Quando se tratou se havia saltar em terra no mesmo porto para descançar dos trabalhos do mar, e alguns o impugnáraõ com o justo fundamento de naõ ser decente expôr a Princeza a algum dos desacatos impios, que costumavaõ fazer os he-

Era vulg. hereges sem excepçaõ de pessoas : Ella tornou a responder com a mesma magnanimidade Christã ; que naõ lhe succederia assim , por se reconhecer indigna da corôa do martyrio , nem era taõ feliz , que houvesse de chegar ao instante ditoso de sacrificar a vida em obsequio da Fé.

A 2 de Novembro desembarcou a Princeza no porto de Flessing na Ilha de Zelanda , aonde descançou sete dias. O Principe seu Esposo veio com huma numerosa comitiva *incognito* a Sas de Gante , e occulto a vio desembarcar de huma janella. Daqui a foi comprimentar ao Palacio da sua hospedagem acompanhado do Principe de Orange , do Marquez de Berghes , do Conde de Egmont , e de outros grandes Fidalgos , que com razaõ se admiráraõ de perceber na Princeza os affectos da alma , de a ouvirem nas ternuras da lingua Hespanhola unir as expressões do amor com as do decóro , sem que os olhos em tranquillidade jámais se levantassem para terem ao Principe por alvo da sua vista.

ta. A 10 de Novembro partio para Bruxellas, aonde foi recebida com pompa taõ magnifica, que eu a diminuiria se intentasse descrevella. Recebidas as bençãos nupciaes da maõ do Arcebispo de Cambray Maximiliano de Berges, se seguíraõ os festejos particulares, e publicos, que por muitos dias foraõ o entretenimento das gentes de bom gosto das Provincias de Flandres.

Dos primeiros festejos era lugar o vasto recinto do Palacio de Bruxellas, aquella fabrica, entre as da Europa, huma das mais soberbas, que ao mesmo tempo aquartelou dentro em si ao Imperador Carlos V., a seu filho o Principe de Hespanha, ao Duque de Saboya, as Rainhas D. Maria, e D. Leonor, a Duqueza de Lorena com as numerosas, e correspondentes familias occupadas no serviço de taõ grandes Magestades. Nelle se preparáraõ as mezas brilhantes de Estado, que por muitas vezes se viraõ rodeadas de Principes Soberanos, de Fidalgos luminosos, que

au-

Era vulg. authorisavaõ a solemnidade. Nellas se competiaõ a profusaõ, a delicadeza, o bom gosto, as apparencias, as illuminações, os concertos, que a hum tempo lisongeavaõ tres sentidos. Nelle se exercitavaõ os bailes, os varios generos de danças, se ouviaõ as musicas mais harmoniosas, judiciosos apopthegmas, recitações, epithalamios, que subiaõ dos sentidos a recrear potencias mais nobres. A estes particulares correspondiaõ os festejos publicos nos Templos, nas Praças, e nas ruas com igual pompa, tudo magnifico, e brilhante.

Na vespera, e dia do Apostolo Santo André, Tutelar, e Padroeiro da Ordem Militar do Tusaõ, que havia 134 annos fôra instituida em obsequio da nossa Infante D. Isabel, filha do grande Rei D. Joaõ I., por seu marido Filippe III., Conde de Flandres, nestes mesmos paizes: os Cavalleiros, que agora se achavaõ presentes em huma occasiaõ semelhante á primeira, escolhêraõ a vespera, e dia do memoravel anniversario para

ra consummarem os festejos com huma solemne acçaõ de graças em memoria dos felizes dias presente, e passado. Na Capella Real se ajuntáraõ todos os membros da Ordem, assistentes entaõ em Bruxellas, que eraõ o Duque Octavio Farnese, pai do Principe Alexandre; o Conde de Egmont, Governador de Flandres, e Artois; o Conde de Mansfelt, Governador de Luxemburgo; o Conde de Aremberg, Governador da Frizia; Filippe de Croy, Duque de Arescot; o Senhor de Barlemont, Governador de Gueldres; o Almirante Conde de Horn; o Marquez de Berghes, Governador de Henau; o Principe de Orange, Governador de Holanda; o Conde da Frisia Oriental, Governador de Limburgo; o Senhor de Montigni, Governador de Tournay; os Condes de Ligni, e de Hocstrat. Era vulg.

Havendo estes grandes Senhores tomado os seus assentos sem precedencias, como dispõem os Estatutos

da

Era vulg.

da Ordem para evitar disputas entre os Altos Principes, que nella se alistaõ; dado lugar distincto ao nosso Bispo de Angra D. Manoel de Almada, e aos mais Fidalgos Portuguezes, que haviaõ acompanhado a Princeza; o Abbade de Filighen entoou as Vesperas, que foraõ officiadas por hum grande numero de Ministros, por muitas vozes sonoras, e concordes instrumentos. No dia seguinte os mesmos Cavalleiros em habito de ceremonia vieraõ ao Paço, e postos em duas alas, conduziraõ as Princezas, e as Damas á Capella para assistirem ao Sacrificio da Missa, que foi celebrado com pompa, que em tudo respirava piedade, e magnificencia. Depois as reconduzíraõ ao Paço na mesma ordem, e com este culto de Religiaõ se houveraõ por acabadas as festas do casamento do Heroe Augusto o Grande Principe Alexandre Farnese com a Augusta Princeza D. Maria de Portugal: Progenitores luminosos da

pos-

posteridade brilhante, que hoje enche de luzes os Thronos mais levantados, mais resplandecentes da Europa.

Era vulg.

LIVRO LVI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Referem-se os successos de Africa, e da India no anno de 1566.

Era vulg. 1566

Eu deixei a Lourenço Pires de Tavora, depois de hum anno de residencia em Tangere, já desterrado o susto do sitio, que se temia nesta praça; pedindo licença a ElRei em Setembro do anno passado para se recolher á Corte, ElRei naõ lhe deferindo, antes ordenando se demorasse em Africa, aonde a sua presença era necessaria até ao futuro mez de Março de 1566. Ainda que com obediencia forçada, Lourenço Pires executou como devia as ordens do Soberano, e ella foi causa de vol-

 tar

tar ao Reino coroado de hum novo triunfo, que tambem deo novo, e mais claro relevo á gloria dos passados, como nós já vamos a referir.

Era vulg.

Padecia a praça de Tangere taõ extremosa falta de lenha, que para escoltar alguns carros della, foi necessario a Lourenço Pires de Tavora sahir a campo nos primeiros dias de Fevereiro; dobrar as Atalaias na serra de S. Joaõ, e ter tudo em estado de fazer huma opposiçaõ vigorosa aos filhos do Alcaide Bentuda, que com grosso poder havia onze dias esperavaõ por esta sahida dos Portuguezes, que lhes havia sido communicada. Corria a nossa gente pela campanha de Magoga, que corresponde, ou faz frente á de Tangere o Velho, quando Lourenço Pires com 40 homens occupava a Atalaia do Palmar esperando, que ella se recolhesse para impedir aos Mouros a entrada no Vallo Real, que está no Rio dos Indios. Para guarnecer a serra, foi subindo os Lumares, e entrou pelo por-

Era vulg. tal do Vallo; mas já seguido dos Mouros, que buscavaõ as mesmas vantagens do terreno em numero tantas vezes superiores, que lhes dava certezas da victoria.

Como o valor nos apertos he o melhor interprete dos casos, ou o inventor das resoluções, Lourenço Pires notando o em que estava mettido, para obrar com honra, que fosse producçaõ da sua magnanimidade: deixando naquelle lugar a bandeira Real entregue a seu filho Christovaõ de Tavora, torceo a marcha para se incorporar com o Adail Sebastiaõ Gonçalves Pita, que vinha do Rio dos Indios, e com 50 soldados, que lhe cobriaõ a retaguarda, para mais reforçado dar sobre os Mouros, antes que avançassem mais a marcha. Elles, que entendêraõ a manobra, fizeraõ alto; mas logo foraõ investidos, e como estavaõ muito serrados, em disputado conflicto, obrando os Portuguezes temeridades de valor, naõ lhes era possivel rompellos. Lourenço Pires de Tavora na frente da sua tropa se con-

du-

duzia taõ intrepido, que para olhos differentes era alvo de inveja, ou indifferente, ou commua. O generoso Adail na testa dos 40 cavallos, que elle mandava, parecia hum raio animado, que pelas suas mãos fulminou a trinta Mouros, felizes em acabar aos fios da espada de taõ alentado homem, merecedor do maior applauso.

Era vulg.

Neste ardor estava o combate: largo tempo disputavaõ os barbaros a victoria, quando corrêraõ do seu posto ao campo do conflicto com a bandeira Real Christovaõ de Tavora, Alvaro Pires de Tavora, Francisco de Tavora, D. Francisco de Moura, e os bravos Fronteiros de Tangere, que achando aos Mouros já bem cortados pelas armas do General, e do seu Adail, foi-lhes facil rompellos, multiplicar-lhes as mortes em grande numero, obrigallos a largarem o campo. Nesta primeira retirada se mostráraõ elles fugitivos tanto sem acordo, que passando por muitos dos nossos carros carregados do soccorro mais

Era vulg.

importante para a praça, nem nelles tocáraõ, nem fizeraõ as suas escoltas o menor dano. O Adail correo a tomar a boca do Vallo, por onde os Mouros haviaõ sahir, e aqui a necessidade, ou a desesperaçaõ atiçou com maior furor a briga. Sim morrêraõ muitos dos inimigos, outros sem consideraçaõ se arrojavaõ do alto das trincheiras; mas dos seus tiros de arremeço, com que pretendiaõ abrir o passo, nos matáraõ nove homens, e feríraõ alguns.

Entre os mortos sentimos a falta de D. Diogo de Avelanada, de Antonio Jaques, de Antonio de Mello de Tavira, de Manoel de Mello, de Fernaõ de Lima, e de outros bizarros Cavalleiros. Contáraõ-se entre os feridos D. Diogo de Castello Branco, e D. Gil Eanes. Estes dois Fidalgos, Nuno Furtado, D. Rodrigo de Mello, D. Francisco de Moura, Gonçalo Mendes de Brito, D. Joaõ de Azevedo, Gonçalo Pereira, e outros obráraõ acções, que se eraõ illustres por animadas pelas obrigações dos seus

nas-

nascimentos, elles as fizeraõ muito mais sublimes pelas haver espiritualisado a virtude propria. Com este successo igualmente elegante, e magnanimo coroou Lourenço Pires de Tavora felizmente o tempo do seu governo em Tangere, encheo as medidas da expectaçaõ do seu Soberano, e recolhido a Lisboa, teve a D. Joaõ de Menezes por successor no emprego.

Era vulg.

Pelo mesmo tempo naõ tinha ociosas as armas o Viso-Rei da India D. Antaõ de Noronha, que havendo reforçado, e guarnecido a Ilha de Ceilaõ de homens, e de provimentos depois do sitio, que o Raju puzera ás nossas praças: no principio deste anno preparou huma armada de cinco galeões grossos, e seis galeotas para ir dar caça ás náos de Meca no Estreito do mar Roxo. O seu commandamento encarregou elle a seu cunhado D. Diogo Pereira, que levava ás suas ordens por cabos dos galeões a Nuno Alvares Pereira, a Gonçalo Pereira de Castro, a Joaõ da Silva Pereira,

a

Era vulg. a Manoel Freire de Andrade, e por Capitães das galeotas a Braz Tavares, a Diogo Nunes Pedroso, a Manoel de Medeiros, a Alvaro Fernandes, e outros, que ignoramos quem fossem. Com infelicidade principiou, e concluio esta armada a sua navegaçaõ. As náos de Meca escoltadas por nove galés do Achem, que a avistáraõ de huma das Ilhas de Maldiva, aonde estavaõ surtas, com hum bello estratagema evitáraõ a sua ruina. Como nos mesmos mares cruzava Gonçalo Pereira com outra esquadra, os Mouros esperáraõ a noite, em que entráraõ a fazer hum fogo de combate, para que ouvido pelos dois Commandantes Portuguezes, Gonçalo Pereira entendesse, que Diogo Pereira se batia; Diogo Pereira, que Gonçalo Pereira era atacado, e entretendo-se cada hum em soccorrer o outro, perdendo o tempo em buscar-se no lugar do imaginado conflicto; elles tivessem lugar de avançar-se para entrarem no Estreito sem susto.

Como os barbaros o pensáraõ assim lhes aconteceo, pondo-se em cobro,

bro, quando os nossos Commandantes, em busca hum do outro para se soccorrerem, andáraõ dias como errantes pelos canaes do vasto Archipelago das Maldivas. Diogo Pereira conhecendo já a industria com que os Mouros derrotáraõ a sua vigilancia, lhes foi nos alcances até á Ilha de Çocotora a tempo, que huma das suas náos dando nella á costa, acabava de se fazer em pedaços, salvando-se em terra 500 Mouros, e Turcos. Porque o Governador da Ilha a requerimentos repetidos de Diogo Pereira para os entregar, naõ lhe deferio, e com elles se embrenhou nos bosques; o Chefe irritado mandou dar fogo á Ilha, escalou os povos, naõ perdoou a sexo, ou idade, carregou a armada dos generos preciosos, de que era abundante a mesma Ilha, mas voltando para Goa, na altura da ponta de Dio huma tormenta furiosa vingou as atrocidades acabadas de commetter em Çocotora com o naufragio da maior parte da armada, e com o estrago de 400 mortos dos que tinhaõ sido

Era vulg.

Era vulg. do verdugos de tantas innocentes vidas.

Quando em Goa se sentia esta perda, na Ilha de Ceilaõ mostrava a fortuna, que ella nem sempre desampara constante aos desvalidos. Sobre o infeliz Rei de Cota derramou *ella* agora huma das respirações, que lhe dilatáraõ os apertos do animo para poder esperar, que elle sacudiria o jugo, que o opprimia. Menos que o esforço bizarro da superstiçaõ gentilica, deo causa a esta esperança à adulaçaõ fastosa dos Astrologos do Reino de Pegu no horoscopo, que na occasiaõ do nascimento levantáraõ ao seu Principe agora reinante. Elles persuadíraõ entaõ á Corte, que as vantagens futuras do recem-nascido, todas dependiaõ delle contrahir alliança depois de homem com huma filha do Rei de Ceilaõ: denominaçaõ, que entre todos os Reis da Ilha, sempre se arrogou o de Cota, que neste tempo representava bem ao vivo o papel de hum escravo dos Portuguezes.

O Principe de Pegu, que sucava com

com o leite quando minino, e foi nutrido depois de homem com a instrucçaõ das falsidades astrologicas, que lhe representavaõ profecias, de que elle era o objecto: considerando-se já Rei, e que devia trabalhar o ponto das suas felicidades promettidas fazendo verificar as condiçõesvaticinadas; firme sobre fundamentos taõ debeis, elle naõ duvidou mandar os seus Embaixadores a D. Joaõ, Rei de Cota, pedindo-lhe para mulher huma de suas filhas. Nada de mais vantajoso podia sobrevir a este Monarca infeliz, que a alliança proposta pelo Rei de Pegu, que era reconhecido por hum dos mais poderosos do Oriente, fosse pela vasta extensaõ dos seus Estados; fosse pela multidaõ monstruosa das suas riquezas; fosse pelo estrondo elegante das suas victorias, especialmente as que acabava de ganhar sobre o Rei formidavel de Siaõ na celebre disputa de qual dos dois havia ser senhor do Elefante branco, que este ultimo possuia. Mas o miseravel Rei de Cota de tudo era

Era vulg.

taõ

Era vulg. taõ pobre, que nem de huma filha o fizera rico a natureza. A conjunctura naõ se podia perder. Elle naõ havia malograr a ventura, que lhe entrava por casa. O requerimento de hum Soberano como o de Pegu, naõ podia deixar de ter por despacho hum como pede. Pois em lance tal discorre o Rei de Cota gerar com a industria a filha, que naõ fizera conceber como pai.

Elle transfigura filha, e Princeza huma das mininas mais bellas do seu Camareiro Mór, homem de fé provada, de segredo inviolavel, capaz de esconder na illusaõ o sacramento do seu Rei. Este, para fazer mais agradavel o presente, o acompanha com outro engano, que foi a supposiçaõ de hum dente de Bugio, semelhante ao outro, que o Viso-Rei D. Constantino tomára no thesouro de Jafanapataõ, e fizera em pó; assegurando ser o mesmo, que elle Rei de Pegu quizera resgatar a troco de todas as suas riquezas. Com satisfaçaõ extraordinaria, com gosto inexplicavel

vel do Monarca foraõ recebidos em Pegu a Esposa, e o Dente; mas o ciume ia sendo causa de desfalecerem na superstiçaõ os cultos dedicados ao Dente, de esmaiarem no Rei as ternuras empregadas na Esposa. Chegou á noticia do Rei de Candea a simulaçaõ reprehensivel, com que o de Cota, seu antigo opposto, enganára a hum Principe de taõ alto caracter, como era o Soberano de Pegu. Elle manda logo á sua Corte huma Embaixada, em que lhe descobre com provas evidentes a supposiçaõ da Esposa, o fingimento do Dente; offerecendo-lhe para as adorações outro Dente verdadeiro, para o thalamo huma legitima filha sua.

Era vulg.

Por algum tempo fluctuou com a nova noticia, e novo estratagema o Rei de Pegu rodeado de perplexidades. Mas seja por elle considerar esgotada grande parte da riqueza dos seus povos nos apparatos de magnificencia, com que elles recebêraõ a imaginada Princeza, e o mentiroso Dente, seja por haver entregue á Es-

posa

Era vulg. posa nos laços do amor a liberdade do coração, seja por considerar menos honroso fazer publico o seu engano; resoluto a permanecer nelle, continuou sem mudança os agrados para com a Rainha, para com o Dente as venerações. Elle despedio os Embaixadores do Rei de Candea, sem fazer caso algum das suas representações, e bons officios; mas o de Cota da especiosidade, e delicadeza da sua negociação fraudulenta nada tirou de vantajoso, como imaginava. Elle viveo, e morreo sem recurso debaixo da escravidão dos Portuguezes.

Sentio o Estado da India neste tempo grande diminuição nos interesses do seu commercio, causada pela derrota do Rei de Bisnagá, e pela desmembração dos seus Estados, que entre si dividíraõ Principes pouco affeiçoados aos Portuguezes. Insoportavel se fazia aos visinhos o poder desmarcado daquelle Soberano, que era Senhor de todos os Reinos situados de Bengala até ao Cinde: poder tão grande, acompanhado de tal monstruosida-

dade de riquezas, que todos os Monarcas confinantes, naõ só consideravaõ inclinados; mas cahidos os seus diademas aos primeiros sopros da colera do Rei de Bisnagá. Este justo receio obrigou os Reis mais fortes do Decaõ a interpôr o reparo, antes que se descarregasse o golpe. Entre outros se conjuráraõ contra elle o Nizamaluco, o Hidalcaõ, e o Cutubixá; apertando antes os vinculos da alliança com os laços do parentesco em mutuos casamentos.

Era vulg.

Com as forças formidaveis de 50000 cavallos, e 300000 Infantes entráraõ os Principes conjurados a fogo, e sangue pelos Dominios do Rei de Bisnagá. A poucos passos o encontráraõ elles na testa, de poder dobrado, qual era, como affirmaõ, o numero de 600000 Infantes, e de 100000 cavallos. Naõ se assustáraõ os tres Reis com a vista do seu inimigo tanto para temer, ou elles o considerassem rodeado do poder presente, ou fizessem lembrança das suas victorias passadas. Sem outra reflexaõ,

Era vulg. xaõ, que a de entregarem a hum lanço da sorte, ou a segurança dos Dominios, ou a sua ruina, com a das pessoas, elles investíraõ a desigual batalha. O Rei de Bisnagá, na idade de 96 annos, montado em hum soberbo cavallo, logo no principio da acçaõ atacou os seus contrarios com impeto taõ generoso, que teve declarada a seu favor a victoria. Sobreveio porem hum daquelles, que na guerra chamaõ acasos, e de tal sorte mudou a scena, que o Rei de *Bisnagá* perdeo a batalha, a liberdade, e logo ás mesmas mãos do Nizamaluco a cabeça, naõ combatendo como soldado intrepido; mas exercitando o officio de verdugo barbaro. O valor dos despojos, que occupava muitos numeros da Arithmetica, a extensaõ dos Estados do Rei defunto, que formava hum Imperio potentissimo, tudo ficou em preza a muitos sobrinhos seus, que quando principiavaõ a ser individualmente felizes, subíraõ á maior desgraça a reputaçaõ commua do Reino de Bisnaga.

CA-

CAPITULO II.

Trataõ-se os negocios da Religiaõ na India pelo mesmo tempo.

Sempre implacavel o odio do Rei de Ternate contra os Christãos de Amboyno, elles perseguidos tiveraõ por ultimo refugio mandar por hum dos Missionarios Jesuita, e por dois Cavalheiros da sua profissaõ naturaes da terra pedir o amparo, e protecçaõ do Viso-Rei da India. Propôz este em conselho o que se devia obrar em materia de tanta importancia, e ficou resoluto, que se haviaõ promover os negocios da Fé, como os mais gloriosos á reputaçaõ do Estado; que na conservaçaõ de Amboino se empenhassem as suas forças, naõ podendo subsistir as Molucas se Amboyno se perdesse. Para expediçaõ taõ importante lembrou Gonçalo Pereira Marramaque igualmente recommendavel pelo valor, pelas experiencias, pelos serviços, pela qualidade. O Viso-Rei lhe-

Era vulg. lhe entregou para ella huma armada de quatro galeões, e oito galeotas, em que embarcárão mil Portuguezes ás suas ordens, e ás dos Capitães D. Duarte de Menezes de Vasconcellos, Simaõ de Mello, Francisco de Mello, Lourenço Furtado, Mem Dornellas de Vasconcellos, Antonio Lopes de Siqueira, Sebastiaõ Machado, Gomes de Brito, e Manoel de Brito.

Gonçalo Pereira sahindo de Goa no fim de Abril deste anno, e chegando a Malaca com feliz viagem, depois por esperar melhor monçaõ, ou por lhe ser gostosa a companhia de seu cunhado D. Diogo de Menezes, que era Governador da Cidade, nella se demorou até Agosto do anno futuro, em que continuou a viagem para o lugar do seu destino, sem nada executar, nem do que levava em regimento, nem do que elle emprendeo pelo proprio arbitrio em dano grave dos progressos da Religiaõ, como em seu lugar se dirá. Na retaguarda deste Chefe despedio o Viso-Rei a Diogo Lopes de Mesquita para Gover-

vernador de Ternate, e Moluco em lugar de Alvaro de Mendoça. Elle levava hum galeaõ, e duas galeotas bem providos de munições de guerra, e boca para Amboino, para Ternate, e para a armada de Gonçalo Pereira; mas as galeotas arribáraõ a Goa.

Era vulg.

Ao contrario do que se passava nas Molucas, a semente da palavra Divina multiplicava felizmente nas Ilhas do Japaõ, parecendo neste anno, que o grande Pai de Familias queria encher nelle os seus celleiros com abundancia. Principiou a fertilidade pelas Ilhas Occidentaes de Gotó, aonde reinava hum Principe, ainda que engolfado nas trevas do Paganismo, com a luz da razaõ taõ viva, que desejava fosse ella a principal illuminadora do seu espirito. Alta impressaõ lhe fez o ruido da nova doutrina, que homens da Europa ensinavaõ no Japaõ; e desejoso de a ouvir pedio ao Padre Cosme de Torres, residente em Ximo, lhe enviasse alguns dos seus companheiros, que

Era vulg. na sua presença, e na dos Bonzos expozessem os Elementos, as Maximas, os Dogmas da Religiaõ, que elle ensinava. Foraõ destinados para esta empreza os Irmãos Luiz de Almeida, e Lourenço de naçaõ Japonez, bem instruido na Lei do Paiz, sabio *illustrado* na de Jesu Christo.

Este bom Irmaõ na face do Rei, no grande theatro da Corte de Ochica, tres horas successivas, que se incluiraõ na chamada huma só *hora*, em que o Espirito de *Deos põe na* boca dos Orgãos da verdade as palavras, que haõ de fallar: elle mostrou com tal pezo de razaõ a real existencia do primeiro Ente, que o Rei, e toda a Assembléa naõ duvidáraõ confessar, que havia hum só Deos verdadeiro, Senhor do Universo, Creador de tudo. Succedeo nessa noite adoecer o Rei gravemente, chegar depois ao artigo da morte, e deste acontecimento natural se valeo a malicia dos Bonzos para atemorisar a Corte com o castigo visivel dos Deoses aggravados na amavel pessoa do Rei,

Rei, que chamára os homens fanaticos para divertirem as gentes do antigo culto com doutrinas exquisitas forjadas no cerebro. Já choviaõ desprezos, e irrisões sobre os Irmãos Jesuitas, que queriaõ arrojar da Corte como homens empestados os seus implacaveis inimigos. Mas Luiz de Almeida cheio da Fé, que he capaz de mudar os montes, elle se offerece a curar o Rei em pouco tempo: he admittido na sua Camara, e porque naõ pareça, que faz hum milagre, lhe receita humas pirolas.

Era vulg.

Acabar o Rei quasi agonizante de as levar, e sentir a saude restituida foraõ duas acções sem intervallo. O beneficio estava desafiando a gratidaõ; mas as persuasões dos Bonzos com o Rei foraõ mais poderosas, que ella. Consentíraõ-se as praticas dos Missionarios, que clamavaõ no deserto. Fosse medo, ou ordem, elles se achavaõ sós á doutrina, que apenas era ouvida dos que passavaõ sem se deterem. A Providencia porem, que determinava illudir as invectivas dos homens,

 or-

Era vulg. ordenou a conversaõ de dois mercadores sabios, e poderosos de Fatacá, que se achavaõ em Ochica, e começáraõ a mover-se os seus moradores. Immediatamente dispôz, que as Rainhas mãi, e esposa delRei adoecessem com maior perigo, que *elle*. Como Medico foi chamado o Irmaõ Luiz de Almeida, que as curou com os remedios costumados a applicar pelos Apostolos aos enfermos. Cresceo o applauso, e a commoçaõ. O Rei medroso dos vassallos *sim permaneceo* constante no erro em realidade, ou apparencia: mas permittio se levantassem Igrejas nos seus Estados; concedeo plena liberdade aos Povos, e derramando a graça as inundações dos seus auxilios, gentes innumeraveis, e os espiritos mais extollentes das Ilhas, e Corte de Gotó se submettêraõ ao jugo suave do Evangelho, convencidos pela ignorancia da Cruz.

Em Ximo era a colheita taõ copiosa, que o Padre Cosme de Torres teve de chamar ao grande Opera-

rario o Padre Gaspar Villela, ainda retirado em Sacay, para o ajudar no trabalho. Este soccorro, vindo de refresco, obrou com tal actividade, que ao pôr os pés em Xiximi, lugar de Firando, de hum golpe metteo 600 ovelhas no aprisco da Igreja. Igualmente pasmosos eraõ os effeitos da graça em grande quantidade de homens illustres, e plebeos, sabios, e ignorantes; que para Deos naõ ha excepçaõ de pessoas; os quaes como cervos sequiosos buscavaõ as aguas saudaveis das fontes do Salvador na grande Corte de Meaco, em Sacay, em Tubo, em Imori, e em todos os mais lugares, aonde era ouvida como trombeta, semelhante á de Noemenia nas solemnidades, a voz do incançavel Padre Luiz de Froes, digno substituto do Padre Villela. He verdade, que estas vantagens conseguidas no Japaõ tiveraõ hum pequeno contrapezo na perseguiçaõ, que os Gentios da terra firme de Salcete junto a Goa, moveraõ contra os Christãos de poucos annos convertidos. Mas

Era vulg.

co-

Era vulg. como o remedio estava perto, naõ lho demorou o catholico zelo do Viso-Rei D. Antaõ de Noronha, que aterrando os barbaros, naõ lhes consentindo reparar os Pagodes arruinados, nem levantar algum de novo, os que se naõ resolvêraõ a moderar nos excessos, tiveraõ de mudar de domicilio em castigo da contumacia.

CAPITULO III.

He eleito Pontifice S. Pio V. em lugar de Pio IV. Nomea-se ao Veneravel Fr. Luiz de Montoya para Confessor delRei. Succede-lhe o Padre Luiz Gonçalves da Camara. Parecer sobre esta materia do seu Ayo D. Aleixo de Menezes.

No fim do anno passado sentio a Congregaçaõ dos Fieis a perda da sua Cabeça visivel o Papa Pio IV., e querendo o zelo inimitavel delRei D. Sebastiaõ, que este grande Chefe da Igreja tivesse hum successor, que naõ só occupasse; mas lhe enchesse o lugar,

gar, por D. Fernando de Menezes, seu Embaixador em Roma, que succedêra neste emprego a D. Alvaro de Castro, escreveo aos 49 Cardeaes, que haviaõ entrado no Conclave para pezarem na balança do Santuario a gravidade da materia, que tinhaõ entre mãos. Cortadas pela Espada de dois gumes, que chega a penetrar a indivisibilidade das almas, as muitas duvidas, que naõ podiaõ deixar de se levantar na Congregaçaõ de tantos homens, ainda que Principes da Igreja: bem manejada aquella Espada, que he Palavra, e Espirito de Deos, pelos Cardeaes Farnese, e Borromeo, com applauso universal do Christianismo, e jubilo particular delRei D. Sebastiaõ foi eleito em 7 de Janeiro deste anno Fr. Miguel Ghisleri, Cardeal do titulo de Santa Maria super Minervam, que tomou, e nós o adoramos sobre os nossos Altares com o nome de S. Pio V.

Era vulg.

Este Pontifice digno de immortal memoria, reconhecendo aos Monarcas Portuguezes taõ zelosos dos interesses da

Era volg. da Igreja, dois dias depois da sua eleiçaõ escreveo a ElRei D. Sebastiaõ dando-lhe parte della, e representando-lhe: Que sendo assumpto ao Pontificado em hum tempo taõ critico, que representava fracas todas as forças para contrastar os impetos das *heresias*; para ter maõ nos scismas desbocados; para reconciliar a unidade, e concordia Christã: que devendo applicar-se á refórma dos costumes, corruptos havia tanto tempo, promover, e restituir o seu vigor á *Disciplina* da Igreja: elle reconhecia, que sem o seu auxilio, e o dos outros Principes Catholicos naõ lhe seria facil conseguir projectos de tanta difficuldade; e que elle assim o esperava de hum Principe successor de tantos Monarcas, que nas provas publicas da sua piedade para com a Santa Sede estabeleciaõ a firmeza do seu Throno, ou firmavaõ a estabilidade da sua gloria.

I. Se esta superior eleiçaõ socegou os cuidados da nossa Corte, ella entrou em outros naõ menores na de

Con-

Era vulg.

Confessor para ElRei : hum emprego, em que a Rainha reconhecia o fundo das circunstancias necessarias, e que desejava recahisse em pessoa; que se avantajasse em talentos ao Mestre o Padre Luiz Gonçalves da Camara, e ao menos igualasse em prudencia ao Ayó D. Aleixo de Menezes. Prevaleceo entaõ o seu voto contra o de alguns interessados, e foi eleito o Padre Fr. Luiz de Montoya da Ordem de Santo Agostinho, natural da Villa de Belmonte em Castella: varaõ veneravel pela authoridade dos annos, pela sua alta prudencia, pelas suas consummadas experiencias, pelas suas grandes virtudes : tudo qualidades, que o faziaõ digno da occupaçaõ, que entrava a exercitar com violencia como humilde. Mas fosse que respirações oppostas intentassem suffocar a sua; ou fosse reconhecer por experiencia, que o ar de Palacio ordinariamente corrompe a boa disposiçaõ da santidade, elle entrou na idéa de trocar as honras da Dignidade pelo socego do seu Claustro.

Co-

Era vulg.

Como para os recursos humanos a sua diligencia encontrava fechadas todas as portas, o Varaõ Santo empenhou o Ceo com votos, que tiveraõ o desejado exito na acceitaçaõ Divina. Insensivelmente se conformáraõ os Principes em naõ fazer violencia á repugnancia do Padre Fr. Luiz, deixando a sua resoluçaõ dependente só do seu arbitrio. Elle recebeo a graça como hum esforço da inspiraçaõ Divina, que lhe rompia o grilhaõ pezado, que para muitos he taõ leve. Elle se retira do Paço, e o Cardeal Infante, ou por elle haver sido o instrumento principal da eleiçaõ do Padre Luiz Gonçalves da Camara para Mestre delRei, ou pelo inclinar a devoçaõ extrema ao Instituto Jesuitico, ou por sugerido por quem se lhe sabia insinuar na vontade com os meios propostos para a segurança do seu partido: elle agora resolve, e ninguem, ainda que se sinta, lhe impede, que na pessoa do mesmo Padre Luiz Gonçalves da Camara appareçaõ unidos os dois empregos de Mestre,

e

e Confessor delRei. Olhando a maior parte da Nobreza para a eleiçaõ consentida com vista pezada, D. Aleixo de Menezes, que em razaõ do cargo podia fallar mais livre, buscou occasiaõ, em que o Cardeal visitasse a Rainha, e na presença de ambos, como se estivesse illustrado por luzes profeticas, inflammado no zelo, na fidelidade, no amor do Rei, e da Patria, digamos que entrou antes assim a vaticinar, que a discorrer.

Era vulg.

Elle fez hum Exordio breve, e pathetico, de que eduzio as sete causas principaes da ruina das Monarquias na menoridade dos Reis, e provou quanto trabalhára como Ayo do de Portugal para derrotar, vencer, anniquilar a todas. Expôz a primeira, que era huma especie de validos deshumanos, que criavaõ aos Principes moços em deshumanidade, despindo-os daquelle amor ao proprio sangue, que a natureza lhes inspira, persuadindo-os, que reinaráõ tanto mais livres, quanto mais se separarem, naõ se unirem, nem fizerem ca-

Era vulg so dos parentes: que elle ao contrario arrancára ao seu Real Pupillo das mãos deste extremo taõ perigoso, e nada lhe permittira, sem que primeiro o instruisse, em que suas Altezas, Avó, e Tio, lho permittiaõ, como altos objectos a que elle devia render obediencia. Expendeo a segunda causa, que perturbava a paz dos Reinos; que alterava a Nobreza delles, e vinha a ser o favor, e graça singulares dos Principes, que para si só sollicitavaõ os Ayos, separando delles as pessoas de Estado, os homens dignos, querendo sem excepçaõ para si, e para os seus todos os mananciaes da benevolencia, toda a torrente das mercês, toda a effusaõ da liberalidade: que elle navegando rumo opposto, jámais pedira cousa alguma para si, ou para parente seu, tendo tantos benemeritos; e que se em alguns despachos se interessára, todos foraõ para estranhos, como Suas Altezas, e o Reino naõ ignoravaõ.

A terceira causa disse, que era a cu-

cobiça dos mesmos Ayos, que se aproveitavaõ das vontades dos Principes, que tinhaõ sujeitos pela creaçaõ, e que pondo a hum lado aquella raiz de todos os males, ao outro a sua inseparavel companheira a ambiçaõ, faziaõ cahir nas suas casas com abundancia a chuva de Jupiter em riquezas monstruosas, e as ornavaõ pomposas de titulos magnificos: que elle tinha á vista do mundo a sua conducta taõ desconforme destas maximas, que D. Aleixo entrára a ser Ayo, D. Aleixo se conservava, taõ pobre no fim, e no meio do exercicio do cargo, como no principio, e antes delle: sempre o mesmo homem, a mesma casa, as mesmas rendas, o mesmo caracter. Referio a quarta causa, que vinha a ser, e nascer da estimaçaõ, que os Ayos queriaõ só para si, apartando aos Principes da communicaçaõ dos seus vassallos, especialmente da dos Nobres; persuadindo-os que a Magestade como sacramento so ha de expôr poucas vezes para ter mais adorações; que se de-

Era vulg.

Era vulg. deve regatear ao povo; que se faça temida para ser mais respeitada; ultimamente que as respostas, e as mercês, sendo acções que pertencem aos Principes fazellas por si mesmos, elles os induziaõ a que as dessem, e as fizessem pelas suas mãos, e pelas suas bocas como seus Internuncios: que delle sabiaõ todos, como havendo conhecido em ElRei huma alma altiva, hum espirito de grandeza, sempre lhe propôzera com razões vivas as propriedades, as forças do seu Dominio para ficar advertido, que a conservaçaõ pacifica do Estado dependia delle se mostrar ao povo condescendente, á Nobreza benevolo.

Referio D. Aleixo a quinta causa, que eraõ as licenças grosseiras, indecentes, criminosas, que os Ayos tomavaõ dos Principes em razaõ do trato frequente com elles; de que resultava faltarem ás devidas ceremonias, á delicadeza dos cortejos proprios da Magestade, estragar-se o seu Decoro, darem hum máo exemplo aos vassallos para nas occasiões faltarem á gra-

vi-

vidade, e termos necessarios á sua grandeza: huns abusos, que insensivelmente vinhaõ a causar desestimaçaõ, e o pouco respeito do Principe no animo dos mesmos vassallos: que elle tomava a Suas Altezas por testemunhas, de que D. Aleixo antes, e depois delRei ter uso de razaõ, desperto, dormindo, ou só, ou acompanhado, sempre o tratára com aquelle alto respeito, e ceremonias reverentes, que consagrára ao Augusto Rei seu Avô, até ao ultimo instante da sua vida, sem se lhe notar para com o Soberano Neto a mais leve alteraçaõ ainda nos menores accidentes do respeito, da submissaõ, dos cultos indispensaveis para com os Principes em todos os tempos, em todas as suas idades.

Era vulg.

Largamente expôz elle a sexta causa, que nascia dos Soberanos nas idades verdes haver quem os incline á guerra, ás caçadas, aos jogos, ás festas, tudo com excesso, que naõ podia deixar de ser vicioso, quando estes exercicios tomados com media-

nia

Era vulg. nia eraõ virtudes: donde provinha, que elles deixassem os genios nas mãos das inclinações, e complacencia, com ruina dos negocios de Estado, que ou esqueciaõ, ou inteiramente os fiavaõ de outros, como muitas vezes mostrára a experiencia; e elle estava vendo em ElRei D. Sebastiaõ o muito que aprehendia as cousas, a que o inclinavaõ, mostrando-se já hum Principe, que tudo buscava pelos extremos: que por isso elle, naõ só trabalhára vigilante em o apartar dos vicios; mas em dar entrada no seu animo ás virtudes, naõ succedesse, buscando pelos extremos as acções, chegar aos pontos de se perder, como era vulgar acontecer aos excessos da virtude, que era o que elle temia, sem susto de erros viciosos em ElRei, que elle naõ tinha na sua natureza.

Naõ expôz D. Aleixo de Menezes a septima causa com o estylo das precedentes, e se satisfez com dizer: que de inclinar o animo delRei, ou inclinado naturalmente lhe permittir costu-

tu-

tumes viciosos, occasiaõ mais proxima da sua perdiçaõ, ella a porta que alguns abríraõ para entrarem á sua privança: isto era hum ponto, de que elle naõ tratava, como incompativel á pessoa, e natureza do Principe; e que elle reconhecia naõ ser justo pretender louvor dos erros, que naõ committêra, quando atentas as suas obrigaçóes, nem ainda por promover nelle as virtudes se lhe deviaõ dar graças. Depois exaltou as qualidades delRei, mostrando no agrado dellas composto com tanta perfeiçaõ o heroismo, que parecia haverem nelle nascido para maiores Imperios: idéa ao seu entender taõ infallivel, que se as mesmas qualidades naõ se remontassem a extremos eminentes, se novas communicaçóes futuras naõ as pervertessem, se ellas se conservassem no estado presente, D. Aleixo de Menezes prometria a Portugal o Principe mais excellente, que elle havia tido de muitos tempos até entaõ. Em fim este Fidalgo havendo orado pelo estilo, que acabo de referir,

Era vulg.

Era vulg. rir, elle fez a sua Peroração nestes precisos termos.

Tudo isto me parece justo conferir com Vossas Altezas; naõ por querer agradecimentos, ou satisfaçaõ de cumprir com o que devia, nem por imaginar, que alguma cousa destas lhe seja occulta; mas como com as lições, e novos exercicios de Estado ha de ter ElRei Nosso Senhor mais communicaçaõ, que a minha, de que se lhe póde seguir affeiçaõ, que o guie por differente caminho, do que lhe eu tenho mostrado, quiz fazer a Vossas Altezas esta lembrança, e pedirlhes, que attendaõ ao estado, em que de presente temos a ElRei para se medir com o do tempo adiante, que duvido ser taõ melhorado em tudo, quanto a capacidade, e melhor conhecimento das cousas saõ avantajadas em Sua Alteza: do qual assim como naõ he justo, que usurpe eu a gloria, sendo o fructo de trabalho, e industria alheia, assim naõ queria, que se me roubasse a que mereci com tanta vigilancia, e trabalho do pensamento,

que

que naõ he taõ pequena honra por igual a qualquer das que herdei dos meus antepassados: e como minha muita idade acompanhada de algumas indisposições naõ daõ lugar a taõ continua assistencia, como atégora fiz com a Pessoa delRei Nosso Senhor, he justo, que Vossas Altezas supraõ com o seu cuidado, aonde naõ abranger o meu, e ajudem a sustentar a Portugal hum Principe ornado de partes taõ merecedoras do Imperio, porque se naõ perca em poucos dias o trabalho de muitos annos, e chorem os seus vassallos para sempre a mudança de taõ excellente natural, aonde os maiores vicios tememos, que venhaõ a ser os excessos de virtude.

Era vulg.

Acabou de fallar D. Aleixo de Menezes, e sendo a sua efficacia capaz de produzir huma uniformidade de affectos em quem o ouvia, elles foraõ bem desconformes na Rainha, e no Infante Cardeal. Aquella Soberana pezando na balança da sua circunspecçaõ consummada a solidez das razões, de que D. Aleixo se servíra nas suas de-

Era vulg. monstrações, como se já estivesse vendo na Monarquia verificadas as que na boca daquelle Oraculo pareciaõ profecias: ella deliberada, judiciosa, affavel agradeceo com lagrimas a D. Aleixo as verdades taõ bem fundamentadas, que acabavaõ de sahir do seu espirito inflammado, ardente, zeloso, e fiel. O Infante Cardeal abandonado ás sugestões, sujeito o entendimento aos mesmos dominantes da sua vontade, como author principal da eleiçaõ do Confessor, que ouvíra contrariar: elle com o semblante carregado, a face immutada, a voz turbida, sobre a resposta da Rainha proseguio: que sempre conhecêra o zelo, e fidelidade, com que elle D. Aleixo cumpríra as obrigações do seu nascimento na moral, e politica educaçaõ, que dera a ElRei seu sobrinho; que continuasse nella associado do seu Confessor, que sendo filho de huma Religiaõ exemplar, e edificante, com as suas maximas santas formaria em ElRei hum Monarca perfeito.

Despedio-se o Cardeal da Rainha com

com a mesma melancolia, com que dera esta resposta, e com que ouvíra a D. Aleixo. O mesmo quizera fazer este Fidalgo sem mais fallar, nem ouvir; mas a Rainha o deteve, e lhe disse: que ella lhe agradecia muito quanto tinha ponderado no tempo, e conjunctura, que buscára para o fazer; que os seus temores eraõ iguaes aos que elle mostrava, agora maiores pelos confrontar com as razões, que acabava de lhe ouvir; que por isso de novo, e se podia ser, com maior authoridade lhe encarregava a guarda do *Corpo* delRei seu Neto. O sabio, e prudente Fidalgo lhe respondeo pronto: que pouco importa, Senhora, a guarda do Corpo delRei, se o atacarem, e abrirem brecha na Alma, que rendida aos pretextos especiosos da consciencia, e da virtude, o arrastará todo a extremos, e singularidades perniciosas. Façamos o que está em nós, (tornou a Rainha com alto acordo, e resignaçaõ inimitavel) e deixemos a Deos sua parte, pois he quem dispõe, e governa os corações dos Reis; e quan-

Era vulg.

Era vulg. quando elle permitta, que pela via menos imaginada venha taõ grande calamidade ao Reino, naõ seremos participantes da culpa, já que o hajamos de ser no consentimento.

CAPITULO IV.

A Ilha da Madeira he invadida por huma armada de Corsarios Francezes induzidos pelo infame traidor Gaspar Caldeira.

Ao longe se iaõ já representando os ensaios funestos para a ultima scena da Tragedia de Portugal, de que os campos de Alcacere em Africa tinhaõ de ser theatro. Olhava-se neste anno para a India, e juntas a outras decadencias do Estado, se viaõ successos pouco favoraveis, como foraõ os das duas esquadras ultimamente empregadas contra as náos, que o soberbo Achem mandára a Meca, e a sensivel diminuiçaõ nos seus interesses pela ruina, e divisaõ do poderoso Reino de Bisnagá, como ha pouco referi-

rimos. Se a vista se inclinava para o Brasil, elle se mostrava sempre invadido, ás vezes pouco seguro entre o furor de inimigos teimosos, muitos, invejosos, e barbaros, que só haviaõ ser abatidos por armas poderosas. Em Africa naõ assustavaõ pouco as intençõẽs do Xerife, que tendo já sitiado a Mazagaõ, ameaçado a Tangere, com o poder crescido dava todos os indicios de lhe ser intoleravel a residencia dos Portuguezes nessas poucas praças dos seus Estados, que lhe deixáraõ de ser abandonadas pela froxidaõ, e máo conselho delRei D. Joaõ III.: hum máo conselho, e huma froxidaõ, que já eraõ cabalmente conhecidos, e que com evidencia já mostravaõ tristes, e perniciosos os seus effeitos.

Em volg.

Se poucos annos passados se buscavaõ outras lembranças, ellas se encontravaõ lastimosas na indignaçaõ divina, que commoveo os elementos para o castigo horrendo, que descarregou sobre os moradores da Ilha de S. Miguel, de que eu fiz memoria. Ainda

Era vulg. da esta se conservava viva, quando agora na Ilha da Madeira foi descarregado outro flagello naõ sei se de igual, ou maior pezo na invasaõ barbara, e deshumana dos Francezes conduzidos para verdugos da Patria pelo cruel, e infame traidor Gaspar Caldeira, natural de Tangere, que fora Moço da Camara do Cardeal Infante D. Henrique. Este Principe, como Regente, que era do Reino, e por naõ alterar as disposições dos Reis passados, fez observar com rigor a prohibiçaõ de trazerem ouro por sua conta os homens, que commerciavaõ na Costa da Mina. Muitos peritos, e déstros na nautica se sentíraõ tanto da exacta observancia, que se queria nesta lei, que escandalisados della deixavaõ a Patria, e iaõ offerecer-se a serviço estranho.

Entre estes, o primeiro que experimentou a pena da confiscaçaõ do seu amado ouro, foi o celebre Caldeira, malograda a confiança de haver sido criado do Infante Cardeal, que naõ fez caso algum desta causal, que in-

interpôz o prejudicado para ser absolvido. Desesperou o avarento com a perda, e arrebatado da paixaõ cega, com outros pilotos dos seus humores taõ sabios na navegaçaõ como elle, buscou o refugio de França, determinado a vingar o seu aggravo a todo o custo. O Cardeal Regente informado da fugida de tantos homens, que eraõ necessarios, mandou publicar Editaes, para que em certo tempo determinado se recolhessem ao Reino, aonde seriaõ perdoados. Todos obedecêraõ menos o delicado Caldeira, que já a este tempo negociava com alguns Francezes, especialmente com os da Rochela, huma grande façanha de muita ganancia, e pouca despeza para facilitar o projecto.

Era vulg.

Tal lhes representava elle huma irrupçaõ pronta na Ilha da Madeira; que sabia estar taõ abastada de todo o genero de riquezas, como pobre de armas, de munições, e de soldados: dominio, que se mantinha indiscretamente confiado na segurança da larga paz. Menos instancias bastavaõ

Era vulg. vaõ para se moverem os espiritos de huns piratas de sua natureza avarentos, mais seguros pela offerta de ser o mesmo Caldeira o conductor, e guia da empreza. Governava entaõ a Ilha Francisco Gonçalves da Camara em lugar de seu tio o primeiro Conde da Calheta Simaõ Gonçalves da Camara, que se achava ausente do Reino, e da Ilha. Naõ passava pela imaginaçaõ dos seus moradores a calamidade, que os esperava; quando no dia 2 de Outubro algumas pessoas, que passavaõ á Ilha do Porto Santo, viraõ junto a ella oito náos ancoradas, e em terra varias cazas ardendo. Virada a proa, vieraõ dar parte á Madeira do que viraõ, e discorriaõ. Tumultuariamente entrou a preparar-se para fazer huma apparencia de defensa a chusma de homens bizonhos, desarmados, que jámais haviaõ visto o semblante da guerra, sendo a confusaõ dos aprestos o primeiro presagio dos estragos.

Na manhã do dia seguinte 3 de Outubro appareceo a armada dos Hugonotes formada em linha pela ponta de

de S. Lourenço, e imaginou hum Capitaõ chamado Thomé Alvares, que Machico havia ser o primeiro lugar atacado. Elles foraõ prolongando a costa: passáraõ por Santa Cruz, e fazendo movimentos para entrar na bahia da Cidade de Ponte Delgada, ainda alguns entendêraõ, que as náos eraõ Portuguezas. Logo os desenganou outro movimento no bordo do mar, que indicava fugirem do perigo dos Ilheos para irem huma legoa álem da Cidade á Praia Formosa, que era o lugar accommodado para o desembarque das tropas, aonde as guiava o prático, e infame Caldeira. Novecentos arcabuzeiros saltáraõ em terra; mas vendo o seu General Moluc, Gascaõ alentado, que os nossos corriaõ a deter-lhes a marcha, fez desembarcar o resto das tripulações das náos já ancoradas para varejarem a praia com o seu fogo. Os Portuguezes sem ordem, notando a fórma dos inimigos, a rapidez da marcha, o fogo vivo sobre ella, todos fugíraõ, deixando aos inimigos

Era vulg.

gos

Era vulg. gos o passo franco para a Capitál da Ilha.

Desenfreou-se nella o furor a commetter crueldades, a cobiça a buscar materia para o incendio, que nunca diz, que basta. Muitas pessoas Sagradas, e Seculares foraõ degolladas, profanados os Templos, e as Imagens, roubadas as Igrejas, e as casas, sem mais despique em tantas affrontas, que o de huma bala venturosa disparada de huma caravela de Setuval, que apanhando por hum dos joelhos ao General inimigo lhe deixou por poucos dias a vida. O seu grande valor sim desprezou o golpe em quanto naõ consummava a acçaõ; mas elle o privou de gozar os injustos interesses da preza, e a gloria infame do triunfo impio. Com a mesma facilidade da Cidade foi ganhada a Cidadella, aonde com a sua familia se havia refugiado o Governador Francisco Gonçalves da Camara, que encontrou na sua qualidade a recommendaçaõ, e salvo-conduto para a vida.

Rou-

Era vulg.

Roubado o valor de mais de milhaõ, e meio, perdida toda a artilharia, forçadas pelas Hereges innumeraveis donzellas, assollado o profano, polluto o Sagrado; os afflictos moradores da Ilha de ambos os sexos, e de todas as idades, andavaõ errantes pelas solidões, como que pedindo aos montes, que cahissem sobre elles, ás grutas, que os escondessem no abysmo das suas cavernas, como se estivessem já vendo os ensaios para o horror do dia ultimo. O grande que causáraõ tantos estragos nos animos piedosos do Capitaõ Thomé Alvares, de Antonio do Carvalhal, de Francisco Leomelim, e de Antonio de Freitas excitou nelles os generosos desejos de huma pronta, e correspondente vingança. Elles ajuntáraõ com extraordinaria despeza hum grosso respeitavel de gente para acudirem á Cidade invadida, tomarem conta aos Francezes do que acabavaõ de obrar nella, conjúrados a destruillos, ou a morrerem na empreza.

Quando elles com todas as for-

Era vulg.

ças dos povos da Ilha estavaõ a meia legoa de distancia da Cidade prontos, e resolutos a obrar, recebêraõ hum aviso do General Camara, em que lhes fazia saber: como o novo Chefe dos Francezes informado da sua determinaçaõ o buscára, e lhe dissera, que á mais leve resistencia, que os Portuguezes lhe fizessem, mandava tocar a degolla na Cidade; que tudo passaria á espada, e que elle General havia ser o primeiro dos mortos: que nesta consternaçaõ lhes pedia suspendessem os seus intentos bizarros, se retirassem, e deixassem ao Author de tudo obrar os seus designios Santos. Perplexos ficáraõ aquelles homens estimulados no que deviaõ obrar á vista de embaixada semelhante. Suspender a resoluçaõ era privarse de hum triunfo glorioso, ou de huma gloriosa morte em causa taõ justa. Continuar nella tinha por consequencia a perda de tantas vidas dos seus amados Patricios, que já se entendiaõ victimas sacrificadas a hum furor deshumano. Prevaleceo aqui a cari-

ri-

ridade a todos os outros respeitos, e ella, que tudo vence, triunfou com honra mais solida sem combate.

Era vulg.

Quatorze dias se demoráraõ os Francezes em despojar a Ilha da Madeira das suas riquezas, com que carregáraõ naõ só as suas oito náos de alto bordo até ás escotilhas; mas dois navios nossos, e a caravela de Setuval, que esperavaõ no porto a monçaõ para navegarem a S. Thomé. A 17 de Outubro se fizeraõ elles na volta de França com Gaspar Caldeira satisfeito do seu honrado despique, que logo veremos castigado com morte infame. Acudíraõ logo os moradores da Ilha a alimpar a Cidade, e o campo de muitos cadaveres immundos, de sordidezes pestiferas, a purificar os Templos, a darem graças ás misericordias de Deos por naõ ficarem de todo consumidos. Depois baixáraõ á praia para recolherem como despojos dos inimigos os seus mesmos cabedaes, que naõ lhes cabendo no vaõ de tantas náos, huns deixáraõ em terra, outros arrojáraõ ao mar: assolaçaõ, que repre-

sen-

Era vulg. sentava a Ilha com pouca differença da imagem da solidaõ, em que a deixou o primeiro incendio de sete annos continuos, que consumio a especiosidade dos seus bosques.

Ainda os Francezes estavaõ na Ilha, quando chegou a Lisboa a noticia da invasaõ. Naõ he dizivel a diligencia, com que em oito dias se aprestou huma armada de 22 vélas, em que entravaõ seis de alto bordo, duas grandes náos, e quatorze caravelas, de que foi nomeado Chefe *Sebastiaõ de Sá*, filho de Joaõ Rodrigues de *Sá*, Alcaide Mór do Porto, condecorado com muitos serviços da India, que o faziaõ benemerito do cargo. Dois dias antes de sahir a armada partio levado do amor da Patria Joaõ Gonçalves da Camara, filho de Simaõ Gonçalves, Governador da Ilha, e foi o primeiro que chegou a ella em huma só embarcaçaõ, sem temor aos perigos, impavido ao encontro, que podia ter com as forças desproporcionadas dos corsarios. A 26 de Outubro, dez dias depois da sua retirada, chegou

gou a nossa frota, e os dias que os soldados se demoráraõ em acabar de espoliar o resto da substancia da Ilha, elles foraõ os que impedíraõ ao General bater-se com os Francezes nas partes do Lançarote, aonde arribou dois dias depois delles haverem partido. A armada se recolheo a Lisboa sem fructo, e a Ilha opulenta, sem despique, ficou assollada.

Era vulg.

CAPITULO V.

Como Gaspar Caldeira foi trazido, e justiçado em Lisboa, e das representações, que por João Pereira Dantas se mandáraõ fazer ao Rei de França sobre a invasaõ dos seus vassallos na Madeira.

Mais escandalizada a Corte de Lisboa da perfidia do traidor Gaspar Caldeira, que das atrocidades dos Hereges Francezes commettidas na Ilha da Madeira; o Cardeal Infante se resolveo a naõ poupar diligencia para haver á maõ aquelle barbaro, e mandar

Era vulg. fazer nelle hum castigo exemplar, correspondente á gravidade do crime. Para este fim escreveo ao Embaixador, que tinha em França, encarecendo-lhe a actividade, que devia metter em obra até segurar a pessoa do Caldeira. Sentio o Embaixador, que a ordem lhe chegasse pouco tempo depois delle ter sahido de sua casa, e do Reino de França; mas fiando a diligencia a hum marinheiro muito desembaraçado, hum dos banidos, que naõ obedecêra ao Edital do *Infante* Regente: elle estimulado com a certeza do perdaõ, e de largas promessas, lhe assegurou, que havia prender o Caldeira, e trazello a Lisboa.

Cumprio o Marinheiro o promettido, seguindo os vestigios do perfido medroso, que veio apanhar em Biscaya na Praça de Fuente Rabia. Dado por elle a conhecer ao Commandante, a cuja presença o levou enganado, foi prezo, e conduzido a Lisboa, havendo já ElRei D. Sebastiaõ sahido da menoridade, porque foi a 16 de Fevereiro de 1568. No dia 18 concorreo

gen-

gente innumeravel alvoroçada para vêr o supplicio do réo, que tanto escandalisára a toda a Naçaõ. Poucas, insignificantes, sem proporçaõ ao crime pareciaõ ao povo as circunstancias, que entaõ se acrecentáraõ ao maior mal dos vivos, qual he a morte. Mas elle ao vêr as demonstrações de contricto, com que este homem acabava, ao ouvir os termos fortes, com que elle aggravava o seu delicto, mais que tudo tocado do ardor de espirito, com que elle confessava, e pedia a Deos a venia da atrocidade; que nas idéas escrupulosas, ou enfurecidas parecia inexpiavel: esse mesmo povo commovido naõ pôde conter o impeto das lagrimas, as evidencias da compaixaõ, e clamar, que Gaspar Caldeira abominavel na vida, acabára com morte de justo.

Tres complices teve elle no seu crime. Dois Pilotos chamados Antonio Luiz, e Belchior Contreiras o pagáraõ enforcados na mesma forca. O terceiro, que era hum filho do Capitaõ da Ilha do Faial, e esquecido das

 obri-

Era vulg. obrigações de honrado, o acompanhou na testa dos Francezes para roubar alguns lugares, aonde se haviaõ escondido trastes de valor: sendo trazido ao Reino, foi sentenciado na merecida pena. Empenhos poderosos conseguíraõ se lhe commutasse a sentença de morte na de degredo para o Brasil. A justiça Divina, que naõ queria este réo impunido, permittio, que elle outra vez seguisse o partido dos Francezes, e que viesse pela reincidencia ser justiçado na Ilha Terceira dezesete annos depois do crime commettido na da Madeira.

O Cardeal Infante com razaõ sentido, de que os Reis Christianissimos de tantos annos a esta parte consentissem, ou dissimulassem, que os seus corsarios infestassem as nossas conquistas, e pilhassem os navios, que dellas voltavaõ para o Reino: agora recéoso, de que no abominavel insulto referido guardassem o mesmo mysterioso silencio, determinou em officios publicos na sua Corte pedir delle satisfaçaõ, a entrega dos

ca-

cabedaes, e a restituiçaõ das perdas. Era vulg.
Para esta negociaçaõ critica, e delicada foi eleito Embaixador Joaõ Pereira Dantas, hum daquelles homens nomeados pelo favor alheio, sem merecimentos, sem ardencia de espirito, sem alentos no coraçaõ para se saber conduzir entre Aulicos consummados no meio de huma Corte intrigante. Elle entrou a fazer as suas representaçóes em tom de Declamador; mas por estylo taõ submisso; tanto de quem sollicitava misericordia, quando ia pedir justiça; taõ mavioso na consideraçaõ, de que entre os Monarcas contratantes se podessem romper os laços da paz; que o Rei de França naõ podia deixar de se encher da vaidade, de que quando entendia, que negociava com hum Monarca igual, o seu Ministro lho representava inferior na Soberania, e no poder.

Elle sim metteo em uso as apparencias de se mostrar sentido, de mandar a Portugal hum Gentilhomem da sua Camara para se descul-

par

Era vulg. par com ElRei do insulto dos seus vassallos. Mas nada de satisfações, nem de restituiçaõ, que sendo pretenções entre dois Reis mininos, ellas esquecêraõ com o tempo, e o de Portugal se contentou com a declaraçaõ de se dar por mal servido do Embaixador Joaõ Pereira. Entendeo este, que soldaria a sua quebra no aviso, que fez á Corte de Lisboa, de que na de Paris se lhe offerecia para Esposa delRei a Madama Margarida de Valois, com a condiçaõ, de que os Francezes jámais infestariaõ as nossas conquistas, naõ esquecendo a promessa vaga, de que aos moradores da Ilha da Madeira seriaõ restituidos os danos causados na ultima irrupçaõ dos Corsarios. Ainda que as clausulas do contracto foraõ reconhecidas na Corte por injuriosas, ella ordenou a Joaõ Pereira, que fosse entretendo os dois negocios com tal politica, que naõ se esquecesse de hum, nem desprezasse o outro. Mas o Ministro inhabil se houve nelles com taõ pouca dexteridade, que ambos botou a perder.

Che-

Era vulg.

Chegáraõ aos ouvidos do Santo Pontifice Pio V. as vozes da negociaçaõ do casamento, que se tratava em França, e para impedir a alliança de Rei taõ Catholico em huma Potencia lastimosamente infestada das heresias; ordenou a D. Fernando de Menezes, Embaixador de Portugal na sua Corte de Roma, que com o pezo das razões mais fortes, e energicas representasse a ElRei o seu desagrado, e o quanto lhe seria estimavel, que elle mudasse de sentimentos, pondo nesta pretençaõ silencio perpetuo. Ainda naõ satisfeito com a efficacia das vozes, que puzera na boca do Embaixador para ElRei se persuadir a dar na eleiçaõ de esposa a preferencia á Archiduqueza de Austria; elle mesmo lhe escreveo huma Carta, outra á Rainha D. Catharina, em que propôz a ambas as Magestades individualmente todas as circunstancias, porque a Princeza de Austria devia preferir á de França. Naõ havia a Rainha fazer-se violencia para se render á força das palavras, e ao pezo da authoridade do Papa para

el-

Era vulg. ella sugeitar todos os seus sentimentos á sua insinuaçaõ.

Como a santidade de Pio V. lhe propunha para Esposa de seu neto huma Princeza da Augusta Casa, donde ella trazia a origem, a que a inclinava o affecto, e em que reconhecia presentes, e para o futuro mais interessantes as vantagens de Portugal: para se mostrar ao Pontifice igualmente pronta, e officiosa, fez obediencia do seu mesmo gosto, e sem perda de tempo escreveo a seu sobrinho ElRei Filippe II. de Castella convidando-o para Agente de negocio taõ grave junto á pessoa do Imperador seu cunhado, e que conseguisse delle, que a Princeza viesse logo para Madrid esperar, que ElRei tivesse idade competente para consummar o matrimonio: circunstancia necessaria para de huma vez cessarem em França as negociações impertinentes a seu respeito. Filippe II. que talvez trouxesse já concebida a idéa, de que a Coroa de Portugal viria a recahir na sua cabeça, de que nós pouco depois vimos a pro-

prova na incumbencia, de que veio a Lisboa encarregado o Santo Francisco de Borja: elle lhe respondeo com a fria interlocutoria, de que naquelle anno havia passar a Flandres; que havia fallar ao Imperador, e que entaõ practicaria com elle o casamento delRei com a Archiduqueza sua filha.

Era vulg.

Naõ se conformava esta resposta de Filippe II. com a impaciencia, que a Rainha mostrava na conclusaõ do negocio mais grave da Monarquia. Ella reiterou as instancias com os pretextos da duvida da jornada de Flandres, e dos prejuizos da demora, pedindo a brevidade. O Rei fez lavrar por escrito outra resposta firmada pelo seu Secretario de Estado Antonio Peres, e a mandou entregar a D. Francisco Pereira, que entaõ era Embaixador de Portugal em Madrid. Ella estava concebida em termos mais vastos; mas com pouca differença dos da primeira, e de mais com duvidas novas a respeito do dote, de que elle se servio para ganhar tempo, co-

mo

Era vulg.

mo o mais principal dos seus projectos respectivos a esta materia. Da sua parte o Imperador, que poucos annos antes desejava a nossa alliança, agora estava vacillante, e perplexo pelas novas configurações do tempo. Elle tinha duas filhas, e queria casar a primeira com o Principe D. Carlos de Hespanha: matrimonio, que seu pai suspendia, já desgostado do genio inquieto do Principe, sobre o qual executou depois huma acçaõ com indignidade de pai, ainda que a queiraõ cobrir com a justiça de Rei. A segunda Archiduqueza era pedida por Carlos IX. de França, agora por D. Sebastiaõ de Portugal; e o Imperador rodeado de indecisões, esperando pelo casamento de Hespanha, contemporisava com Portugal, e com França.

CA-

CAPITULO VI.

O Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres celebra hum Synodo em Braga. A Ilha de Malta triunfa dos Turcos, e ElRei D. Sebastiaõ concorre com maõ liberal para a fundaçaõ da nova Cidade de la Valleta.

Sempre desejoso dos augmentos da Religiaõ, da reforma da Igreja, da pureza dos costumes, de obedecer ao Decreto do Concilio de Trento, de naõ se mostrar inferior no zelo ao Cardeal Infante D. Henrique, que na sua Cathedral de Lisboa mandára o anno passado celebrar o Synodo, que decretava o mesmo Concilio; o Veneravel Arcebispo de Braga determinou no presente fazer o mesmo na sua Sé Primacial para conseguir todos os Santos fins, que eu acabo de dizer. ElRei, que zeloso pelos progressos da Fé, havia encommendado ao Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Mar-

Era vulg. Martyres a celebraçaõ deste Concilio, que foi o quarto, que se convocou em Braga dos que correm impressos; desejou authorisallo com a sua Real presença. Mas sobrevindo occurrencias, que o embaraçáraõ, commetteo os seus plenos-poderes a D. Joaõ de Lima, Bisconde de Villa-Nova da Cerveira, que sentio lhe servisse o pezo dos annos de impedimento para representar em Assembléa taõ veneravel a pessoa do seu Soberano, e participar do seu zelo no serviço da Igreja.

ElRei ordenou a seu filho D. Francisco de Lima, que com os mesmos poderes substituisse o lugar, que havia encher o pai; e para atiçar mais o fogo do zelo no Arcebispo, e Bispos congregados, escreveo a todos em huma só Carta fazendo-lhes saber: que elle mandava pessoa, que em seu nome assistisse ao Concilio, que se havia celebrar em Braga, em testemunho do Santo, e Catholico ardor com que os Reis seus predecessores, e elle á sua imitaçaõ, e por eleiçaõ

pro-

propria, assistíraõ sempre ajudando com o poder Real, e favor da jurisdicçaõ Soberana Temporal as causas respectivas á honra, e louvor de Deos, á exaltaçaõ da Santa Fé, á uniaõ da Igreja Catholica: elle, e elles huns Monarcas, que jámais separáraõ os systemas da sua Politica justa das Maximas da Religiaõ Santa.

Era vulg.

Os Bispos que o Arcebispo Primaz convocou para o Concilio Provincial, foraõ os seus Suffraganeos de Coimbra Fr. Joaõ Soares, do Porto D. Gonçalo Pinheiro, de Miranda D. Antonio Pinheiro, faltando o de Viseo por estar a Sé vaga. Avisou tambem ao seu Cabido, chamou todos os Parrocos do Arcebispado, convidou os Prelados das Religiões, que formáraõ hum corpo brilhante na Cathedral o dia 8 de Setembro, o primeiro da abertura do Concilio, que teve fim a 10 de Abril do anno seguinte. O Arcebispo com a sua natural eloquencia, e espirito ardente propôz aos Padres da respeitavel Assembléa: que huma das maiores necessidades

da

Era vulg. da Igreja era, que os Ministros do Altar, os Operarios do Evangelho se conservassem puros, incontaminados, homens sem mancha, como gente, que naõ só levava; mas que em si guardava os Vasos preciosos do Senhor: que elles haviaõ ser os canaes sempre limpos, por onde sempre corressem claras as aguas da doutrina: elles os dispenseiros fieis da graça multiforme de Deos, a toda a hora prontos para repartirem, e partirem o paõ dos pequeninos: que elles eraõ as vigias, as sentinellas dos muros de Jerusalem, donde sem cessar haviaõ clamar de dia, e de noite, nunca fatigados em louvar o Guarda de Israel, que naõ dorme, nem dormita: que nos devidos tempos haviaõ descer dos muros ao campo para combaterem o Forte armado, que guarda o seu atrio, naõ succedesse romper-lhe, amaçar-lhe, roubar-lhe os Vasos, que sempre deviaõ possuir, sempre guardar luminosos, e limpos.

Finalmente em cinco Actas foraõ neste respeitavel Synodo estabelecidas

Cons-

Constituições saudaveis para a extirpaçaõ das corruptelas, para a reforma dos costumes, para a administraçaõ dos Sacramentos, para a observancia dos Decretos do Concilio Geral de Trento. Ainda que em todos os deste Synodo, que o Arcebispo enviou a Roma, igualmente se admirava a sua erudiçaõ profunda, o seu zelo Pastoral ardente; elles foraõ com força, e vigor contrariados pelos Procuradores delRei, e pelo Clero de Braga. Mas como parece que Deos queria, que triunfasse sempre a jurisdicçaõ Ecclesiastica, e a vigilancia paternal do grande Arcebispo Fr. Bartholomeo dos Martyres em beneficio do seu amado rebanho; dispôz, que elles fossem approvados, e confirmados em Roma pelas activas diligencias do Cardeal Alexandrino.

Quando em Braga contendiaõ os juizos, em Malta combatiaõ as armas. He bem vulgar na Historia o formidavel sitio, que os Turcos puzeraõ este anno á Capital da Ilha, que eu em outra parte já escrevi. Era Graõ Mes-

Era vulg. tre da Religiaõ o memorável Joaõ de la Vallete, que a naõ ter em si muitas qualidades estimaveis, bastava a grande honra, que adquirio nesta occasiaõ, para merecer lugar distincto entre os Heroes. Corria o mez de Maio deste anno quando da Ilha se descobrio espantoso o poder do Graõ Turco Solimaõ em 130 galés, em 30 galeotas, em dez grandes sultanas, em 200 navios de transporte, tudo opprimido com o pezo de 50ȸ000 Genizaros, e Spais, de artilharia innumeravel, de munições, e viveres immensos. Eraõ Commandantes no mar o Baxá Piali, em terra Mustafá, ambos ferozes, e aguerridos soldados. Nós passamos em silencio quatro mezes de façanhas continuas obradas de ambas as partes, nem individuamos a fugida vergonhosa dos Turcos depois de haverem perdido naquelle espaço de tempo quinze mil soldados, oito mil marinheiros, e mais de setenta e oito mil tiros de canhaõ, ou de 130ȸ000 como dizem.

O que vamos a referir he, que depois

pois de desassombrada a Ilha de Malta do pavor das eclypsadas Meias Luas, o Graõ Mestre la Vallete sahio coberto de gloria a examinar no recinto da sua praça o estado deploravel a que a deixára reduzida o furor dos Barbaros. Elle notou, e vio toda a Ilha na figura triste de naõ poder ser defendida, se Solimaõ irritado quizesse vingar a perda, e a quebra das armas. Considerando, que fazer só reparos, era perder tempo, e cabedal; o magnanimo Graõ Mestre concebe a idéa generosa de fundar huma nova Cidade taõ forte, e respeitavel, que ella seja em todo o Archipelago do Mediterraneo o rochedo firme, aonde se desfaçaõ em escumas frageis as ondas da soberba potencia dos Turcos, por mais alterosas, que ellas se levantem, e indomaveis o combataõ. Naõ tinha forças a Religiaõ só para designio taõ alto, e necessario. Ella chama pelos soccorros dos Principes Catholicos; todos a ouvem, e officiosos todos lhe respondem.

Era vulg.

Entre os Monarcas, que concor-

Era vulg.

rêraõ com avultados donativos para se levantar na Cidade da Valleta hum novo antemural á Christandade, ElRei D. Sebastiaõ, se naõ excedeo na profusaõ aos mais poderosos, naõ ficou nella inferior a algum delles. Abríraõ-se os fundamentos para a grande fabrica; o Graõ Mestre em habito de ceremonia, acompanhado de hum sequito luminoso lançou nelles a primeira pedra com cultos de piedade edificante; com apparato de pompa magnifica: pompa, e piedade correspondentes á sublimidade de taõ grandes Reis, que todos tinhaõ parte na obra. O Santo Pontifice Pio V. que a ElRei D. Sebastiaõ rendeo as graças pela liberalidade com que servia a Religiaõ nos donativos, que para ella applicava; lhe assegurou, que naõ só o corpo da Ordem de S. Joaõ de Malta; mas que a mesma Sede Apostolica conservaria para o reconhecimento immortal a lembrança do zelo ardente, que o seu coraçaõ pio fazia sahir pelas mãos abertas, como exibiçaõ de obra, que

pro-

provava com evidencia a ingenuidade do amor a ambos os objectos, hum como Depositario, o outro como Defensor da Fé, que elle professava, e defendia.

Era vulg.

FIM.

INDICE
DOS CAPITULOS
deste Tomo XV.

LIVRO LIII.

CAPITULO I. *Trata-se da vida, e acções de D. Sebastiaõ o Desejado, XVI. Rei de Portugal.* - - 1

- - II. *Primeiras acções da Rainha Regente na menoridade delRei D. Sebastiaõ.* - - - - - - 14

- - III. *Continuaçaõ dos successos da India no anno de* 1559. - 29

- - IV. *Continuaçaõ dos negocios da India no dito anno de* 1559. - 45

- - V. *Entraõ os successos do anno de* 1560, *sendo o primeiro a resoluçaõ que tomou a Rainha de largar a Regencia do Reino.* - - 56

- - VI. *Tocaõ-se os successos do Brasil nos annos de* 1558, 1559, *e se continua com os do presente de* 1560. - - - - - - - - - 71

CAP.

CAP. VII. *Escrevem-se os successos da India no anno de* 1560. - 84
- - VIII. *Continuaõ os successos da India no fim deste anno, e principiaõ os de* 1561. - - - 99
- - IX. *Trataõ-se as primeiras acções do Viso-Rei Conde do Redondo até ao fim do anno de* 1561. - 112

LIVRO LIV.

CAP. I. *Trata-se da Embaixada, que ElRei D. Sebastiaõ mandou ao Concilio de Trento, e de como nelle se conduzíraõ os Prelados, e Theologos Portuguezes.* - - - 119
- - II. *Trataõ-se os successos da India neste anno de* 1562. - - 129
- - III. *Escreve-se o sitio, que o Xerife Muley Abdala, Rei de Marrocos, pôz á praça de Mazagaõ.* - - - - - - - - - - 138
- - IV. *Continúa o sitio de Mazagaõ.* - - - - - - - - 154
- - V. *Do que succedeo depois do assalto, e como os Mouros repetíraõ segundo.* - - - - - - - 169
- - VI. *Dá-se conta dos Officios do Embaixador D. Alvaro de Castro na Corte de Roma, e das disposi-*
ções

ções da Rainha para renunciar o governo do Reino. - - - - - 183
CAP. VII. Concluem-se os successos da India nesse anno de 1562, e se dá principio aos de 1563. - - 192
VIII. Trataõ-se outros successos no Reino, e na India este anno de 1563. - - - - - - - - - 205

LIVRO LV.

CAP. I. Principiaõ os successos da India no anno de 1564 com a morte do Viso-Rei Conde do Redondo. 219
II. Principia a narraçaõ dos successos do Reino neste anno de 1564. - - - - - - - - - - - - 227
III. Em desagravo do máo successo sobre Mazagaõ o Xerife Rei de Marrocos determina sitiar a cidade de Tangere, e se trataõ outros successos - - - - 236
IV. Prosegue-se a narraçaõ dos successos de Tangere no anno de 1565, e principia a dos da India no mesmo anno. - - - - - 249
V. Prosegue-se o sitio de Cananor, e outros successos da India. - - - - - - - - - - - - 263
VI. Assalta o Raju a fortaleza de

de Cota, e he desbaratado. Continuaõ outros successos da India neste anno. - - - - - - 275
- - VII. *Escreve-se o casamento da Senhora D. Maria, filha do Infante D. Duarte, com Alexandre Farnese, Duque de Parma.* - 291

LIVRO LVI.

CAP. I. *Referem-se os successos de Africa, e da India no anno de 1566.* - - - - - - - - - - - - - 304
- - II. *Trataõ-se os negocios da Religiaõ na India pelo mesmo tempo.* - - - - - - - - - - - 319
- - III. *He eleito Pontifice S. Pio V. em lugar de Pio IV. Nomea-se ao Veneravel Fr. Luiz de Montoya para Confessor delRei. Succede-lhe o Padre Luiz Gonçalves da Camara. Parecer sobre esta materia do seu Ayo D. Aleixo de Menezes.* - 326
- - IV. *A Ilha da Madeira he invadida por huma armada de Corsarios Francezes induzidos pelo infame traidor Gaspar Caldeira.* - 342
- - V. *Como Gaspar Caldeira foi trazido, e justiçado em Lisboa, e das representações, que por Joaõ Pe-*

Pereira Dantas se mandárаõ fazer ao Rei de França sobre a invasaõ dos seus vassallos na Madeira. - - - - - 353

CAP. VI. *O Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres celebra hum Synodo em Braga. A Ilha de Malta triunfa dos Turcos, e ElRei D. Sebastiaõ concorre com maõ liberal para a fundaçaõ da nova Cidade de la Valleta.* - 363